

Revista da Semana

Ano XLIII -- N.º 51 -- 19 de Dezembro de 1942

Preço: Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



NATAL DE 1942



Aurora
"a casimira perfeita"

— Meu caro... dizia-me ontem, na Sorveteria Branca de Neve, o meu camarada Tomé Gonçalves, um destes excelentes e velhos camaradas acerca dos quais quasi nada sabemos além da circunstância de nos tratarem por você — não sei se já conversámos a este respeito... Parece-me, porém, pouco provável. Em geral, tenho o cuidado de evitar o assunto... Várias vezes fui interrompido rudemente e contestado com indignação... De maneira, meu caro, que desisti. E se outros tocam na questão, eu me calo, me retraio, como rato que sente andar por ali perto o gato incombível... Com você, porém, muda o caso de figura. Conheço as suas idéias tão bem como você próprio...

— Melhor, com certeza! atalhei, sob a influência do ponche arquitetônico, monumental, que ele escolhera na lista e o qual me alagava de gratidão.

Gonçalves adiantou a mão, à maneira de quem susta uma força contrária e para me significar que, entre nós, tais cortezias se tornavam, se não descabidas, pelo menos perfeitamente dispensáveis:

— Tenho-o sobretudo na conta dum homem razoável, que deseja sinceramente compreender. E' quanto basta. Por causa de palavras, quem compreende não briga nunca. Cheguei à conclusão de que tudo neste mundo se resolveria da melhor maneira, na melhor amizade, se os homens percebessem claramente o que cada um deseja ou pode dizer aos outros. Todas as calamidades que vão da rixa entre dois paíanos à guerra em que entram milhões de militares proveem duma causa única: o mau entendimento da linguagem humana. Por isso, meu caro, é que decidi duma vez por todas não falar desta minha condição moral que tão inócua me parecia para o total dos meus semelhantes e no entanto me atraiu toda a sorte de desgostos e de perigos. Com você, repito, é que abro excepção e lhe declaro à puridade: "Aqui onde me vê, caro amigo, não tenho crença de espécie alguma".

Depondo a colher com que acabara de demolir o castelo de sorvete, opinei convictamente:

— E está no seu direito.

— Não é mesmo? exclamou Gonçalves, com ou sem motivo, em todo caso triunfante. — Observarei ainda que me assiste a segurança absoluta de saber distinguir o bem do mal. E dentro deste critério pratico todo o bem que posso e evito, tanto quanto possível, ocasionar o mal. Isto, sem mira em qualquer retribuição ou correspondência, e sem lembrança sequer de suscitar a gratidão. Estabeleci entre a minha pessoa e os outros seres humanos uma lei de solidariedade que só não observo quando de todo me falecem os meios de a exercer. Com os seres humanos? E com os outros também. E mais que solidariedade: altruísmo, abnegação, sacrifício. Nunca eu deixaria afogar-se uma criatura sem saltar à água, resolvido a salvá-la a qualquer custo e havendo embora noventa e cinco probabilidades em cem de me afundar com ela. E igualmente me arriscaria por um cão — se os cães não fossem prodigiosos nadadores — e, na água ou no fogo, por um gato, um pássaro ou um sagui. Aliás, o mesmo se dá com você, suponho eu!

Não o quis desiludir. Para que?

— Certamente, certamente!

— Sim, mas você procede dessa maneira em virtude de princípios tradicionais e que considera eternos. Espera agradar com essas práticas a poderes sobrenaturais que, um dia, levarão em conta as suas boas ações, descontando-lh'as do número das más ou péssimas que igualmente haja cometido. Não leve a mal que lh'o diga, mas você é, como tanta gente boa, como quasi toda a gente, um calculista. Incutiram-lhe no espírito essa regra de bem viver — regra de três entre a sua pessoa, o seu semelhante e a Divindade — e cada vez mais compenetradamente, através dos lustros e dos decênios, você vai fiscalizando a conta-corrente do seu destino. Anda, pois, num contínuo cálculo. Ao passo que eu, repare bem, para devidamente a medir, na diferença das duas mentalidades... Mentalidades ou sensibilidades, como lhes queira chamar... Eu me distingo de você e, a bem dizer, da generalidade humana, por abstrair da minha conduta de cada dia

a previsão do que tenha a gozar ou a padecer no dia seguinte. Assim, quando exerço a caridade, não penso em reembolsar o capital dessa maneira aplicado — invertido, diria um homem de negócios — muito menos os juros que, na escrita alheia, se vão vencendo e acumulando por toda eternidade... Quando me arremesso a um heroísmo, não imagino a minha frente coroada de louros noutra existência e esta imperecível... Se corro qualquer risco maior, se desafio os golpes da autêntica fatalidade, não quero saber se virei a segurar entre as mãos, para a encostar ao peito e lhe sentir na face a carícia imorredoura, a chamada palma do martírio... E, em suma, se desejo elevar-me pelos pensamentos e pelas obras, nunca me lembro de, por esse sistema de ascensão, alcançar o paraíso. Sou o desprendimento em pessoa. Eis o que, à face da terra e relativamente a você e a tantíssimos outros, constitue a minha superioridade. E agora, diga-me: Acha, sinceramente, que me devo modificar?

— De modo nenhum! respondi, com firmeza insuperável. E, lembrando-me da anedota de Mac Mahon com o negrinho aluno de Saint Cyr: *Alors, c'est vous le nègre...* — acrescentei plagiariamente: Continue, meu caro, continue!

— Assim mesmo: sozinho, forte por mim próprio, independente de tudo, a meio de milhões de criaturas que se amparam em crenças milenares? Limitado exclusivamente à minha individualidade e respondendo a todos os problemas extranhos: que, para mim, nada houve antes *disto* e, quando *isto* acabar, nada mais para mim existirá? Livre, sem dúvida, para me conduzir como entenda ou queira, mas reduzido a um corpo que, em dia incerto, tombará por terra e em terra se perderá? Reflita bem! Não lhe importe o que eu para aqui estive dizendo. Faça de conta que não deu atenção aos meus argumentos e

até alguma frase brilhante que porventura me ocorresse lhe entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Ponha a mão na consciência para me responder. Só a ela consulte e atenda. Vamos!

Não fui tão depressa assim. Nem tão diretamente como ele reclamava. O mais que pude, ao cabo de não poucos segundos de recolhimento, foi rodear, com muito mais prudência que habilidade, a questão:

— Meu caro, se você se dá bem desse modo...

— Habitualmente, não há dúvida.

Tentei uma redundância proteladora:

— Se nada tem de que se acuse a si próprio ou se queixar de si próprio...

— Em geral, perfeitamente!

Procurei ainda interrogá-lo em vez de lhe responder:

— Quer dizer que, em certos momentos... Que, num ou noutro caso de excepção... — E, como ele, diante da suprema exigência, se calasse: — Não faz mal. A excepção confirma a regra!

Gonçalves, então, deixou escapar um grande suspiro:

— Sim, mas... enquanto vigora, em vez de a confirmar, elimina-a por completo. Ora eu estou justamente atravessando uns dias, uma fase em que me extranho a mim próprio, caro amigo, sim, a mim próprio me pareço outro! E note que não é a primeira vez! Anseio por qualquer bem ou ventura que ignore; olho para a minha intimidade como se houvesse perdido um tesouro que nunca possui — e que nem por isso deixa de me fazer imensa falta. E' de certo esta aproximação do fim do ano. O espetáculo das vitrines floridas e engalanadas; essas árvores de frutos de prata, de ouro, de safira, topásio, ametista, esmeralda e rubi; esses brinquedos sem conta, essa inumerável bonecada... Um ambiente de doçura e alegria me envolve, me penetra, anunciando-me o quer que seja de formoso, refulgente, excelso, maravilhoso, uma graça, uma apoteose que eu até bem recentemente não esperava mas agora adivinho que vai chegar... Ao mesmo tempo que me vou enternecendo e regosijando, fico assim não sei como... Desorientado. E' uma festa sublime a que se mistura uma espécie de angústia. E, homem sem crenças que sempre fui, quero agora acreditar em alguma coisa... Acreditar, pelo menos, no Natal!

GRAPHICÔR CONCENTRA HARTMAN IRMÃOS. S.A.

Prepara em sua fabrica, á
Praia de São Cristovão, 249:

QUALQUER TINTA para
Impressão em Tipografia,
Litografia, Off-Set,
Folha de Flandres,
Rotativa, Marcar, etc.

RIO DE JANEIRO TEL. 48-5435.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

OUTROS RIRAM...



— Se não tivesse perdido o meu primeiro
marido na guerra, não casaria com você, meu
bem.

— Que coisa horrível, a guerra!



— Garçon, pedi um bife há mais de
meia hora. Que me diz você a isto?

— Digo que, se todos os fregueses ti-
vessem a mesma paciência, que felicidade
para nós!



— Tenho uma triste notícia a dar-lhe. O
nosso amigo doutor Mendes faleceu esta
manhã.

— Coitado! Ter-se-ia receitado, a si mes-
mo.



— Os sábios criam as máximas e os idio-
tas as repetem.

— Quem foi o sábio que criou essa?



— Quando entro em cena todo o público
fica da boca aberta.

— Que falta de educação, bocejarem assim
diante duma artista.



— E há muito tempo que a senhora é
viuva?

— Desde que o meu adorado esposo fale-
ceu!

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama
Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro
de bilis. Se a bilis não corre livremente, os ali-
mentos não são digeridos e apodrecem. Os gases
incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre.
Você sente-se abatido e como que envenenado.
Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa.
Neste caso, as Pílulas Carter são extraordi-
nariamente eficazes. Fazem correr esse litro de
bilis e você sente-se disposto para tudo. São
suaves e, contudo, especialmente indicadas para
fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas
Carter. Não aceite outro produto. Preço: \$500.

O uso diário
do
**TRICÓFERO
DE BARRY**
proporciona cabelo
abundante, bello
chelo de juventude.
Cinco gerações
têm usado com o
mesmo admira-
vel exito. É
o mais
antigo e
famoso
prepa-
rado de sua classe.

LSK

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



CAPSULAS
MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA GENS. SAMT. N. 06-1-1

O GANSO DE NATAL

Lenda rustica narrada
pelo escritor polonês
LADISLAS REYMONT

Ia um dia Nosso Senhor Jesus Cristo, em companhia de S. Pedro e de Judas, de Mjazd para Piotrkow.

Passou-se isto há muito, muito tempo porque, onde é hoje terra enxuta, eram então pântanos e alagadiços assim como onde agora se vêem campos amanhados só se via floresta. E tão deserta era a região, que se andava uma longa milha para se encontrar uma aldeia e duas para se avistar um castelo.

Nosso Senhor sofria tanto com o frio que dava pena vê-lo. Estava tudo branco de neve. Era véspera de Natal. Todos três sentiam o tormento da fome — e nem um albergue, nem uma cabana. Não havia, por aí fóra, alma viva. Paravam, de vez em quando, para descansar; mas logo se levantavam, porque os lobos e outros bichos do mato os seguiam aos rebanhos e uivavam e rugiam que era mesmo de arrepiar.

São Pedro tinha encontrado um pedaço de pau bastante grosso, de que fizera bastão, e Judas apanhara uma pedra, com o mesmo intuito de se defender.

— Não tendes medo, amigos... disse-lhes Jesus. — Eu estou convosco.

Nem S. Pedro nem Judas tinham medo... Em todo o caso um animal feroz é um animal feroz, e sempre a gente vai mais segura levando um bom cajado na mão.

Ao anoitecer chegaram a um castelo. Pensavam que ali poderiam aquecer-se um pouco e restaurar as forças esgotadas de tanto caminhar. Mas o castelo pertencia a Alemães que os escoraçaram, ordenando-lhes, com ameaças terríveis, que se afastassem para bem longe, na floresta.

S. Pedro possuiu-se de tal cólera que queria a todo custo experimentar o cacete num daqueles Alemães. E Judas vociferava:

— Estou louco, Senhor, louco de raiva! Para me acalmar, vou torcer o pescoço àquele frango que fugiu do quintal...

Mas Jesus interveio docemente:

— Tende paciência. Os homens são ignorantes e por isso, só por isso, são maus. Os macacos é que roem o pêlo do lombo uns dos outros. Os homens devem ajudar-se e proteger-se mutuamente. Isso, porém, mais tarde, mais tarde... O mundo ainda está longe dessa perfeição.

Jesus disse ainda mais coisas e, às vezes, como se falasse consigo mesmo. Atrás dele, os discípulos caminhavam, caminhavam. Fazia cada vez mais frio; e os três sentiam cada vez mais fome. A força de andar e de procurar, encontraram finalmente um albergue.

— Entremos... disse Jesus — Ainda há boa gente neste mundo.

— Mestre! observou S. Pedro. — Mas eu estou inteiramente sem dinheiro.

O Mestre apalpou as algibeiras; não encontrou nada; e o seu coração se perturbou.

— Nem eu... disse, tristemente. Mas, logo depois: — Judas, empresta-nos o que trazes contigo.

— Um florim da Polónia... declarou, resmungando, o discípulo.

Tinha no bolso dois florins, mas doía-lhe de mais separar-se assim, por completo, da sua fortuna.

— Já que não tens mais, deixa ver o florim.

Bem Jesus sabia que Judas havia mentido...

O discípulo tirou da escarcela vinte e oito gros em vez dos trinta que completariam o florim. E desculpou-se:

— Não sei onde se meteram os outros dois... — Mas dizia consigo, exultante: — Ao menos estes ficam comigo!

Nosso Senhor tomou o dinheiro; e entraram na locanda.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Para sempre, amem! Entrai, boa gente. Que bom vento vos traz por aqui? E para onde ides por uma noite assim?

— Por esse mundo fóra, boa locandeira, por esse mundo fóra. Mas estamos morrendo de cansaço e de fome. Tendes alguma coisa que se coma?

— Um pedaço de pão, depressa! implorou S. Pedro.

— Pão é coisa que não temos.

— Um pedaço de queijo, de linguiça...

— Tampouco, tampouco.

— Então, boa mulher, um prato de couves, algumas batatas...

— Não temos nada, já disse. Passaram por aí uns viajantes, comeram quanto havia.

— E aguardente, tem?

— Mas não da boa. Previno-vos de que não passa de zurrapa.

Não havia para onde apelar.

— Quem sabe se quereis, assim mesmo, um cálice? perguntou Nosso Senhor.

Judas cuspiu para o lado, com repugnância, mas S. Pedro lambeu os beiços:

— Mal, não há de fazer... E sempre dará algum calor a este pobre corpo...

— Mas arenques secos talvez haja, não? insistiu o ruivo, que era doido por peixe.

— Nem cheiro deles!

— Que poderei fazer por vós, pobres amigos? exclamou Jesus, amargurado.

Interveio a hospedeira:

— Se quisesseis pagar, talvez se arranjasse um ganso.

— Não tendes receio, sereis paga! respondeu Jesus.

A dona da casa foi buscar a ave. Judas, que trabalhara no comércio e entendia do assunto como ninguém, agarrou o ganso pelas pernas, tomou-lhe bem o peso, soprou-lhe as penas do ventre:

— Tão magro... Para um ainda poderia bastar; mas a três não lhes dá nem para a cova dum dente.

S. Pedro arranhava a cabeça. Pensava também que, para ele sozinho, sempre a ave chegaria, mas para três...

Jesus refletiu um momento e ordenou à mulherzinha:

— Podeis cozinhar o ganso. — E, voltando-se para os outros: — Sossegai, há de dar para todos três.

(Continua na pag. 72)

UM TITULO E UMA PERSONALIDADE

Casa Nova

E SPECIALIZAR-SE em qualquer ramo de atividade humana é, principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, o principal escopo do indivíduo que se destina a ser útil à coletividade. Esse é, pois, o motivo por que entre os ianques não há escassez de técnicos especializados quer seja em eletricidade, rádio, mecânica em geral, construções navais, etc. No Brasil, felizmente, a especialização nos tem revelado reais valores técnico-profissionais.

E, no setor das atividades automobilísticas, da visita que fizemos ao bairro de S. Cristóvam uma casa nos despertou logo a atenção, não só pelo seu movimento, como também pela sua instalação. Trata-se da "casa-nova" — uma casa para os automobilistas, onde vimos tudo que se diz do ramo, tanto em acessórios quanto em peças para automóveis e acessórios para os modernos aparelhos de Gasogênio. A "casa-nova" — que se encontra localizada na Rua Figueira de Melo números 348/A a 350/A, com os seguintes fônios: 28-5200, 28-2131, 28-5172 e 48-8855, gira sob a razão social de A. CASANOVA & CIA., LTDA. — tem como orientador técnico e chefe o sr. Adelino da Silva Casanova que, com a cooperação eficiente dos seus auxiliares, soube fazer-lhe uma casa das primeiras no ramo.



Sr. Adelino da Silva Casanova

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UM REMEDIO QUE ELIMINA O
CATARRO NASAL E ALIVIA O
ATURDIMENTO CATARRAL

São poucas as pessoas que dão importância e tratam a afecção catarral. Entretanto, a afecção catarral não é um mal passageiro. Se não for tratada em tempo, ela pode degenerar numa grave enfermidade, destruindo o olfato, o paladar e, paulatinamente, minar a saúde em geral.

Se V. S. padece de catarro, não se descuide. Compre um frasco de PARMINT e tome-o de acordo com as instruções da sua bula.

Parmint tem demonstrado sua eficácia em muitos casos, porque sua ação se exerce diretamente sobre o sangue e sobre as membranas mucosas.

A volta da respiração fácil, da agudeza de ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar; o levantar-se pela manhã com novas energias e a garganta livre de catarro — eis o que lhe proporcionará o tratamento com Parmint. Torne sua vida mais aprazível, mais alegre. Para seu próprio bem — se sofre de catarro — comece hoje o tratamento com Parmint.



Numeros atrasados desta
Revista no Acre
Pedir a
DIOGENES OLIVEIRA
RIO BRANCO



NAÇÃO ARMADA

Recebemos o numero 37, correspondente a Dezembro de 1942, de "Nação Armada" revista civil-militar consagrada á Segurança Nacional.

Traz farta matéria de redação bem ilustrada.



REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

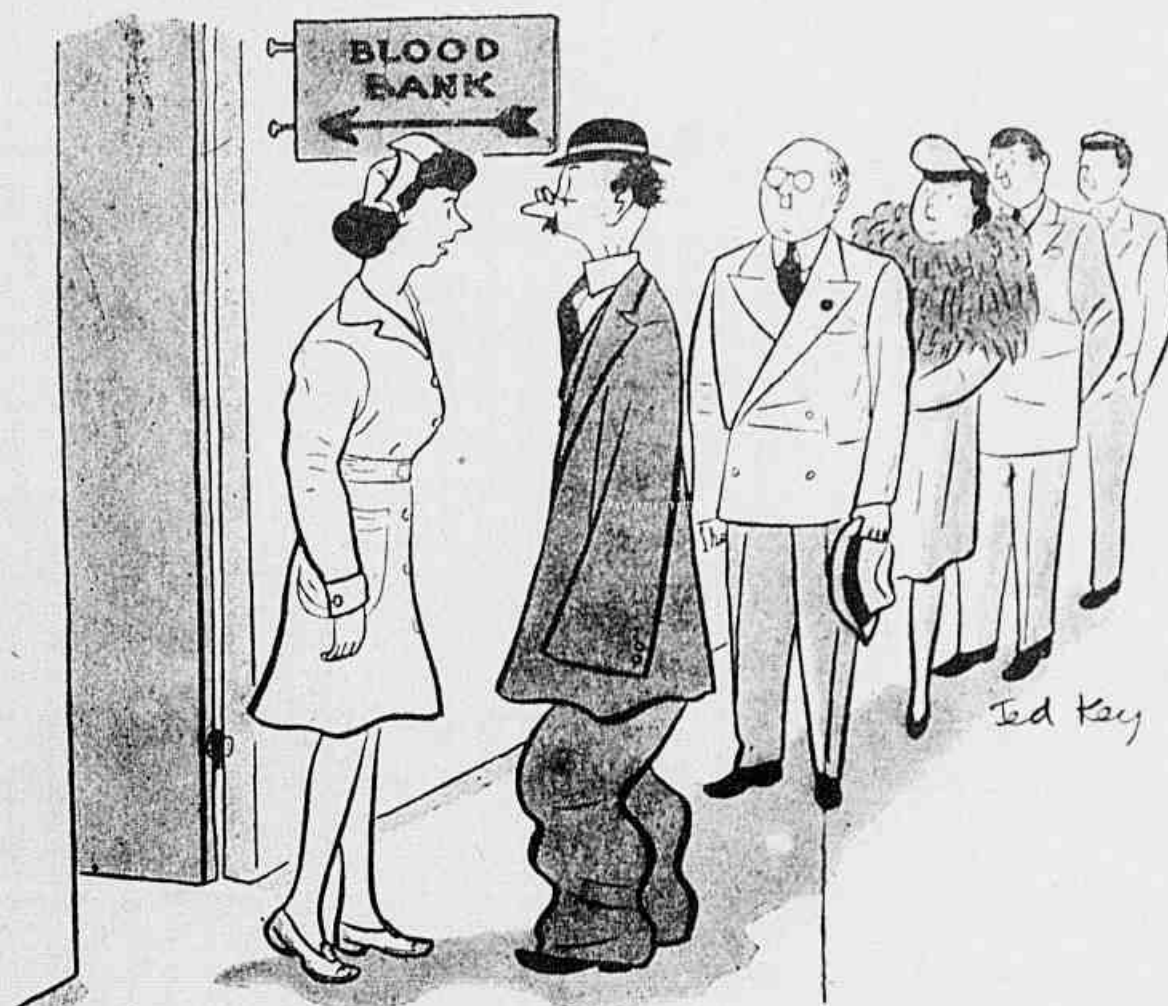
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Motator & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRESSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NUMERO CONSTA DE 76 PAGINAS



NO BANCO DE SANGUE — A enfermeira: — O senhor vem fazer um depósito ou uma retirada?

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.

EXIMIO CONTRA-MESTRE:

H. W. Chapeta
Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111
2.º ANDAR ♦ SALA 202
TELEFONE 43-3234

Bruno Mandarino & Cia.

Casa Bruno
FUNDADA EM 1917

Papelaria e objetos
de escritorio, Livros
comerciais, Fichas,
Arquivos, etc.

Largo da Lapa, 34-B
Telefone: 22-4487



Artes

graficas
em geral

OFICINAS:

Trav. do Mosqueira, 13
Telefone: 42-6494

A nossa capa



Nas evocações do Natal, doces e apaziguadoras de tanta magua e sobresalto da hora grave que a humanidade atravessa, o lindo grupo que ilustra nossa capa é bem escolhido, certamente, pela amável sugestão de felicidade tranquila que nos traz ao coração.

"A Madona com o Menino Jesus e S. João Batista", de Rafael, figura entre as mais belas que o fino pintor da Umbria deixou para a posteridade.

Ninguém terá pintado tantas Madonas como ele. "A Madona da Cadeira", a do "Grão Duque", a do "Pintassilgo", a "do Palio", a "Andisei", "A Bela Jardineira", a "Madona de Foligno", a "Madona Sixtina", quantas outras, transfiguradas por aquela divina expressão de poesia e suavidade que o seu genio sabia captar nas camponesas italianas, para a imortalidade da arte!

A que oferecemos aos nossos leitores vale bem como um lindo presente de Natal. A escolha dificilmente poderia ser mais bela.

RADIOGRAFIA DA CHAVE QUE ABRE TODAS AS PORTAS

- 1 — Poupar quanto se ganha é ser avarento.
- 2 — Gastar quanto se ganha é ser idiota.
- 3 — Quando perdemos dinheiro, ficamos fora de combate nem que seja por um breve periodo.
- 4 — Quando ganhamos muito, somos invejados.
- 5 — Quando nos endividamos, os credores andam a perseguir-nos sem nos deixar em paz.
- 6 — Quando emprestamos, somos nós que andamos perseguindo nossos devedores.
- 7 — Póde assegurar-se que o dinheiro é a causa de todo mal.
- 8 — Porem é igualmente valida a afirmação de que constitue o principio da felicidade.
- 9 — A alguns parece dizer: Sou teu companheiro para sempre.
- 10 — Em troca despede-se de outros, para toda a vida.
- 11 — Ha os que vão ao banco por causa dele.
- 12 — E ha os que se perdem por sua causa.
- 13 — Anda por todos os cantos, está em todos os lugares, constitue o principio da vida.
- 14 — E nosso dever é ganhá-lo legitimamente, fazê-lo brilhar como nos for possivel e procurar fazer que ele dure...

Numeros atrasados desta
Revista no Amazonas

Pedir a ALBANO H. MARTINS

Agencia Martins — Manaus

Santos e Efemérides da Semana

D E Z E M B R O

19 SÃO TIMÓTEO e SANTA MAURA. — Jovens cristãos da Tebaida. Estavam casados havia três semanas, quando Arriano, prefeito de Maximino, começou suas perseguições. Pediu este a Timóteo os livros santos que estavam em seu poder, e tendo Timóteo recusado fê-lo torturar cruelmente, assim como Maura. Foram os dois crucificados lado a lado (304).

— SÃO NEMÉSIO. — Cristão de Alexandria torturado e morto no reinado do imperador Decio, ao mesmo tempo que São Macário (250). Foi queimado vivo entre dois ladrões.

— SANTA FAUSTA. — Nobre dama romana, mãe de Santa Anastácia, modelo de piedade e de fervor (sec. III).

— Capitula o forte de Cabedelo, atacado desde o dia 4 pelo almirante Lichthardt (1643). — Instala-se a província do Paraná (1853). — Falece no Rio de Janeiro Goulart de Andrade, natural de Alagôas, poeta, jornalista, teatrólogo da Academia Brasileira (1936).

20 SANTO ALFRED. — Rei de Inglaterra no século V. Contribuiu muito pelo seu exemplo e brilho de suas virtudes para a difusão e triunfo magnífico da religião cristã em seus Estados. Por sua morte, o país, antes idólatra, estava quase inteiramente convertido ao catolicismo.

— SÃO FILOGONIO. — Advogado nos tribunais de Antioquia, nomeado bispo dessa cidade em 318, combateu com vigor as heresias e foi preso e atormentado por causa da sua fé, sob Licínio, no século IV.

— SANTA LUCINA. — Virgem e modelo de todas as virtudes, viveu em Roma em época que não se pode definir com precisão.

— BEM-AVENTURADA JULIA DE RENA. — Virgem de uma nobre família da Toscana, que se fez serviçal e depois reclusa de Santo Agostinho. Encerrada numa cela, impôs a si mesmas extremas penitências e morreu em 1367.

— Frei Vicente do Salvador termina neste dia a sua "Historia do Brasil" (1627). — Falece em Cleves o príncipe Maurício de Nassau (1679). — Nasce Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, senador do Império, membro da Regência Provisória de 1831, ministro de Estado (1778). — Falece na capital do Pará o general José Narciso de Magalhães Menezes, governador da capitania e organizador da expedição enviada em 1808 contra a Guiana Francesa (1810). — Combate de Cruangy (1848). — São depositados no asilo dos Invalidos da Patria os restos do general Antonio de Sampaio (1869). — Falece em Campinas o naturalista paulista Joaquim Correia de Melo.

21 SÃO TOMÉ. — Tomé passou de pescador a apóstolo. Acompanhou o Salvador à casa do Lazaro. Tendo-se afastado durante a Paixão, Tomé recusou-se a crer quando lhe disseram que o Senhor ressuscitara. Foi necessária a aparição de Jesus para fazê-lo voltar a si da incredulidade. Mais tarde, foi evangelizar na Mesopotâmia e na Pérsia e morreu em Meliapor, na costa de Coromandel, numa região depois chamada S. Tomé (sec. I).

— SANTA FABIOLA. — De nobre família romana. Duas vezes viúva, ficou sob a direção de S. Jerônimo em Bethleem e morou pouco tempo na casa da Santa Virgem. Voltando a Roma, excedeu-se na prática da caridade (sec. IV).

— Descoberta do cabo de S. Tomé por André Gonçalves e Americo Vesputio (1501). — Falece o padre Manuel de Paiva, superior dos Jesuítas que fundaram S. Paulo (1584). — Nasce em São Paulo Francisco Alvares Machado e Vasconcelos, notável orador liberal (1791). — Realiza-se a sessão inaugural da Academia de Medicina do Rio de Janeiro (1835). — Primeiro dia da batalha de Lomas-Valentinas (1868). — Falece no Rio Firmino Antonio da Silva Whitaker, ministro do Supremo Tribunal (1934).

22 SÃO TEMISTOCLES. — Pastor dos arredores de Myra, na Lícia, recebeu em sua casa e ocultou um cristão perseguido por soldados. Recusando-se a entregar seu hóspede e tendo-se declarado cristão, foi, por ordem do governador, supliciado.

— SANTA JUDITH. — Abadessa de um convento de beneditinas na Alemanha, deu prova de uma grande pureza de costumes e de grande austeridade.

— Falece no Rio e é sepultado no Convento de Santo Antonio o general João Henrique de Bohn (1783). — Nasce em Serinhaen Pedro de Araújo Lima, marquês de Olinda, Regente do Império (1793). — Segundo dia da batalha de Lomas-Valentinas (1868).

23 SÃO SERVULO. — Paraltico que mendigava no pórtico de S. Clemente, em Roma. Dividia as esmolas com outros pobres. Aprendeu as santas escrituras fazendo-as ler por pessoas caridosas. Morreu em 590, aproximadamente.

— SANTA VITORIA. — Jovem cristã dos arredores de Roma, noiva de um jovem patricio pagão. Foi convertida por sua irmã Anatolia e fez voto de castidade. Tendo sabido disso, o noivo, decepcionado nas suas espe-

ranças, denunciou-as aos magistrados. Sofreram juntas o martírio com firmeza exemplar, em 249.

— Nasce em Campos José Antonio de Siqueira e Silva, ministro do Supremo Tribunal (1774). — Prossegue a fuzilaria em Lomas-Valentinas (1868). — Nasce no Rio de Janeiro Vitor Viana, jornalista, da Academia Brasileira (1881).

24 SÃO DELFIM. — Eleito bispo de Bordeaux em 380. Assistiu ao concilio de Saragoça que condenou os Priscilianistas, e durante todo o seu governo perseguiu as heresias. Foi ele quem inspirou o ilustre Paulino de Nole e lhe conferiu o batismo. Morreu em Bordeaux a 24 de Dezembro de 404.

— SANTA TARSILA. — Irmã do senador Gordiano e tia de S. Gregorio o Grande. Abandonou o mundo e tomou o véu juntamente com sua irmã, Santa Emiliana. Morreu em 581.

— Nasce o ministro do Supremo Tribunal João José de Almeida Couto, barão do Desterro (1812). — Nasce no Rio de Janeiro Francisco Pinheiro Guimarães, brigadeiro honorário, escritor, romancista, professor da Faculdade de Medicina (1832).

25 NATAL. — Aniversario do nascimento de N. S. Jesus Cristo em Bethleem. Esta festa, tão antiga quanto o cristianismo, é uma das maiores, se não a maior das festas anuais da Igreja católica. Rezam-se habitualmente três missas nessa solenidade: a da *meia-noite*, a da *aurora* e a da *manhã*.

— Nascem os ministros do Supremo Tribunal Manoel Messias de Leão, na Bahia (1799) e Joaquim Xavier Guimarães Natal, em Goiás (1860). — Morre em São Paulo o celebre Martim Afonso Tibiriçá (1562). — É instalada a vila de Natal, no Rio Grande do Norte (1599). — Falece o brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, ministro de Estado (1826). — Falece em São Paulo o tenente-coronel Candido Xavier de Almeida e Souza, explorador dos campos de Guarapuava (1831). — Nasce em Pernambuco Oliveira Lima, diplomata, historiador, bibliófilo, da Academia Brasileira (1867). — Suicida-se no Rio de Janeiro Raul Pompeia, natural do E. do Rio, romancista, cronista, jornalista, patrono da cadeira n. 33 da Academia Brasileira (1895). — Falece no Rio de Janeiro Antonio de Souza Martins, ministro do Supremo Tribunal (1896).

HOJE ESTOU REJUVENESCIDO, ALEGRE e CONFIANTE mas veja o que se passou comigo!

UM DIA O DIRETOR CHAMOU-ME AO SEU ESCRITÓRIO...

O SNR. ESTÁ FICANDO VELHO, SNR. TEIXEIRA, E O CARGO QUE OCUPA EXIGE ENERGIA E AÇÃO, BREVE TEREI QUE SUBSTITUI-LO POR OUTRO FUNCIONÁRIO MAIS MOÇO.

MAS... EU...

MEU MARIDO, DESDE HÁ ALGUM TEMPO, ANDA PREOCUPADO E TRISTONHO... NÃO SEI A QUE ATRIBUIR ISSO!

NÃO TE PREOCUPES, MEU AMIGO, SE E' ESSE O MOTIVO, NÃO PERDERÁS O EMPREGO. E'S VELHO SÓ NA APARÊNCIA, POR CAUSA DOS CABELOS BRANCOS, MAS AINDA TENS ENERGIA E MOCIDADE A VALER. SI PASSARES **ASO** NA CABEÇA TERÁS, COMO EU, OS CABELOS TAL QUAL OS TINHAS AOS 20 ANOS.

PÓDE USAR **ASO** COM CONFIANÇA PORQUE NÃO SENDO TINTURA MAS SIM UM AZEITE, E' ABSOLUTAMENTE INOFENSIVO, NÃO QUEIMA OS CABELOS E NÃO MANCHA A PÉLE. POR ISSO TODOS O PREFEREM.

DA' CÁ UM ABRAÇO, QUERIDA, ESTOU RADIANTE! HOJE O DIRETOR ELOGIOU A MINHA EFICIÊNCIA E AUMENTOU-ME O ORDENADO. TODOS ACHAM QUE REMOCEI 20 ANOS. ISSO GRACAS AO **ASO**.

...E ASSIM O

Azeite Vegetal Perfumado

ASO

DEU NOVOS HORIZONTES A MINHA CARREIRA E NOVA FELICIDADE AO MEU LAR!

PEÇAM PROSPÉTOS GRATIS AOS LABORATÓRIOS **ASO** R. DOMINGOS FERREIRA, 92 - RIO DE JANEIRO



Use
Papel
Couché
Nacional
KLABIN

**INSTALAÇÕES ELETRICAS
E HIDRAULICAS
PARA TODOS OS FINS**

Projetamos e executamos:
Usinas Hidro-termoeletricas, Subestações,
Linhas de transmissão, Radiotelegrafia,
Pára-Raios, etc. Materiais electricos e
hidraulicos, em geral, ferragens pesadas.
Chapas e Tubos pretos e galvanizados.
Cobre em chapa e em bobinas.
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

C. BRASIL

ESCRITORIO:
90 - AV. ALMIRANTE BARROSO - 90 - 5.^o
Telefone 42-7617

DEPOSITO:
289-A - RUA LINO TEIXEIRA - 289-A
Telefone 29-6483
End. Teleg. "Condebrasi"
RIO DE JANEIRO

BANCO MOREIRA SALLES S. A.

RIO == SÃO PAULO == MINAS

Capital realizado: Cr\$ 15.000.000,00

Uma instituição tradicional

- ♦ Oferece serviço rápido e eficiente;
- ♦ dispõe de 26 sucursais e agências;
- ♦ recebe e paga até às 5.30 horas da tarde

ALFANDEGA, 19

LIVROS

O TAMBIÁ DA MINHA INFANCIA, memórias de Coriolano de Medeiros, da Academia Paraibana de Letras — João Pessoa, 1942.

Tambiá é um bairro tradicional, um tanto lendário, da capital paraibana. O sr. Coriolano de Medeiros, que para lá foi criança, conhece-lhe bem a história... e todas as histórias. Sabe a fundo e por miúdo quanto lhe diz respeito desde remotos tempos; e de certa época para cá foi testemunha sempre atenta — e com excepcional capacidade para guardar aspectos, figuras, datas, pormenores — do seu desenvolvimento, de todas as suas reformas ou alterações. Assim, a tarefa do historiógrafo oferece um cunho pessoal deveras curioso e cativante. Tambiá não constitui para ele apenas um objeto de observação e estudo. Trata-se também dum caso afetivo. O sr. Medeiros lembra-se do seu Tambiá enternecida, saudosamente. Para sempre lhe ficou querendo bem. Se as circunstâncias da vida, e entre elas de certo a situação académica, lhe impediram a moradia em ponto mais central, aquele arrabalde o chama e atrai — pelo menos de vez em quando.



Em quasi todas as cidades ha uma fonte possuidora do condão de enfeitar quem lhe beba a água incomparavel. Na antiga Paraíba, modernamente João Pessoa, a linha mágica escolheu, para brotar, aquelas ditosas imediações.

Bebeu agua do Tambiá?
Jamais daqui sairá!

Falando-nos do bairro inolvidavel, das suas festas, dos seus costumes e superstições; apresentando-nos os seus habitantes mais notaveis, funcionários publicos, operários, pequenos negociantes, os seus herois notívagos de serenata, de briga e de rapina, um ou outro curandeiro, uma ou outra criatura de má vida; descrevendo-nos as rivalidades entre famílias, as manobras e intrigas politicas; contando-nos os casos graves que o preocuparam, repetindo-nos as anedotas que o fizeram rir; e empregando sempre uma linguagem singela e sugestiva — é como se realmente o sr. Medeiros nos fizesse residir algum tempo no Tambiá.

OBRAS COMPLETAS, de Gonçalves Crespo, prefácio de Afrânio Peixoto. — Rio de Janeiro, 1942.

Em 1897 publicou-se em Lisboa o volume *Obras completas*, de Gonçalves Crespo, edição póstuma que compreendia, além das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*, trabalhos em prosa, de fina, esmerada factura e que, sem a solicitude do seu compilador, José de Souza Monteiro, estariam hoje perdidos, talvez inteiramente esquecidos. Trata-se de artigos para poliantas ou periódicos de estudantes. O mais amplo, o elogio do poeta João Penha, prima como estudo crítico e como rememoração — duma esplendorosa, encantadora época coimbrã. Al' se vê, em toda a distinção e todo o prestígio, a figura daquele aluno de Direito, já célebre como sonetista e cercada também da fama da anedota e do repentinismo satírico. Lá veem as ceias nas tabernas da Baixa que, quasi tanto como a Unistismo satírico. Lá veem as ceias nas tabernas da Baixa que, quasi tanto como a Unistismo satírico. Lá veem as ceias nas tabernas da Baixa que, quasi tanto como a Unistismo satírico. Lá veem as ceias nas tabernas da Baixa que, quasi tanto como a Unistismo satírico.



para recitar *O cura Santa Cruz*, *A morte de D. Quixote*, *A resposta do Inquisidor*, outras peças ouvidas e reclamadas entre ovações insaciavelmente entusiásticas... E tudo isso está reproduzido no volume de vasto formato e de cerca de trezentas e cinquenta páginas que acaba de aparecer nas nossas livrarias, enriquecido ainda por um prefácio desse mestre cativante e puro artista: Afrânio Peixoto.

TAMANDARÉ, ALMIRANTE JOAQUIM MARQUES LISBOA, por Dídio Costa — Rio de Janeiro, 1942.

Abrem esta brochura os discursos proferidos pelo almirante Guilhem, ministro da Marinha, quando se assentou em Botafogo a pedra fundamental da estátua de Tamandaré e quando se inaugurou esse monumento. São peças de sucinta, clara e veemente eloquência. Constituem na verdade o mais adequado dos prefácios.

O capitão de mar e guerra Dídio Iratim Afonso da Costa orienta por eles a sua tarefa de biógrafo e de panegirista. E realmente a cumpre com dignidade e brilho. Tendo organizado um sistema de documentação a que de certo nada falta de interessante ou significativo, deixa que, por entre os dados historicos e as informações officiais, se expanda a sua admiração pelo vulto insigne, honra e exemplo da Marinha Brasileira. Então o seu estilo naturalmente se eleva, se engrandece. E é quando se afirmam, na curta mas valiosa obra, o verdadeiro espírito e o verdadeiro sentimento militares.

J. L.

NOVOS

PREMIOS LITERARIOS

Não temos ainda, certamente, firmado no Brasil o prestígio de prêmios literários de renome internacional, como o prêmio Goncourt, o Prêmio Fémina, o Prêmio Pulitzer.

Entretanto, pouco a pouco, os nossos escritores vão obtendo certos galardões que não ficam apenas no terreno das honrarias, materializando-se nalguns milhares de cruzeiros — coisa nada de desprezar e inteiramente desconhecida pelos poetas e prosadores do nosso recente passado de letras.

Ainda há pouco foram distribuídos os prêmios instituídos pelo Ministro do Trabalho, Dr. Marcondes Filho, para romances e peças teatrais de temas relativos ao trabalho — no valor de 20 mil cruzeiros o primeiro prêmio e 10 mil o segundo, para cada gênero daqueles.

Os mais antigos prêmios literários em dinheiro, instituídos entre nós, com regularidade, foram os distribuídos pela Academia Brasileira de Letras, ainda este ano alterados para recompensas mais vultosas, somando perto de quarenta mil cruzeiros os oito prêmios anuais a serem distribuídos por entre obras inéditas ou publicadas no ano anterior.

Para conhecimento dos escritores do resto do país, damos a seguir as diversas cláusulas referentes a tais prêmios, devendo, futuramente, fornecer também os dados relativos aos prêmios da Fundação Felipe de Oliveira, da Academia Paulista de Letras e da Academia Carioca de Letras.

A Academia Brasileira de Letras torna público que no ano de 1943 concederá os seguintes prêmios:

I — “Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira”, de 10:000\$000, destinado a um autor brasileiro pelo conjunto de sua obra literária, devendo ele ter publicado pelo menos um livro altamente recomendável no triênio de 1940-1942;

II — Sete prêmios de 4:000\$000 cada um, destinados a livros “inéditos” ou “publicados em 1942”, em língua portuguesa, de autores brasileiros. Estes prêmios são os seguintes:

- a) — Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira, para POESIA;
- b) — Prêmio Raul Pompéia, da Academia Brasileira, para ROMANCE;
- c) — Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira, para CONTO E NOVELA;
- d) — Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira, para CRÍTICA, HISTÓRIA LITERÁRIA, FILOLOGIA e ETNOGRAFIA;
- e) — Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira, para HISTÓRIA SOCIAL OU POLÍTICA e MEMÓRIAS;
- f) — Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira, para TEATRO (peças em prosa ou verso, com exceção das musicadas);
- g) — Prêmio Paulo Barreto, da Academia Brasileira, para CRÔNICAS, VIAGENS e qualquer outro gênero que se não enquadre precisamente nos gêneros anteriores.

1 — As inscrições estarão abertas de 1 a 31 de março de 1943. Para os livros inéditos é “obrigatória” a inscrição, e “facultativa” para os publicados em 1942.

2 — As obras apresentadas serão acompanhadas de carta do autor, dirigida ao Chefe da Secretaria, declarando a que prêmio concorre e submetendo-se às condições do concurso.

3 — Quando se tratar de trabalho “inédito”, deverão ser apresentados 4 exemplares, dactilografados, usando o autor seu próprio nome; no caso de trabalho PUBLICADO deverão ser enviados 10 exemplares, uns e outros na ortografia oficial da Academia.

4 — Os autores já premiados pela Academia não poderão de novo obter prêmio na mesma classe do concurso em que tiverem sido contemplados.

5 — A Academia premiará de preferência, nas classes do n. II, livros que estejam inscritos; poderá, entretanto, conceder o prêmio a quaisquer livros não inscritos, desde que publicados em 1942.

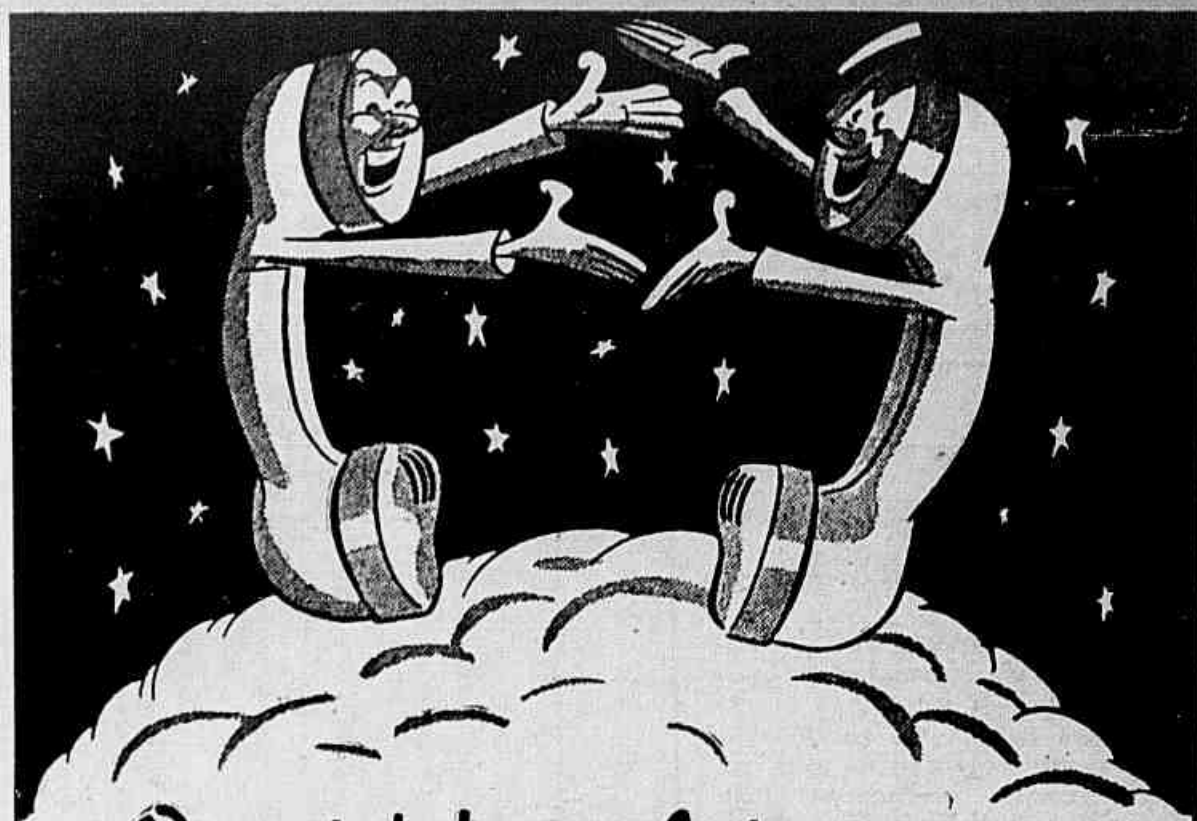
6 — A entrega dos prêmios será feita em sessão pública, aos 29 de junho de 1944; a do Prêmio Machado de Assis na mesma sessão, se possível, ou em outra designada pelo Presidente da Academia.

7 — Se a Academia entender que em determinada classe não haja obra que se recomende ao prêmio, poderá não o conceder, acrescentando então a quantia respectiva, em rateio, aos prêmios, das demais classes.

8 — No caso da Academia não conceder o Prêmio Machado de Assis, será distribuída a respectiva importância entre os autores premiados, das classes n.º II.

9 — O direito aos prêmios prescreverá no fim de seis meses a contar do dia marcado para a sua distribuição. Neste caso, a quantia respectiva acrescerá ao prêmio do mesmo gênero no concurso do ano seguinte.

A Secretaria da Academia funciona à Avenida Presidente Wilson, n.º 203, todos os dias úteis das 13 às 17 horas, com exceção dos sábados, quando funciona somente até às 15 horas.



Quando todos confraternizam ...

... O TELEFONE É O MEIO IDEAL
DE TRANSMITIR **BOAS FESTAS**

DURANTE as festas de Natal e Ano Bom, leve às pessoas amigas e aos entes queridos que se encontrem fora da cidade seus votos de Boas Festas, utilizando-se, para esse fim, do Serviço Telefônico Interurbano. Para os que estão ausentes, será sua voz, viva e palpitante, motivo de contentamento.



COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA

• A •
SERVIÇOS AÉREOS CONDOR LTDA.
≡ BREVEMENTE ≡
SE DENOMINARÁ ≡
"SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA".

Laminação Federal de Metais Ltda.

ESCRITÓRIO:

RUA 1.º DE MARÇO 7 - 6.º AND. (EDIFÍCIO 1.º DE MARÇO)
TELEFONE 43-5505 — CAIXA POSTAL 2392

FABRICA:

RUA FRANCO DE ALMEIDA, 62 — TELEFONE 28-9298

CHAPAS DE ZINCO COMERCIAL E POLIDO PARA CLICHÉS DE FOTOGRAFIAS, ZINCOGRAFIAS, TRICROMIAS, DOBLÉS ETC.
CHAPAS DE COBRE ELETROLÍTICO PARA CLICHÉS. ANODOS DE COBRE PARA GALVANO. LATÃO EM CHAPAS E EM TIRAS.
COBRE EM CHAPAS E EM TIRAS. BOBINAS DE COBRE.
ZINCO LAMINADO PARA CALDEIRAS.

TINTAS PARA IMPRESSÃO
 Nello Garavini
 DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO
 DAS TINTAS DA
 GENERAL PRINTING INK
 CORPORATION DE NEW YORK
 Rua do Senado, 10 • Telefone 22-4869

E'cos da comemoração do 10 de Novembro

Em nossa reportagem do número de 28 de Novembro p. passado, intitulada ECOS DAS COMEMORAÇÕES DO 10 DE NOVEMBRO, declaramos por engano que na sessão cívica promovida pelo "Conselho Anti-Eixista de Vigilância e Trabalho dos Funcionários do Banco do Brasil" foram entregues ao general Ivo Soares, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, a quantia de 52.000 cruzeiros, recolhidos por aquela entidade, quando se tratava de 52.000 cigarros.

Aqui fica a nossa retificação.



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfazema ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfazema permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfazema "Brilhante". Experimente-o.

ALMANAQUE EU SEI TUDO Para 1943

Está em fase de conclusão
o Almanaque "Eu Sei
Tudo" para 1943.

Edição ampliada e melhorada.
Maior número de páginas.

Façam pedidos à redação do
Almanaque "Eu Sei Tudo" — Rua
Visconde de Maranguape, 15. Rio.

TIPOS CARIOCAS



Canetas e "gilête."

Gravatas

Bilhêtes



mendobi
ou
"minduim"



Pirolitos



Sônhos...



Cuscús



RAUL

A SEMANA EM REVISTA



NOVE CRUZEIROS PELA MULHER — Dizem que em algumas regiões da Ásia, na Índia e na China, os pais e os maridos podem vender as filhas e as esposas, quando isto lhes aprouver. Por aqui, de vez em quando aparecem sujeitos que querem fazer o mesmo. Entre eles, um operário de Belo Horizonte, que negociou com um colega a venda de sua mulher. A rapariga, despeitada possivelmente pelo preço que lhe deram (nove cruzeiros e cinquenta centavos), rebelou-se contra o comprador, aplicando-lhe uma forte surra. Acabaram todos no distrito policial.

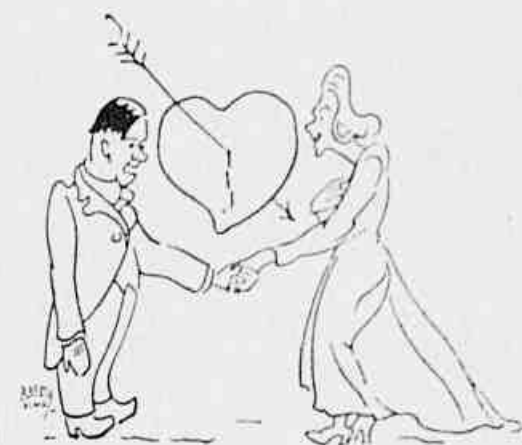
CODIGO DOS BARBEIROS — O fenômeno jurídico decorre essencialmente da coexistência dos homens. Seria inconcebível admitirmos estatutos jurídicos regulando a vida de um único ser, numa ilha. É o paralelismo de interesses, a competição, a *distância social* que obriga os homens a se entenderem, zelando pelo interesse comum. Daí a instituição dos códigos, das leis. Novas atividades vão surgindo e os juristas logo se mobilizam, regulamentando-as. O desenvolvimento da aviação nestes últimos anos, por exemplo, determinou a elaboração do Código do Ar.

O que nos preocupa aqui, entretanto, não é nada disso. Trata-se apenas de uma notícia de jornal que nos lembrou a necessidade que já se faz sentir de um código dos barbeiros. A 4.ª Junta de Conciliação e Julgamento desta Capital, julgando um processo, concluiu que "é direito do empregador em salão de barbeiro transferir o empregado de uma cadeira para outra."



CRUELDADE MENTAL — O divórcio é uma das coisas mais sérias na vida norteamericana. Pelo menos no mundo cinematográfico. Os astros casam e descasam, numa poligamia quase escandalosa, se não fossem eles elementos siderais, estranhos à terra. Explorando o *negócio* divórcio, há uma verdadeira legião de pessoas, entre advogados, procuradores, agentes, etc.

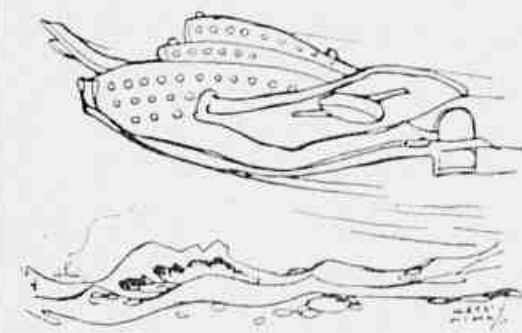
O lado anedótico dos divórcios é a alegação do motivo feita pelo cônjuge descontente. Flower Parry, segunda esposa de Jackie Coogan — que presentemente está no exército — pediu divórcio, acusando o marido de *crueldade mental*. E exige dele "alimentos para si e um filho". Com a palavra os juizes.



HITLER E MONA LISA — O Fuehrer é, decididamente, um sujeito original. Talvez monstruosamente original. Mas é um tipo humano digno de observação e de estudo. Impossível, em se tratando de Hitler, saber até onde vai o homem e onde começa o louco. Tudo que dele se conhece ostenta o traço inconfundível das teatralizações. Suas atitudes políticas, seus gestos militares são espetaculares e até seus hábitos, sua vida privada desenrola-se no plano do excêntrico. Dizem que, no momento, em vez de se preocupar com a situação de guerra, passa os dias no luxuoso palácio de Berchtesgarden, diante do retrato de Mona Lisa, roubado à França pelos seus exércitos. Um verdadeiro amor. O primeiro que se conhece na sua vida.



ANTEVISÕES DO ANO DOIS MIL — O progresso material tem sido realmente espantoso, nestes últimos tempos. Realizações que pareciam quimeras há alguns anos, coisas que só os autores de romances fantásticos ousavam imaginar, hoje são verdades comuns, onipresentes. Se quisermos dar um nome à época que estamos começando a viver, será a de Júlio Verne ou de Wells. O submarino, o avião, o rádio, o arranha-céu, tudo isso vem adquirindo proporções gigantescas em nossos dias, pelo papel que desempenham na vida universal.



Os Estados Unidos iniciarão próximamente a construção de super-aviões gigantes, com capacidade para 400 passageiros, que poderão atingir a Inglaterra em poucas horas de voo! Que pensaria disto um europeu do século XIII?

FLAVIO

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO EM LIQUIDAÇÃO

Durante o mês de Dezembro corrente serão feitos pagamentos aos depositantes retardatários que ainda não levantaram os rateios anteriormente anunciados (60 %), bem como serão liquidados todos os saldos até Cr \$ 10.000,00 (Dez Mil Cruzeiros), independente de chamada por ordem alfabética.

Ao 1º sinal de alarme purifique seu sangue!

A sífilis, adquirida ou hereditária, é fonte dos maiores males. Combata-a, enquanto é tempo, com o **ELIXIR DE NOGUEIRA**. Aprovado pelos Departamentos de Saúde Pública de toda a América do Sul.

Elixir de NOGUEIRA
GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE
Medicação auxiliar no tratamento da sífilis

CONTO DO NATAL

Por **MARTINEZ SIERRA**

O CULTA nas cortinas da larga janela, observava a rainha a neve cair e, sob a curiosidade e o espanto, ouvia o sutil ruído dos flocos nos cristais. No seu reino meridional, pequenino e alegre jardim, o qual ficara longe, nunca vira nevar.

A neve, para a doce rainha, era o símbolo do exílio. A vez primeira, que a viu cair, foi naquela noite da perda do trono, quando, a trazer quasi oculta no regaço a criança que seria o futuro rei, passou as fronteiras da sua gente e atravessou terras estranhas, conduzida pelo corcel favorito a correr, sempre a correr, ofegante, a modo aniquilado pela majestade da carga como, talvez, ela pensasse.

Aquela fuga, realizada na sombra, para se livrar dos ódios de toda uma raça, parecia à desterrada fugitiva e romântica um sainete de desventuras que, certo, acabaria bem.

Pois então? Saberá o seu povo viver sem ela, sem a amável soberana, sempre sorridente, que assistia a todas as festas com a alma nos olhos e nos lábios?

Aqueles mesmos que, então, lhe pediam a morte não a tinham acaso aclamado mil vezes — primeiro, na sua

beleza ingênua, quasi de criança, esposa de um rei decrépito; depois, na sua graça de flôr primaveril, presa ao velho tronco; e, mais tarde, na sua sublimidade de viúva jovem, sustentando nos braços o rei menino, esperança da pátria, como se fôra ramo florido a sustentar pequenina ave?

E sempre com o sorriso nos lábios... Porventura, não seria bastante ter feito o mesmo que o sol, que sempre sorri?

Em verdade, o sol, quando sorri, cria; ela, entretanto, se males não causou, jamais produziu benefícios.

— Que benefícios pode produzir um rei? perguntaria a si própria com sinceridade.

Acaso, se a sua gente a tivesse deixado tranquila, não teria também essa gente sido livre? Não educara para esse povo, risonho que nem uma Arcádia, um rei de écloga, formoso e amável como a sua mãe? Que mais poderia dar-lhe? Seria mais feliz esse povo com essas idéias negras e duras, como se fossem de ferro, as quais lhe tinham invadido o reino-jardim? E aquele filho bastardo do velho rei, um soldado qualquer vindo sabe Deus de onde, com alma de bronze e corpo de pedra, aquele a quem todos aclamavam como se fôra um Messias — que poderia dar ao seu povo em troca da alegria da sua rainha? Não teriam os ex-súditos de a chamar novamente, logo à primeira festa em que não houvesse quem risse com eles?

Embalada por essas esperanças, empreendeu o caminho do desterro; e, assim, até a neve lhe pareceu amiga. Chegando, porém, à cidade estrangeira que lhe serviu de refúgio na desdita, imensas tristezas conturbaram-lhe o espírito.

O seu povo não a chamava... A neve continuava a cair e, ao chegar ao chão, era pisada pelas multidões e transformava-se em lama.

A tristeza daquela profanação ia pouco a pouco invadindo o coração da rainha. Por isso, oculta nas cortinas da larga janela, via cair a neve e, sob a curiosidade e o espanto, ia ouvindo o sutil ruído dos flocos nos cristais.

— Já veem, mãe? perguntou em voz cristalina a criança destronada.

— Quem?! surpresa replicou a rainha.

— Os Reis Magos. Hoje é a noite dos Reis. Não sabias?

— Sim, filho, sim...

— Conta-me como são eles.

Tomando-o nos braços, começou a mãe uma história fantástica. Eram os Reis do Oriente e vinham pelos ares montados em cavalos com asas, trazendo túnicas de peles bordadas a ouro...

— E' verdade que um deles é preto?

— Creio que sim.

— Que medo! Será mesmo verdade, minha mãe? E, com certeza, veem? Com certeza? Por qual das estrelas passam agora?

Filho e mãe seguiam o celestial itinerário, passando de nuvem em nuvem, de luzeiro em luzeiro.

— Aquilo será um cavalo? Olha as asas! Como vai longe!

— Sim. Muito longe.

— E podem chegar esta noite? Podem?!

— Sim, minha vida.

— Qual será o cavalo que traz os brinquedos? Olha que eu quero um muito bonito... Sabes? Eles trazem-me um?

— Se tu lho pedires...

— Pede tu. Eu não sei como falam esses Reis.

— Falam como nós, começou ela...

Mas o filho interrompeu-a logo:

— Pois tu não dizes que nós já não somos reis?

A mãe suspirou.

— Olha para o céu.

A criança obedeceu.

O perpassar das nuvens, a sabor do vento, distraiu-o por alguns instantes; mas, após, adormeceu.

Reclinou-o a rainha no berço e, voltando à janela, murmurou:

— Que darei a meu filho como presente de Reis?

A meia noite, bateram à porta do castelo homens a cavalo. Traziam capacetes reluzentes e vistosos uniformes.

Oculta nas dobras das cortinas, viu-os chegar e reconheceu-os. Eram nobres do seu reino.

Despertada pelo rumor, teve a criança ligeiro sobresalto.

— São os Reis Magos? balbuciou em sonhos.

— Sim, meu amor: são os Reis Magos.

E ela tremia, como o junco açoitado pelo vendaval, enquanto os generais lhe anunciavam a boa nova... Sim. Costumado a viver em plena embriaguez de alegria, não pôde aquele povo suportar o peso da espada do novo rei. Os mesmos que o tinham elevado ao trono vinham agora,

após o ter assassinado, clamar por ela, pela sua rainha, sempre risonha, sempre amável...

— Aqui está a corôa, senhora. Desperta o rei. Vinde conosco.

Vencida mais pelo gozo que por antigas máguas, ela chorava e ria ao mesmo tempo, sentindo, à vez primeira, naquela hora de reconciliação, a tristeza do infortúnio já passado. E, entre soluços, dizia, recordando os súditos que certa vez a tinham renegado:

— Ingratos... Ingratos...

Os recém-vindos narravam-lhe os horrores da guerra, o sangue vertido, a cabeça do rei rolando, cortada, pelos

(Continúa na pag. 74)

"SEMPRE FUI FORTE
E DISPOSTO PARA
O TRABALHO"



Só aqueles que na juventude cuidaram da saúde de seus rins podem excluir essa frase. O funcionamento perfeito do aparelho urinário é condição essencial para se ter uma saúde perfeita e uma velhice feliz. Logo ao primeiro sintoma de distúrbio renal use **PILULAS DE-LUSSEN**: desinflatam, desinfectam e limpam os rins. Eliminam o ácido urico, corrigem dores lombares e limpam o sangue.

TENHO
NOVENTA ANOS
E DIGO:
ESTAS PILULAS
SÃO AS MELHORES



PILULAS DE-LUSSEN
DESINFLAMANTES PARA OS
RINS E BEXIGA

Joias

Relógios

Objectos de arte,

Pedras preciosas

e semi preciosas

do Brasil

Artigos
de fino gosto
para Presentes

**Casa
Oscar Machado**

Rua do Ouvidor, 101 / 103 - Rio de Janeiro



QUANDO DEPOSITADO NO BANCO

AOS NOSSOS DEPOSITANTES ABONAMOS			
em conta limitada até Cr\$10.000,00	juros de 5	% ao ano	
em conta particular	juros de 6	% ao ano	
o prazo de 1 ano	juros de 7 1/2	% ao ano	
a prazo de 2 anos	juros de 8	% ao ano	
em conta de movimento	juros de 3	% ao ano	
em contas com aviso	juros de 4	% ao ano	
60 dias	juros de 5	% ao ano	
90 dias	juros de 5 1/2	% ao ano	
120 dias	juros de 6	% ao ano	

PAGUE EM CHEQUE (Isento de selo)
Ótimos apartamentos e prédios, nos melhores
bairros, vendidos mediante redução extra-
da em dinheiro e prestações mensais
(tabela Price)

**BANCO HYPOTECARIO
LAR BRASILEIRO**

R. OUVIDOR, 90 - RIO DE JANEIRO
Sucursais: S. PAULO, SANTOS, BAIÁ

PAPAE NOEL, TÚ ÉS NOSSO DESTINO!

DE IGNEZ MARIZ

Vovô Índio não conseguiu destronar Papae Noel, porque decerto na mente do brasileiro a herança espiritual européia está enraizada de maneira muito mais profunda do que a indígena.

E o motivo dessa preferéncia pelo velhinho de barbas brancas talvez seja a aureola de irrealdade que o cerca de um prestígio todo especial. Realmente, em pleno verão carioca, escaldante e depressivo,

não deixa de ser interessante, pelo contraste, imaginar-se alguém deslizando num carro sem rodas, puxado a renas, em plena paisagem de neve...

Não temos renas por aqui, não temos trenós, não temos neve.

Puro conto de fadas: tudo irreal, e por isso mesmo encantador, para a nossa sensibilidade. As coisas mais belas da vida são mesmo feitas de ilusão. Daí o prestígio inabafável do velhinho europeu entre a meninada brasileira.

Qual de nós já não se lembra do alvoroço feliz dos tempos de Papae Noel? E principalmente... quem já esqueceu aquela duvida, quando se reconhece afinal num dos presentes recebidos por intermédio do mensageiro noturno, um dos brinquedos da loja da esquina?

Se a duvida é insuportável quando já se tem o espírito formado e sabemos discernir, na infância é uma coisa simplesmente atroz: "Papae e Mamãe não iriam me enganar assim. O brinquedo veio mesmo do Céu... ou não veio? Está tão parecido com um que vi na vitrine um dia destes..."

E' o primeiro choque com a vida, com a dura e triste realidade. Mas, durante tantos anos somos felizes, alimentado o espírito com a beleza daquela doce ilusão, que acho valer a pena continuarmos para sempre a conservar uma lenda que traz tanta felicidade aos nossos filhos.

Quando muito pequena ainda, criei, sem me sentir, uma nova modalidade de Papae Noel: o "meu" possuía azas enormes... Considerava eu impossível andar alguém voando assim, de telhado em telhado, e ainda mais, com um saco às costas, sem um meio de transporte que lhe facilitasse a viagem. E o mais prático e mais poético era esse mesmo: azas. E de tal maneira me impressionei com essa teoria que acordei certa vez, num dia de Natal, dizendo à Mamãe: "Não cheguei a ver Papae Noel esta noite, porque o sono era grande demais e não consegui abrir os olhos, porem ouvi perfeitamente um bater de azas pelo quarto..." Traduzi os sorrisos que acompanharam esta declaração, assim: "Que menina atilada! Obteve tão pequena, o que os maiores não conseguiram ainda!"



Mas... quem terá sido mesmo o creador de Papae Noel? Passo às vezes muito tempo a imaginar como, por quem e por que foi inventado este símbolo tão belo e tão ingenuo.

E chego sempre á conclusão de que o seu creador foi um poeta, que viveu faz muitos anos (seculos, talvez, pois os sonhadores sempre existiram sobre a face da terra) e esse velhinho nada mais é sinão a imagem do nosso destino.

E como um poeta, em geral, só sabe crear o que é belo, o saco de bugigangas do mensageiro noturno vem repleto somente de coisas muito boas, presentes e mais presentes... embora nem sempre seja amena a sorte, de quem ele é a imagem e semelhança...

Papae Noel... és o simbolo da vida!

As bugigangas deste saco representam os pedacinhos de felicidade, que, tú de cabecinha branca, distribues parcialmente, com um capricho de menino, Papae Noell



**DEPOSITE O SEU DINHEIRO
E ESTARA' TRANQUILO**

**Pague sempre por cheque,
pois é muito mais
seguro, mais limpo e
mais distinto.**

BANCO DO COMERCIO S. A.

**O MAIS ANTIGO DO RIO
RUA GENERAL CAMARA, 8**

AS CARTAS COPAG

SAO AS PREFERIDAS

Porque
SAO ECONOMICAS,
FLEXIVEIS,
VISTOSAS
E SAO NACIONALES

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRAPHICAS
SAO PAULO
Rua Piauí 169 - Tel. 3-2141
RIO DE JANEIRO
Rua Pedro 1º 33 - Tel. 22-7673/4/5

Escragnolle Doria

HOSPICIOS DA TERRA SANTA

JERUSALEM, palavra de grandes écos na História, deles o maior som na vida de Jesus. Na Palestina para sempre marcou os Santos Lugares onde nasceu, evangelizou, foi mártir e luminoso ressuscitado. Seculo a seculo, a Terra Santa tem sido alvo de peregrinações e de veneração da cristandade, descritos os seus menores sitios por escritores celebres ou simples viajantes desejosos de registrar tudo quanto lhes inspirou o sacro pedaço de mundo, do qual Cristo irradiou doutrina sempiterna para tanto universo.

Os Santos Lugares demandaram e demandam conservação e culto. Para manter os religiosos a mendicarem percorrem globo remetendo esmolas para a Terra Santa. Aí franciscanos zelam tradição e dominicanos formam Escola e Museu Bíblico para centro de estudos.

Os franciscanos da Terra Santa constituem dous grupos, um o grupo fixo dos que para cuidar os permanecem nos Santos Lugares, outro o grupo itinerante a girar pelo mundo em busca de subsidios para a sustentação de lembranças cristãs nos sitios palestinianos. Revesados os componentes do grupo itinerante, lhes é mister estabelecer, em varios paizes, escalas onde alguns habitem para agasalho e orientação de outros, orbicolas a poder de caminhar.

As aludidas escalas são os hospícios chamados da Terra Santa. Evangelizado desde dias iniciais de sua historia, o Brasil do seculo XVIII recebeu a ordem franciscana no seu ramo da Terra Santa; dela soube o Rio de Janeiro. Em 1733, em cartorio de Vila Rica da N. S. do Pilar de Ouro Preto, comparecia Manoel Barbosa Pereira, morador em Villa Rica. Declarou que no Rio de Janeiro, onde tinha negocios, e como sindaco dos Santos Lugares, com o produto de esmolas e assistencia do vice-comissario frei Manoel de Santo Antonio, adquirira chacara e casas. Demoravam "no caminho que ia da Ajuda para o Desterro", abrangendo a propriedade 30 braças de frente e 60 de fundo até os Arcos da Carioca, tudo comprado por 350\$000.

Aí desejaram os freires da Terra Santa estabelecer hospício, não lhes faltando multiplos embaraços para a consecução do proposito. Contaram, porem, com o alto apoio do governador Gomes Freire de Andrade e do bispo da diocese D. Frei Antonio de Guadalupe. Sob os auspícios deste foi na chacara do Rio instalado o hospício de Jerusalem com capela sob o orago de Santa Anna.

No ir dos tempos lutaram os religiosos com dificuldades financeiras. Tão prementes afinal que os religiosos se viram forçados a vender parte do terreno do Hospício de frente para o Passeio Publico pelo preço de 31 contos de réis, autorizados pelo encarregado de negocios da Santa Sé, Marino Marini, a alienarem, traspassando mediante inventario, objetos de prata da capela e do hospício.

Esmola daqui, economisa dali, o comissario frei José Damaso na capela do hospício realizou melhoramento, o da construção de campanario dotado de três sinos. Festivamente repicaram pela primeira vez a 25 de Setembro de 1857 na novena de preparação da festa de S. Francisco de mente.

Era secular Assis, o Hospício de Jerusalem posto no caminho da Ajuda para o Desterro, depois rua dos Barbonos, em lembrança do hospício capuchinho da paragem. Tudo se chama hoje rua Evaristo da Veiga. Sucederam-se no hospício os comissarios da Terra Santa, sobrelevando-se entre eles em 1878 frei José Maria Dallorto. Por intermedio do geral da Ordem, frei José Maria pediu licença ao Papa para alienar o Hospício comprando casa maior em Petropolis e menor na Côte para residencia ocasional dos esmoleros da Terra Santa, alegado que, sem indenização, o poder publico pretendia apropriar-se do hospício.

Por breve pontificio, o papa do Syllabus, Pio IX, concede ua licença impetrada por frei José Maria. O governo imperial não esteve pelos autos ou melhor pelo breve, figurando nos governos da epoca anti-catholicos e catholicos arrefecidos. Era sempre invocada então a legislação sobre as corporações e os bens de mão morta, isto é os dos conventos e confrarias no emaranhamento de dissídios frequentes, vivendo Igreja e Estado a se dissem unidos.

Os religiosos da Terra Santa recorreram ás luses de quatro notáveis juristas; um deles Candido Mendes de Almeida, autoridade de todo peso em Direito Ecclesiastico, lavrando ele elucidativo parecer pela Ordem ainda arquivado qual defesa preciosa.

Vendendo os religiosos em 1881, a capela, o hospício e casinhas adjacentes para aquisição de imóvel em Petropolis viram anulada a transação. Recorreu o governo a consulta á seção do Imperio do Conselho de Estado, seção da qual membros os conselheiros Afonso Celso, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e José Bento da Cunha Figueiredo, todos ex-ministros de Estado, os dous ultimos professores de Direito.

A maioria da seção opinou pelo sequestro do Hospício e pela devolução ao Estado do predio adquirido em Petropolis, responsabilizado o tabelião que lavrara a competente escritura. O conselheiro José Bento apresentou parecer em separado, divergindo dos alvitres da maioria da seção.

Nesse interim frei José Maria Dallorto transferiu a sede do comissariado, do qual era titular, para casa alugada, em Petropolis, com terreno adjacente na rua Monsenhor Bacellar na Renania Inferior.

O tabelião de Petropolis, João Cordeiro de Carvalho, começou a ser processado por haver lavrado em suas notas a escritura de compra do predio petropolitano adquirido pelos religiosos da Terra Santa. A' testa da justiça da comarca de Petro-

polis estava magistrado integro, o dr. Manoel Vieira Tosta, digno filho de um vulto politico, o então visconde de Muritiba, de provada energia na presidencia de Pernambuco em 1849 e na sufocação da revolta da Praia, ultima triste amostra das lutas fratricidas do Brasil Regencia e do Brasil Segundo Reinado.

O juiz de Petropolis, depois desembargador, barão de Muritiba e fiel companheiro do exílio de D. Pedro II, mostrou se na altura dos creditos paternos de independencia e honradez declarando infundada a denuncia contra o tabelião Carvalho incriminado pela escritura de compra a pedido dos religiosos da Terra Santa. E a questão morreu, sepultada no intermino campo das injustiças humanas.

A proclamação da Republica em 1889 cortou de golpe os afrouxados laços da união Igreja—Estado. No periodo subsequente do reiflorescer das ordens religiosas sobretudo pela reabertura do noviciado no clero regular, os religiosos da Terra Santa compraram a casa da rua Monsenhor Bacellar, construindo hospício e capela sob a invocação da N. Senhora da Conceição, adicionado ao hospício colegio de instrução primaria e secundaria.

Terra Santa ficou sendo o bairro de Petropolis onde assistiam os religiosos da Palestina tão de residencia no Brasil, tornando-se o hospício petropolitano centro catolico ao qual prestou valiosos serviços a virtuosa senhora hoje venerada e invocada como Irmã Zelina.

Não foram poucos os sucessos do hospício de Petropolis até a transferencia do comissariado geral da Ordem para o Rio de Janeiro, isto a 30 de Dezembro de 1897, estabelecidos a sede do comissariado e o hospício do Santo Sepulcro no arrabalde populoso de Cascadura.

Aí levantaram os religiosos franciscanos menores da Terra Santa um templo sob a invocação de N. S. do Socorro, ornamentado com cenas e paisagens da Palestina no seu cenário dos longes da Syria.

Sobremaneira deveu a igreja do Santo Sepulcro ao comissario geral frei Ciriaco Hielscher, também superior do hospício, a construção do significativo templo confiada ao arquiteto Riedlinger, entregues as pinturas á palheta do artista dinamarquês Guilherme Schulmaker.

Ao templo dos religiosos da Terra Santa em Cascadura liga-se a recordação do cardeal D. Sebastião Leme quando bispo auxiliar do Cardeal Arcoverde. D. Sebastião benzeu a pedra fundamental da igreja depois consagrando esta. A magnitude do templo, o zelo dos seus mantenedores, valeu a elevação do mesmo templo, em 29 de Julho de 1920, a matriz provisoria da freguezia de São Pedro de Cascadura, localidade de ponto vital á Estrada de Ferro Central do Brasil no servir vida suburbana de um Rio de Janeiro cada vez maior por gente e mais gente.

Não apenas o Rio colonial e moderno e a alpestre Petropolis conheceram nos seus ambitos os hospícios da Terra Santa. Um foi de Campos dos Goitacazes, sem que conste ano de fundação, mais de clareza a sua historia depois de 1814.

Encontram-se referencias a um hospício em Porto Alegre dos começos do seculo XIX em diante, estendendo-se a Santa Catarina a ação e as caminhadas dos esmoleros do Rio Grande do Sul.

Enviado a S. Paulo, frei Bartolomeu Marques escolheu Itú para habitual residencia, aí em 1870 terminando bem empregados dias. Contribuiu frei Bartolomeu para o levantamento da Santa Casa da Misericórdia e o do Hospício da Terra Santa.

A' terra mineira foram também ter os missionarios franciscanos de presença em S. João d'El Rei e Divinópolis.

No Rio de Janeiro não ficou, que saibamos, imagem do Hospício de Santa Anna ou da Terra Santa na rua Evaristo da Veiga, por tantos anos posto em frente do antigo quartel do Corpo Militar de Policia da Côte.

Em 1903 um artigo de Vieira Fazenda, recolhido ás paginas de suas veridicas e informadoras *Antiquilhas e Memorias do Rio de Janeiro*, tratava do Hospício de Jerusalem aos Barbonos. Referiu-se Fazenda ao predio e á capela dos religiosos da Terra Santa, o predio "acanhado sobradinho de janelas de peitoril, capela de poucas proporções á ilhargia do imóvel".

De uso até 1856 os enterramentos nas igrejas cariocas, a capela de Santa Anna deu alguns tumulos ao Rio de Janeiro mortuario. O registro funebre da capela assinalou sobretudo a existencia de urna contendo os restos mortais do conselheiro José Ricardo da Costa Aguiar de Andrade, antigo visitante da Terra Santa. Percorrera-a com o indispensavel guia dos Santos Lugares, o Evangelho. Consultando-o a cada passo, D. Pedro II e o visconde do Bom Retiro igualmente examinaram tudo quanto de mais tradicional, de mais edificante a Palestina, oferece aos olhos, ao pensamento, á alma daqueles a quem Jesus diz consolo, esperança, imortalidade.

Por entre dous seculos anos e anos o Hospício de Jerusalem mostrou-se aos cariocas, aos transeuntes, aos fieis da cidade. Até ser demolida em tempo ainda proximos de nós, na Republica, a capela do hospício acolheu missas e novenas no templo modesto, cuidado, revestido de boa obra de talha. Tudo desapareceu afinal na voraginosa vida humana. Hoje assinalam o sitio do hospício e da capela, no lado impar da rua Evaristo da Veiga, duas construções, numa e as quais uma lapide com as armas da Custodia assinala a data da sua fundação. E' uma ponta de passado. Para prova deste os religiosos no hospício de Cascadura guardam um retrato a oleo, em tamanho natural, vindo do antigo hospício, retrato com a seguinte inscrição: "Ilmo e R. Snr Dom Frei Antonio de Guadalupe Bispo do Rio de Janeiro de 1725 a 1739. Fundou o hospício da Terra Santa no Rio de Janeiro". Isso ha 203 anos, mas que importa o tempo á memoria transmitida dos corações? Nos naufragios ha salvados.



Predios n.ºs 65 e 67 da rua Evaristo da Veiga, no local do antigo Hospício de Jerusalem, em frente ao quartel da Brigada Policial.

DURMA

feliz e
com saude

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: seção dirigida por
GILBERT DE PARIS

QUER FORMAR UMA BIBLIOTECA DE AUTORES ESTRANGEIROS?

AQUI ESTÃO OS GRANDES ROMANCES DO MUNDO

por Edmond Jaloux

O escritor Affonso Arinos de Mello Franco lançava há dias a ideia duma pequena biblioteca de cultura brasileira, para uso de leitores estrangeiros. O tema despertou bastante interesse no nosso meio literário e bem merecia um debate mais largo entre os leitores brasileiros.

Ha, em inglês, um livrinho famoso da autoria de Arnold Bennet — "Literary Taste" reeditado pouco antes da guerra, com um apêndice moderno, pelo crítico Frank Swinnerton, destinado á formação duma boa biblioteca inglesa. Também pouco antes da guerra, Edmond Jaloux, o grande crítico literário francês, tratara o assunto, pelas colunas de "Nouvelles Littéraires", com a diferença de se ocupar apenas dos grandes romances universais.

Perguntaram uma vez, á Correspondencia das "Nouvelles Littéraires" sempre bem informada, se "A feira das vaidades" tinha sido traduzida em francês. Foi traduzida, sim, por Georges Guiffrey. O exemplar que possuo tem a data de 1884. Apareceu na Livraria Hachette, que tinha, outrora, uma bonita coleção de romances estrangeiros e que a deixou desaparecer. Essa casa havia publicado ainda "Henry Esmond", "Historia de Pendennis", "O livro dos Snobs", "Memorias de Barry Lindon", sempre do mesmo Thackeray. Tudo isso se acha esgotado e é difficil de se encontrar, mesmo nos "sebos" dos cais de Paris.

"O livro dos Snobs" reapareceu na "Renaissance du Livre"; Henry Esmond, nas edições "Montaigne", publicadas por Fernand Aubier. Mas, sabem que "Henry Esmond" é um dos mais belos livros existentes, um livro lancinante, sob uma forma pura e reservada, a historia de um homem fiel á sua fé, fiel a seu amor, apesar das decepções e das traições que desencorajariam qualquer outra criatura?

Em seguida á pergunta feita a "Nouvelles Littéraires", eu indaguei de mim mesmo que seria que um jovem escritor ou um leitor, desejoso de conhecer as obras primas incontáveis do romance estrangeiro, poderia encontrar no estado actual das nossas livrarias.

Do mesmo modo como não se poderia ser bom humanista ignorando Sofocles e Horacio, o conhecimento verdadeiro da arte do romance exige a leitura a serio das grandes obras de carater universal. Por que, aliás, não admitir que o romance tenha criado um novo humanismo, que é propriamente o do século XIX e comporta igualmente um conhecimento do homem e uma educação da vida, fundados sobre a psicologia e a moral dos romancistas?

Quando se entra numa livraria alemã, nota-se que esses clássicos se encontram em numerosas edições bem encadernadas, formando a base solida das casas que os publicam; essas fazem afinal pelos romances clássicos de todos os

países o que o "Divan" e o senhor Schiffrin têm feito nas suas admiráveis edições de Stendhal e de Balzac, tão claras á leitura, tão bem apresentadas, e que deveriam fazer parte de todas as bibliotecas.

As obras de Dickens são, em parte, esgotadas em francês. A "Nouvelle Revue Critique" está publicando um texto novo sob a direção de Léon Lemonnier. E' de desejar que esta empresa tenha o maior êxito; Dickens, ao lado de seu prodigioso genio de criador de figuras humanas e de poeta, continua sendo o mais divertido dos narradores, um contista tão absorvente e inesgotável como Alexandre Dumas pai.

De George Eliot, creio que se póde ler ainda "Silas Marner", "O mocho sobre a Floss" e "Middlemarch". O magnifico "Adam Bede" desapareceu. "Daniel Deronda" também.

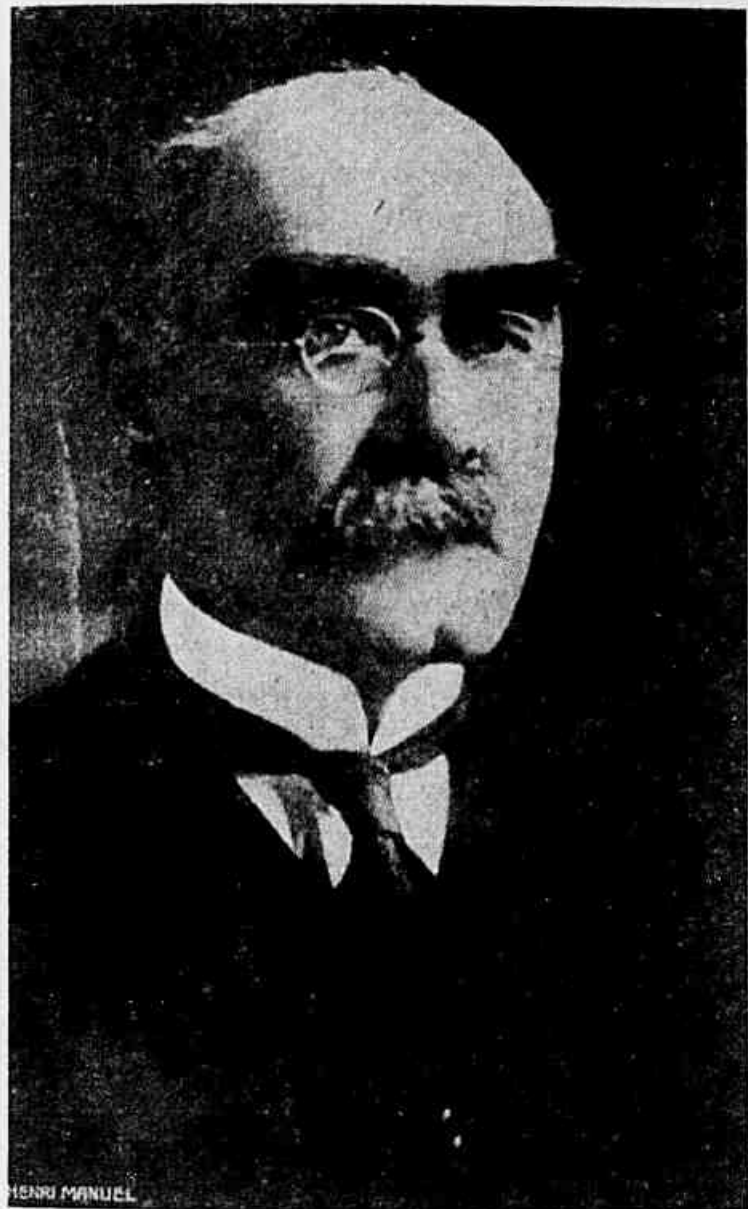
A voga que desfruta novamente Emily Bronte fez com que tenhamos hoje quatro traduções de "Morro dos ventos uivantes" (sem duvida seria melhor que outras obras importantes nos fossem reveladas; duas traduções chegavam bem). Mas isso permitiu editar ou reeditar "Jane Eyre" e "Villette", de Charlotte Bronte e "Agnes Grey", de sua irmã.

Graças á "Nouvelle Revue Française", á qual os leitores devem um grande reconhecimento, teremos em breve a obra integral de Meredith. E' fácil achar os melhores romances de Thomas Hardy: "Tess d'Urberville", "O prefeito de Casterbridge", "Jude, o Obscuro", "Barbara" e alguns outros. Rudyard Kipling está quasi todo traduzido; e Joseph Conrad, graças a Jean Aubry.

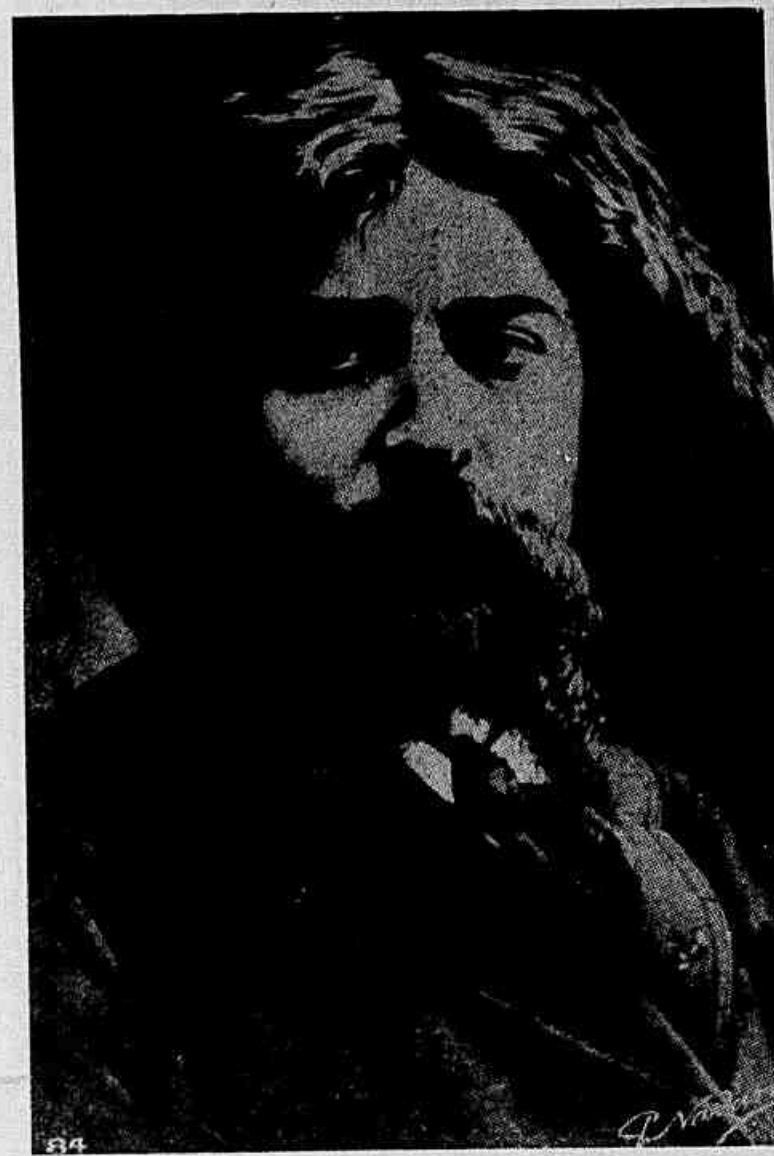
Mas, ao passo que Sterne e Swift fazem parte de nossos clássicos "importantes", Fielding e Smollett continuam desconhecidos. Tratou-se, ha alguns anos, de refazer uma tradução de "Tom Jones": recuou-se deante da dificuldade da tarefa.

Os russos são privilegiados: graças ainda á "Nouvelle Revue Française", temos uma bela edição completa de Dostoiewsky; graças á Livraria Stock, Tolstoi. Ha poucos anos, não se encontrava grande parte de Tourguenief; reeditou-se "Dmitri Roudine", "Fumo", "Terras virgens", "Um ninho de gentishomens", alguns contos. "Pais e filhos" e "Narrativas dum caçador" nunca se esgotaram; mas, por que não nos darem uma edição completa desse grande contista, desse romancista clássico, é como o nosso Merimée? Encontra-se na livraria Plon um Tchekov completo; na Stock, este livro admirável: "Os senhores Golovleff", de Chthédérine; quasi em toda parte numerosos livros de Gorki (dos quais muitos mediocres) e, na editora Calmann-Lévy, seu melhor romance: "Thomas Gordaieff". Gogol está mais ou menos completo. A "Nouvelle Revue Française" retoma um novo autor muito esquecido: Nicolau Leskoff. Só vejo uma obra russa considerável, desconhecida de nosso publico: "A cronica da familia", de Aksakov.

A literatura americana é inteiramente descurada. Apresentamos hoje um grande numero de narrações contemporaneas, da qual a maioria é duma ordem absolutamente inferior, sendo impossivel, no entanto, descobrir as obras primas de Nathaniel Hawthorne (de quem Stock e as edições Montaigne publicaram os contos): "A casa das sete torres", "A letra escarlata" (que forneceu o tema a um filme excelente) e o "Fauno de mármore". Quanto aos livros de Herman Melville, o mais moderno dos americanos, o mais ousado, o mais extraordinário, ficaram-nos cerrados: impossivel conhecer essas obras magistraes: "Moby Dick" e "Pedro ou as ambiguidades", o primeiro romance "freu-



Rudyard Kipling — Escritor inglês.



Alphonse Daudet — Romancista francês.

(CONTINUA NA PAGINA 72)

Joaquim Manuel de Macêdo



Zelio Valverde - Rio

Nova edição rigorosamente revista e anotada por Gastão Penalva e com um erudito estudo de Astrojildo Pereira. E' uma bellissima edição, em ótimo papel, em grande formato e profusamente ilustrado, preços:

Em broch. Cr\$ 40,00 -- Enc. Cr\$ 55,00
exemplares em papel especial, inglez, numerados de 1 a 110,
preço: Cr\$ 200,00.

ESTE E' O PRESENTE QUE O SNR. DEVE DAR AO SEU MELHOR AMIGO: o senhor mesmo.
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAIZ.

Pedidos á Livraria-Editora ZELIO VALVERDE
Travessa do Ouvidor n. 27 - Caixa Postal 2956 - Rio de Janeiro
REMESSAS PARA O INTERIOR PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo em virtude de ataque traiçoeiro do inimigo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torna-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Cia. que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA
MINAS

Capital subscrito: Cr\$ 10.000.000,00
Cap. realiz. e Reservas: Cr\$ 6.544.310,40
Sede: Belo Horizonte
Ed. do Banco Comércio e Ind. Minas Gerais



DE SEGUROS
BRASIL

Sucursal no Rio de Janeiro:
Av. Graça Franha, 62 - 8º - Tel. 22-1844
rede interna - Sucursal em S. Paulo:
R. Alvares Penteado, 153 3.º - Tel. 3-4451

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS.

REUNIDAS

PRESENTES DE NATAL

Crônica de MARIA LUIZA

Estamos novamente em face de um dos problemas mais serios no momento, apesar de sua aparência fútil em comparação com a grave situação internacional. Mas realmente, apesar da guerra, da crise e do aumento crescente nos preços dos generos de primeira necessidade, quem não se encontra durante estes ultimos dias do ano preocupadissimo com os presentes que deverá escolher para seus entes queridos? Quem não se vê em face do mesmo dilema repetido periodicamente: "oferecerei a fulana ou a sicrano isto ou aquilo?" E qual a mulher jovem ou velha, bonita ou feia, que não espera ansiosamente o embrulho magico que lhe trará "Papai Noel"? Penso que nesta época os homens deveriam também escrever crônicas neste sentido, embora saindo um pouco das colunas mais serias que estão reservadas para eles nos jornais, e, penetrando um pouco no terreno das modas e conselhos, reservado às mulheres, esclarecer-nos sobre aquilo que lhes agrada mais ou aquilo que não devemos de forma alguma oferecer-lhes, como gravatas por exemplo — pois onde já se viu um homem gostar daquelas que agradam às mulheres? Quanto a mim, não me sinto com idoneidade suficiente, pois me encontro na mesma situação, para aconselhar minhas companheiras de sexo sobre os presentes que devem fazer a seus amados, mas, tomando por base o meu proprio gosto, aliado ao de minhas amigas e confirmado pelas sugestões que nos apresentam as mais belas estrelas cinematograficas, atrevo-me a aconselhar sobre os que devem ser escolhidos para as outras mulheres. E' claro que o caso muda de figura conforme a ligação da pessoa que oferece com aquela que recebe. Conheci um rapaz que, com a melhor das intenções, ofereceu á noiva uma bela caixa contendo um conjunto de roupa interior com camisa de dormir e tudo; ele queria apenas contribuir um pouco para o enxoval, mas a impressão foi das mais desastrosas.

Isso sucede com uma frequencia inaudita em vista da extrema limitação de nossas regras sociais, por isso quando um homem não tem suficiente intimidade para conhecer os gostos de sua amada ou perguntar-lhe o que prefere receber, deve escolher presentes que agradam sempre e não infringem às regras sociais, como por exemplo:

Um anel semelhante a este que faz as delicias de Carol Bruce e cuja pedra deve ser aquela que traz sorte á sua "bem amada". A mulher que não adora perfumes não tem instintos femininos, mas é preciso verificar se aquele que deseja oferecer não é apenas uma falsificação.

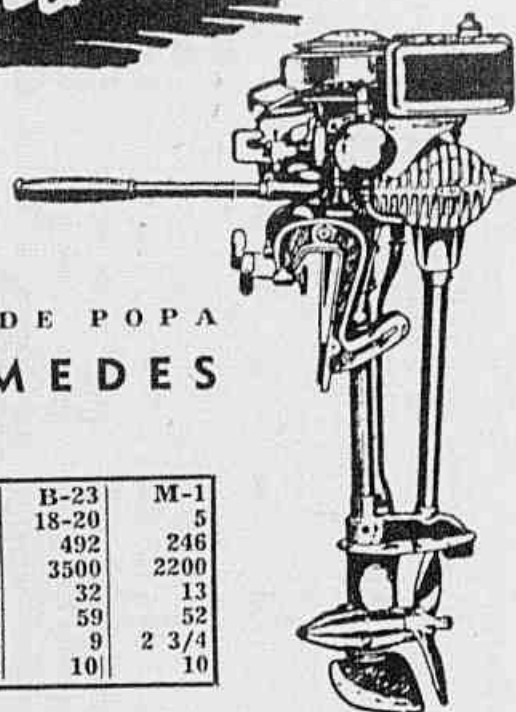
Perfumes e joias são porem presentes caros, mas ha uma infinidade de fantasias, mesmo no terreno das joias, que agradam tanto quanto estas; Ann Sheridan apresenta esses modernos broches, belos e no genero de muitos outros que podem ser oferecidos sem o menor receio. Ha ainda os *necessaires* de pintura ou as belas cigarreiras que enfeitam todas as vitrines da cidade e atraem a atenção de todas as mulheres. As caixas de flores ou de cigarros são igualmente lembranças delicadas e agradaveis. Bette Davis porem, ou por outra o seu belo galã austriaco, recordam-nos que, no momento em que começa a crise do fosforo não pode haver presente mais encantador e mais util do que um pequeno e moderno isqueiro, para os quais sempre é facil conseguir um pouco de gasolina.



Monte um **ARCHIMEDES**
em seu barco



MOTORES DE POPA
ARCHIMEDES



TIPO	B-20	B-1	B-6	B-22	B-23	M-1
H. P.	2	4	6	10-22	18-20	5
Cilindr. cm. 3	97,5	195	229	345	492	246
R. p. m.	2500	2600	2600	2800	3500	2200
Velocid.-kms.	10	14	15	22	32	13
Peso-kgs.	17	26,5	32,5	49	59	52
Cons. p. h.	1 1/4	2 1/4	3	5	9	2 3/4
Cap. tanq. lts.	2 1/2	4	4	8	10	10

UM NOME DE FAMA — UM MOTOR MODERNO

QUEIRA SOLICITAR DETALHES

ARCHIMEDES -

ESTOQUE DE PEÇAS PARA
TODOS OS TIPOS ACIMA

INFORMAÇÕES: **T. JANÉR & CIA.** End. Teleg. "JANÉR"

Matriz: RIO DE JANEIRO — Rua Beneditinos, 17
Caixa Postal, 960 — Telefone 23-2064

Filial: SÃO PAULO — Largo do Tesouro, 16
Caixa Postal, 3593 — Telefone 3-5116

PAPEL

de todos os tipos

Fornecedores da "REVISTA DA SEMANA"

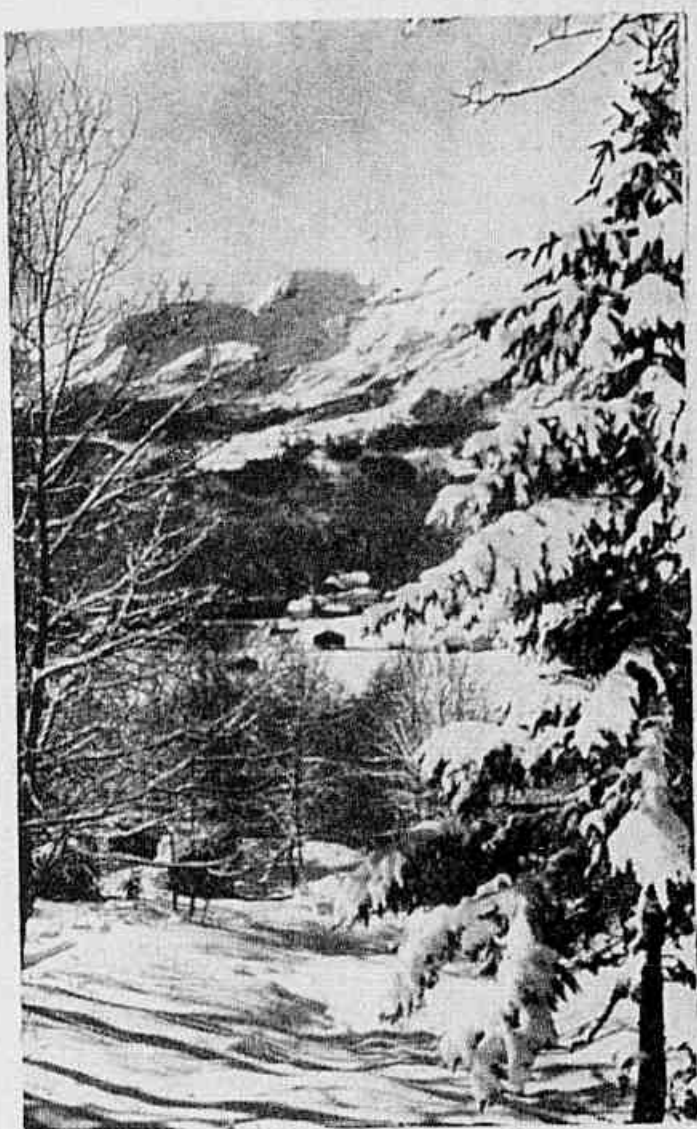


REPRESENTANTES:

COMPANHIA IMPORTADORA SUECA LTDA.

AV. RIO BRANCO, 52 — TELEFONE 23-0632 — RIO DE JANEIRO

TAPETE MÁGICO



Enquanto vibra pelos nossos céus a escala de todas as cores tropicais, lentamente cái sobre a paisagem da Europa e da América do Norte, branca e sutil, a carícia da neve.

Nada mais doce do que esse macio rolar de plumas que se desfazem ao mais leve contacto, numa sugestiva emoção de sonho infantil que faz da alma dos homens alheios aos terrores da guerra um encantado cenário de antigas lembranças consoladoras e felizes.

No recanto desta página, temos um trecho do Central Park, de New York, no inverno do ano passado, á direita e ao alto, espalhando-se do outro lado dois aspectos dos Alpes e em baixo uma casa senhorial do Tirol e uma casinha de pastores em Wengen, na Suíça.



Ninguém terá talvez amado mais as coisas do Brasil, suas paisagens, suas gentes e seus habitos do que este aristocrata da Mantiqueira, dividido sempre entre as delicias da vida europeia e a gostosura do viver sertanejo. Seus livros, PELO SERTÃO, HISTORIAS E PAISAGENS, O CONTRATADOR DE DIAMANTES, OURO, OURO, LENDAS E TRADIÇÕES BRASILEIRAS, espelham admiravelmente esse amor que nunca morreu no grande escritor. Esta magnifica evocação do Natal, precedendo a encenação dum antigo pastoril de Minas Gerais é penetrada daquela profunda emoção brasileira que o autor de PEDRO BARQUEIRO punha em tudo o que escrevia.

Ninguém pode sondar, sem o grande terror sagrado, a profundidade do sentimento universal do Homem de todas as raças e religiões ao celebrar a festa auroral da renovação do Ano, em que o declinio de um se afoga no arrebol do outro. No espetaculo do ocaso do

sol e do seu nascer, da queda das folhas e do rebentar dos brotos virentes, sempre constante aos olhos do Homem, viu ele a lição da sua propria eternidade.

A centelha que reproduzia nos altares, pelo atrito dos dois paus, o fogo do ceu, era nos "Vedas", da extrema antiguidade historica, chamada o "menino" e, significando o nascimento do deus Agni, era adorada.

Entre os gregos, a morte de Adonis, o efebo cuja escultural beleza conquistou a propria Venus, era chorada pelas mulheres em nenias dolorosas, ao crepusculo e ao céu aberto, do alto da Acropole, quando o ocaso vestia de purpura e ouro o marmore pentelico dos seus porticos. Venus transformou o jovem heroi em flor de anemona e mais tarde Zeus, o pai dos deuses, restituiu-o á vida.

O homem nunca jamais aceitou com sin-

FESTAS

por Affonso Arinos

ceridade a ideia de aniquilamento final e definitivo. Um instinto que vem das profundezas do ser o impede de curvar-se á suprema destruição da morte; e muito antes que a verdadeira Religião houvesse redimido o seu coração, depositando nele a verdadeira crença, a sua ignorancia primitiva, mais luminosa tantas vezes que as bibliotecas, já lhe ensinava que "há mais fé, há mais verdade, há mais Deus com certeza, nos cardos secos de um rochedo nú" do que nos milhões de linhas escuras das livrarias.

A festa do Natal representa assim o supremo renovamento e a aurora da redenção, a que todos os corações humanos confusamente aspiram.

A sua data, como a do primeiro do Ano, variou entre os povos e variou na propria Igreja. Foi só no IV seculo da nossa era que o papa Julio I fixou a natividade de Christo no dia 25 de Dezembro. E o principio do Ano, celebrado pelo velho calendario de Romulo a 1.º de Março, fixado por Numa Pompilio e Julio Cesar a 1.º de Janeiro, foi de novo festejado a 1.º de Março pelo imperador Carlos Magno, em pleno cristianismo. Passou depois a coincidir com a Pascoa, para só voltar á data actual em epoca relativamente recente.

Em toda a cristandade, nunca a arte espontanea, cuja mais bela e mais larga manifestação é constituída pelas grandes ceremonias populares, atingiu a um simbolismo mais profundo e mais comovedor do que no Natal. Vemos nele a fraternização de todos os seres, no amplo seio da Criação. E' a união entre Deus, os anjos, os homens, as alimárias, as arvores, as flores, o rochedo. E' a dignificação do miseravel e a nobilitação do bruto, é a formação da cadeia infinita dos seres na harmonia superna da natureza; é a afirmação veemente e ingenua da grande verdade cientifica de que o organismo humano é a síntese, pois nele o mineral, o vegetal e o animal se consubstanciam na mesma obra harmoniosa e suprema.

O Natal, pois, é a festa por excelencia da alegria. Os proprios officios da Igreja nesse dia respiram a alegria. A representação da cena da natividade nas catedrais medievais da Europa era viva e animada.

Aí está a origem dos autos, porque nos regosijos do Natal a representação era feita, nos seculos XIII e XIV, dentro das igrejas, por personagens vivos. Os descantes populares começaram quando as linguas vulgares se tornaram o idioma corrente, e o povo não entendia mais o latim. Então, enquanto o côro celeste, representado pelo clero, cantava em latim junto ao berço de Jesus Infante, respondia o povo em idioma vulgar. As árias e os hinos eram baseados nas canções populares correntes, nas melodias profanas, que levavam ao ambito dos templos as explosões de alegria ou os gemidos da alma popular.

O clero e o povo, aliados na mesma jubilosa celebração, trabalhavam por dar ás igrejas o aspecto rustico necessario á representação da natividade humilde de Jesus no estábulo de Belem. Os ramos de pinheiros e de outras plantas que não perdem as folhas no inverno cobriam as belas colunas de marmore; e as naves majestosas transformavam-se em cabanas de cabreiros ou em grutas onde os zagais se abrigavam das intemperies. O presepio passou depois das igrejas para as casas particulares, assim como os cantares pelos quais o povo respondia ao clero, passaram dos recintos sacros para as ruas e os campos.

Daí vêm as antigas usanças de presepios, lapinhas, bailes pastoris, e autos, nos quais

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

SOCIEDADE ANÔNIMA
RUA DA ALFANDEGA, 50 — RIO

Apresenta a seus amigos e clientes, sinceros votos de Feliz Natal e próspero Ano Novo.
DEZEMBRO, 1942



1942

1943

DE NATAL

o nosso povo, adaptando os folguedos de origem europeia e introduzindo neles criações próprias, se expande há séculos na celebração da maior data do cristianismo.

Todos esses folguedos populares transluzem o colorido rico e o admirável simbolismo que só o povo sabe dar aos seus quadros. No mais ingenuo dos presepios do sertão se pode perceber aquela corrente impalpável de eflúvios do alto céu ao amago da terra, desde os anjinhos cantando o *Gloria in excelsis Deo* junto à caminha de Jesus até o canto do galo, o mugir do galo manso e o balar das ovelhas. Nunca me hão de esquecer estas cenas comovedoras que meus olhos de menino contemplaram no alto sertão, junto dos presepios, quando as fiéis escravas cheias de fé, convencidas da realidade do que viam, suspiravam aos meus ouvidos com receio de perturbarem o recolhimento dos adoradores do Deus Menino:

— Não está ouvindo o galo cantar? Ele está dizendo: Christo nasceu! — O boi pergunta: onde? — Responde a ovelhinha: Em Belém! Em Belém!

E quantas vezes não se esconde a verdade mais sutil na rude simplicidade da ignorância? E' que em regra, só a intuição descobre a verdade e a intuição é uma luz natural viva ou bruxoante, mas sempre luz, existente em todos os seres humanos.

No conto evocador e sugestivo de Anatole France sobre os Três Reis Magos, vemo-los em marcha na planura dourada do deserto, sentados no dorso arqueado dos dromedários, à testa do seu sequito e distanciados deste, a confabular sobre o Grande Acontecimento. Baltazar e Belchior, sábios e poderosos, falavam de coisas graves e profundas, enquanto Gaspar, o rei negro, ignorante e modesto, se contentava de ouvir timidamente aquelas coisas transcendentais. Com os olhos fitos na Estrela da Anunciação, prosseguiram na rude jornada cada vez mais fatigante, da madrugada ao anoitecer, até que o palio estrelado fosse a claridade única pairando sobre a sombra da terra.

As divagações dos reis sábios continuavam ao lado do silêncio humilde do rei negro. Afinal, assaltados pela inquietação do desconhecido, instaram os sábios por uma palavra do ignorante.

— Que sei eu, pobre de mim, que vos venerarei como superiores pela vossa ciência e o vosso saber? Já vos sentis iguais a mim e não sabeis mais do que eu? Pois nossos reinos cabem naquelas três tendas, que nossos escravos armaram na areia do deserto. E é talvez isto que Deus nos quer ensinar nesta viagem!

Assim falou o bronco etíope e foi esta a lição mais concisa e a mais profunda que ficou das altas cogitações da regia jornada.

Das festas simbólicas do nosso povo pelo Natal, Ano Bom e Reis podem fazer-se volumes e já os temos dos mais valiosos. Traçou-os a mão piedosa de Mello Moraes Filho, indo colher no seio da multidão, com seu grande amigo Sylvio Romero, estas raras e perfumosas orquídeas que só os naturalistas viajantes, dos mais experimentados, descobrem no escuro das nossas matas.

Numerosos são os "reisados" coligidos por aqueles ilustres escritores e demopsicólogos; numerosos os bailados pastoris que podem variar de ano em ano e de cidade em cidade.

Não me proponho a vo-los descrever neste momento, nem penseis que ides ver coisa a não ser um exemplo apenas dos nossos tradicionais folguedos populares

Não vos convoquei para me ouvirdes mas para atenderdes à voz tão simples e sincera do povo nas singelas quadrinhas que moças gentilíssimas e rapazes da nossa mais fina sociedade vos cantarão dentro em pouco.

Eu sou o sineiro que subo à torre para chamar-vos ao culto da pátria. Não é a minha voz que vos fala e vos concita; é a voz misteriosa de todas as coisas que vos cercam; é a grande voz do trovão na montanha, é o marulho das vagas, é o sussurro das matas, é o canto dos passarinhos; é o som, mas é também o silêncio, silêncio das nossas solidões; é a cor, mas é também o negrume, o negrume da noite nos nossos escampados; é tudo quanto canta e chora e ruge e ameaça; tudo quanto avisa e aconselha; tudo quanto vos fala enternecidamente; tudo quanto, sem vos falar,

vos lembra e vos recorda; é a saudade do passado, é a esperança do futuro; é a visão da casa onde nascesteis, é a evocação da pessoa que amastes, é a sombra de quem chorais, é o perfil de quem esperais; é tudo quanto vibra e estremece e sensibiliza e persuade; é a palavra alada que voa e sonoriza os espaços, é a grande canção dos sinos a conchamar-vos na sua potente e maviosa garganta de bronze: vinde! vinde! vinde!

E viestes e aqui estais para ouvirdes o que vossos avós já ouviram, afim de que o possais transmitir a vossos filhos, formando assim o elo da cadeia chamada a tradição de um país. E' ela que faz dos habitantes de uma região um povo, dá a este povo uma alma, uma individualidade própria entre os outros povos da terra. E' ela quem dá aos povos as supremas energias para quem lhes incute esse extraordinário sentimento sem o qual são impossíveis as verdadeiras vitórias—o amor da pátria!

UM LINDO PRESENTE!

Escolha-o nas famosas coleções de

GALLY

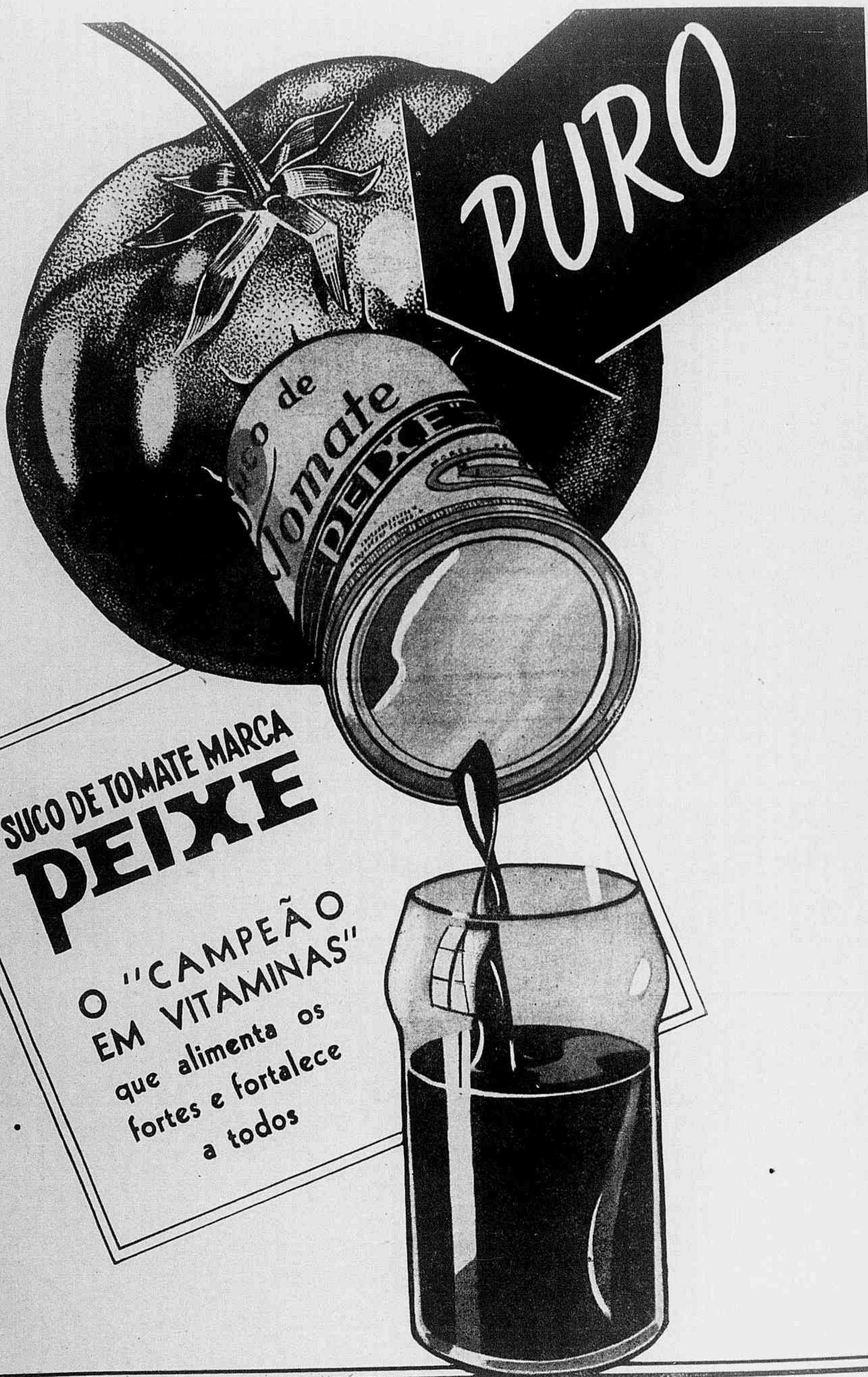
ORYGAM - RÊVE ROSE
NARCISO AZUL - PARIS
e HARPA

PERFUMES DA MAIS ALTA QUALIDADE!

PRODUTOS GALLY

- | | |
|--------------------|--------------------|
| ● Águas de Colônia | ● Loções |
| ● Água de Lavande | ● Oleos Perfumados |
| ● Batôn | ● Pós de Arroz |
| ● Brilhantinas | ● Rouge |
| ● Cosméticos | ● Rouge Cremoso |
| ● Crème | ● Sabonetes |
| ● Extratos | ● Sombras |

ALLY



SUCO DE TOMATE MARCA
PEIXE

O "CAMPEÃO
EM VITAMINAS"
que alimenta os
fortes e fortalece
a todos

A PREFEITURA E A ASSISTENCIA SOCIAL

A inauguração de varios melhoramentos na Colonia de Curupaití em Jacarépaguá



Vemos, ao alto, no momento em que pronunciava a sua saudação, o dr. Thomaz Pompeu Rossas que, em brilhantes palavras, ressaltou a administração Henrique Dodsworth que aparece na gravura juntamente com outras personalidades ilustres. Em baixo aparece o Pavilhão da Administração.

Prosseguindo, com denodo, seu louvavel programa de assistencia social, em todo os seus setores, o prefeito Henrique Dodsworth acaba de inaugurar varios melhoramentos na Colonia de Curupaití, em Jacarépaguá.

S. S., que ali esteve em companhia do dr. Jesuino de Albuquerque, ilustre Secretario Geral de Saude e Assistencia, teve ocasião de visitar demoradamente aqueles utilissimos melhoramentos, que foram executados pela firma A. Cardoso & Cia. Ltda., que já tem feito, para a municipalidade, varias outras obras do mesmo vulto.

As inaugurações constaram da entrega, á Colonia, de um grupo de oito casas para as familias hansenianas, de um prédio para a Administração, assim como de dois pavilhões destinados ao vestiário e ao parlatório.

Estes melhoramentos em muito vieram colaborar para o maior conforto daqueles que ali se acham, vítimas do mal de Hansen.

Brevemente será inaugurado o Pavilhão Carvills, com capacidade para 160 leitos.

HOMENAGEM DOS BANCARIOS AO GENERAL MANUEL RABELO



Realizou-se na semana transacta, no restaurante da Associação Atlética Banco do Brasil, o anunciado almoço em homenagem ao General Manuel Rabelo, por motivo da fundação da "Sociedade dos Amigos da America". Foram convidados de honra o General Candido Mariano Rondon, os coroneis Estillac Leal e Alcides Etchegoyen (que se fez representar pelo seu ajudante de ordens e chefe de Gabinete) majores Seron da Mota, Juraci Magalhães e Nelson de Melo, capitães Stoll Nogueira e H. Oest, dr. João Marques dos Reis, presidente do Banco do Brasil; adidos militar, comercial e naval norte-americanos; snrs. Helio de Almeida, presidente da União Nacional de Estudantes, e todos os diretores do nosso principal estabelecimento de crédito. Falou inicialmente o snr. Tancredo Ribas Carneiro, em nome do Diretorio do Conselho Anti-eixista de Vigilancia e Trabalho dos Funcionários do Banco do Brasil, que foi o organizador da solenidade. A seguir, discursou o presidente do Sindicato dos Bancarios. Usou, então da palavra o General Manuel Rabelo. Sua notável oração foi diversas vezes interrompida por calorosos aplausos. Louvou a fundação do Conselho Anti-eixista e declarou que o momento é de ação pronta e eficaz para a defesa da Pátria e da Democracia. Encerrando os discursos falou o Dr. Marques dos Reis, declarando-se feliz por se ter realizado na sede do estabelecimento que dirige aquela significativa homenagem.

Uma visita ao "Instituto Juruena"

Com a reforma Capanema os estabelecimentos de ensino secundário passaram a ser classificados em duas categorias: os Ginásios, onde se ensinará o primeiro ciclo e os Colégios, onde além do primeiro ensinar-se-á também o segundo ciclo (curso clássico e científico).

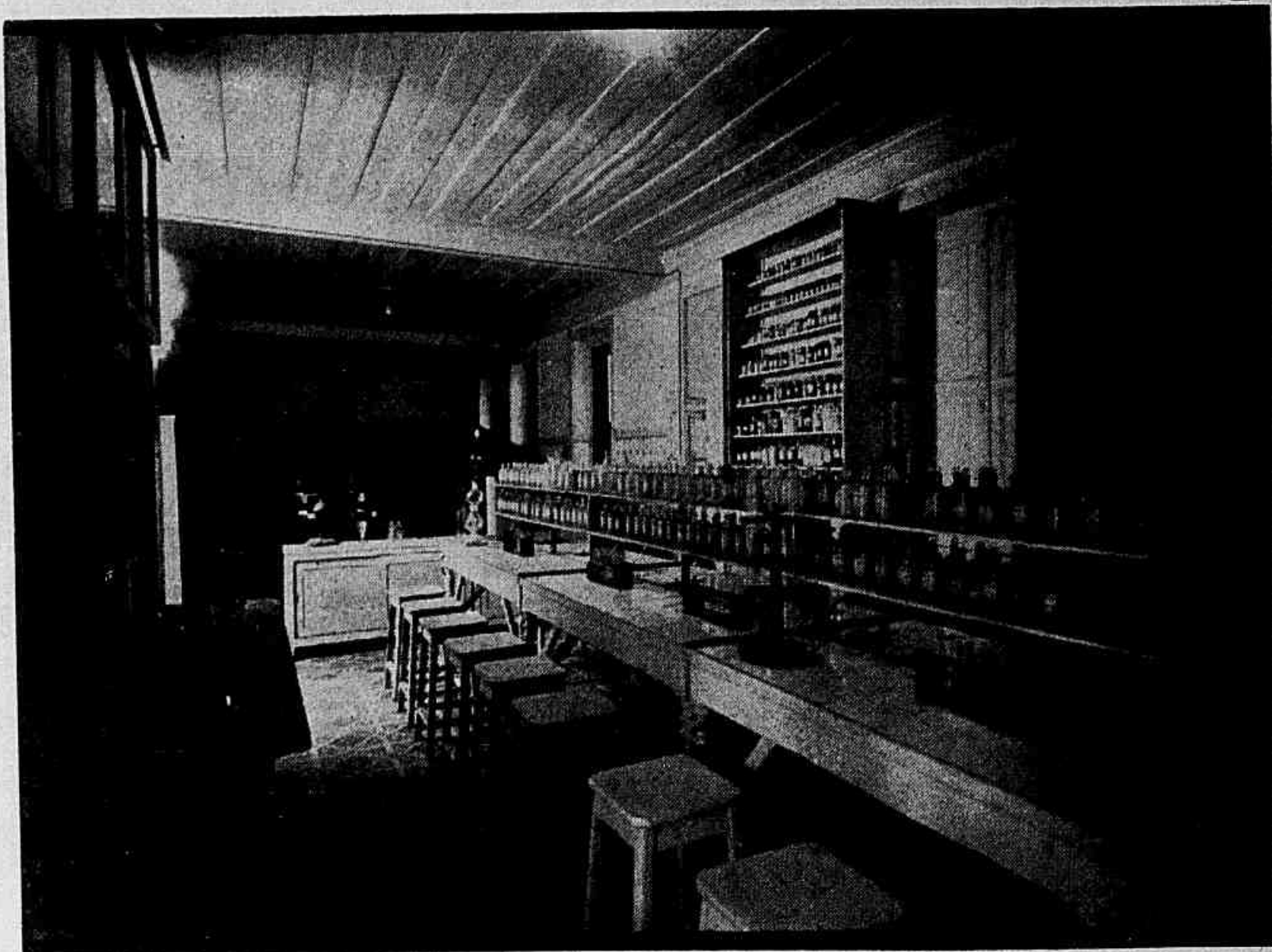
A REVISTA DA SEMANA resolveu visitar um estabelecimento do tipo Colégio, tendo escolhido para isso o "Instituto Juruena", já tradicional nos nossos meios pedagógicos, localizado á Praia de Botafogo, 166.

Dentre os inumeros departamentos em que se divide o Colégio, o que nos impressionou sobre o modo foram os Laboratórios de Química e Física, pela perfeição com que foram instalados, obedecendo a todas as normas da pedagogia moderna, o majestoso anfiteatro de História Natural e o muséu desta ultima matéria. E' também digna de menção a magnifica Bibliotéca do educandário.

Para o desenvolvimento intelectual contam os alunos com o jornal a "Flama", cuja redação trabalha entusiasticamente, numa demonstração eloquente do que virão a ser amanhã esses pequeninos jornalistas de hoje.

O "Instituto Juruena" é o prosseguimento do "Curso Normal de Preparatórios", fundado em 1913, que foi em seu tempo o estabelecimento "leader" da Cidade. Lutou de inicio com inumeras dificuldades devido á grande concorrência e sobretudo porque não quiz fugir á norma que se traçara, de ser uma casa de educação genuinamente brasileira.

Hoje podemos afirmar que esse colégio tem o seu conceito firmado no espirito dos pais que desejam uma sólida educação para seus filhos.



Um aspecto do moderno laboratorio e anfiteatro de Química.

A 19 de Novembro p.passado, dia da Bandeira, foi inaugurada no pátio do Instituto uma placa oferecida pelos alunos, ex-alunos e professores do estabelecimento, como uma homenagem

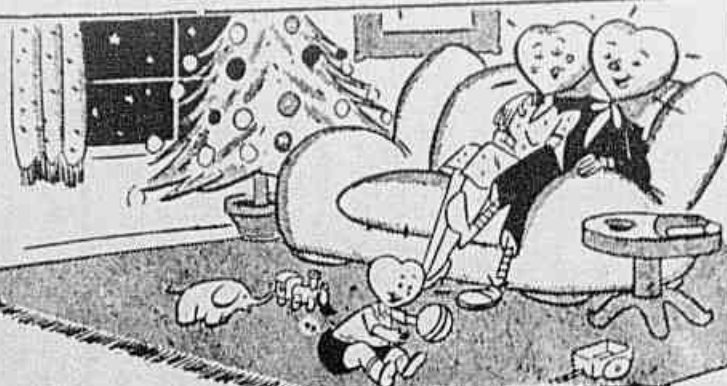
póstuma ao saudoso Dr. Artur Juruena Gomes de Matos, seu benemérito fundador.

"Que viva o seu Instituto, para continuar a obra, para honrar-lhe a memória!"



**Iluminando
LARES E CORAÇÕES...**

COMPLETE o encantamento da noite de Natal com o mágico esplendor da luz elétrica bem distribuída... Ilumine com abundância, a árvore simbólica carregada de brinquedos, para maior alegria de seus filhos... Transforme seu lar - pelo milagre da eletricidade - num ambiente acolhedor e amigável...



PROCURE ouvir os programas "ONDAS MUSICAIS" nas emissoras desta capital todas as 3as. feiras e nas ante-penúltimas e últimas 6as. feiras de cada mês, das 13 às 14 horas.

COMPANHIA DE CARRIS, LUZ E FORÇA
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
Sirva-se da Eletricidade

CAIXA POSTAL 571



TELEFONE 43-4848

NATAL

Por ALVARO MOREYRA

Havia, a um canto da biblioteca, uma arca de ferro, antiga, à semelhança das que fazem a vaidade de certas igrejas pobres e onde se guardam reliquias de santos. Dentro dela o homem fechava, desde a adolescência, as páginas do diário da vida que ia vivendo.

Ora, naquela véspera do Natal, o homem quis recordar o passado. Estava velho e perdera a memória.

Foi á arca. Abriu-a. Pousou as mãos cansadas sobre os papéis: alguns, de meses, apenas; outros, côr de folha morta, palavras quase desaparecidas, datas longínquas.

Pôs-se a ler e a sorrir, mas a sorrir tristemente, numa doce melancolia, numa ternura que o tomava, por todos os pensamentos, por todas as ideias, pelos desejos, pelos entusiasmos, pelos desenganos... pela dor e pelo prazer que já não sentia...

— "Ahl a beleza das horas desperdiçadas!... Como é longa a vida!"

Cerrou a arca. Sentou-se junto da janela aberta para os cantos do jardim. A noite entrava, envolta num luar de presepio e num aroma de lírios.

O homem, então, evocou o seu tempo de criança. Era, agora, o tempo que ele mais *via*...

— "Natal!... Natal!... Bem me lembro, Menino Deus da minha infância! bem me lembro da tua presença, á meia-noite, no pequeno quarto onde eu dormia... Chegavas do céu, e trazias tudo o que eu te pedira..."

Creio em ti ainda! E hoje, o que te suplico é um sono sem acordar... Adormece-me para sempre... Traz-me a morte..."

Batiam as doze badaladas da meia noite.

O homem adormeceu e sonhou. Sonhou que recomeçava a vida.

E teve assim o mais feliz dos seus natais...

PAPELARIA BRASIL

L. J. COSTA & CIA.

RUA DA QUITANDA, 89

Fonios 43-6545 e 43-1769 — Endereço Telegr: "PAPEZIL"

Artigos para escritório,
desenho e engenharia.

Deposito e secção de Expedição:
RUA BUENOS AIRES, 189/191
Fonio 43-6966 — Rio de Janeiro

Dos cajueiros e laranjeiras aos arranha-céus

Há na história da formação da cidade dois bairros que nada eram e hoje são tudo: Copacabana e Laranjeiras. Um — a "Saco-penopan" dos indígenas, era o deserto de areia beijado pela espuma das ondas do Atlântico e pontilhado de cajueiros; outro — o recanto bucólico, o vale umbroso sob montanhas poéticas, a paisagem virgiliana de que, há muito mais de um século, Mary Graham via e pintava no seu diário de viagem as numerosas laranjeiras que bordavam as margens do arroio embelezador e fertilizador do então humilde trecho do Rio de Janeiro. O areal e o laranjal — um impregnado do iodo salutar das ondas e outro embalsamado pelas emanações da simbólica flôr das noivas — não são mais nada do que eram, porque foram tocados pela vara de condão da fada que transformou os ermos em novas cidades.

O areal ficava segregado do resto da cidade pela muralha natural dos morros. Babilônia, Cabritos, Cantagalo... Davam-lhe a nota humana as cabanas humildes dos pescadores e, no extremo meridional, um templo pequenino — que por anos e anos ficou sendo a Igrejinha — hoje desaparecido e em cujo local se levanta a previdência de uma praça de guerra. A voz dos sinos foi substituída pelo clamor dos canhões. E aí iam os curiosos e os fiéis, galgando a ladeira do Leme onde nos fins do século XVIII o marquês do Lavradio, terceiro vice-rei, fizera construir um forte, ou vingando o caminho da Vila-Rica. Até que o primeiro tunel e depois o segundo determinaram a transfiguração da predestinada curva litorânea.

Copacabana evoluiu do areal para a avenida de *bungalows*, evocadores da Índia misteriosa enaltecida pelo gênio poético de Rabindranath Tagore; e do *bungalow* para o arranha-céu bem americano, criação *yankee* do século XX. E se esses gigantes arquitetônicos são, cada vez mais, exemplos da ousadia do homem da nossa centúria, não há erro na afirmativa de que o Edifício "Paquetier", de construção adiantadíssima à Avenida Copacabana n.º 1228, é uma das mais arrojadas e majestosas realizações da cidade, com os seus 93 apartamentos para os associados da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil.

As Laranjeiras ficaram por muito tempo imersas no bucolismo delicioso da paisagem. Uma selva em miniatura... E um rio murmuroso, fluindo sobre pedras, curso de água de pouca extensão e muitos nomes. Rio das Laranjeiras, rio Catete, rio das Lavadeiras, rio das Caboclas, o mesmo rio Carioca que vai desaguar no Flamengo e ia também dar o líquido precioso, através dos Arcos de Gomes Freire de Andrade, aos chafarizes que existiam no velho Campo de Santo Antonio, que até hoje guarda o nome da corrente que mana da serra da Tijuca.

E as Laranjeiras, onde espande o requinte do gosto artístico dos arquitetos de hoje, terão o *pendant* condigno do "Paquetier" no Edifício "Paquetá", de que está aberta a concorrência para a construção dos seus 44 confortabilíssimos apartamentos até ao último dia do ano expirante, o dia alviçareiro de São Silvestre, o 31 de Dezembro de 1942.

A nova edificação, como a de Copacabana, é incorporada por iniciativa da Diretoria da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil, superiormente orientada pelo seu presidente, o ilustre e operosíssimo dr. Orlando de Almeida Campos, *doublé* incontestável de homem prático e vulto social, bancário e *gentleman*.

Notaram sob que auspícios eminentemente nacionais se erguerão os dois edifícios? Serão duas verdades, duas realidades brotadas romancescamente. Paquetier — o rio encantador de Terezópolis... Paquetá — a ilha de sonho da Guanabara...

E quem não se recordará do "Guarany" de Alencar e da "Moreninha" de Macedo?

O BANCO DO DISTRITO FEDERAL instala a sua sucursal de VARGINHA

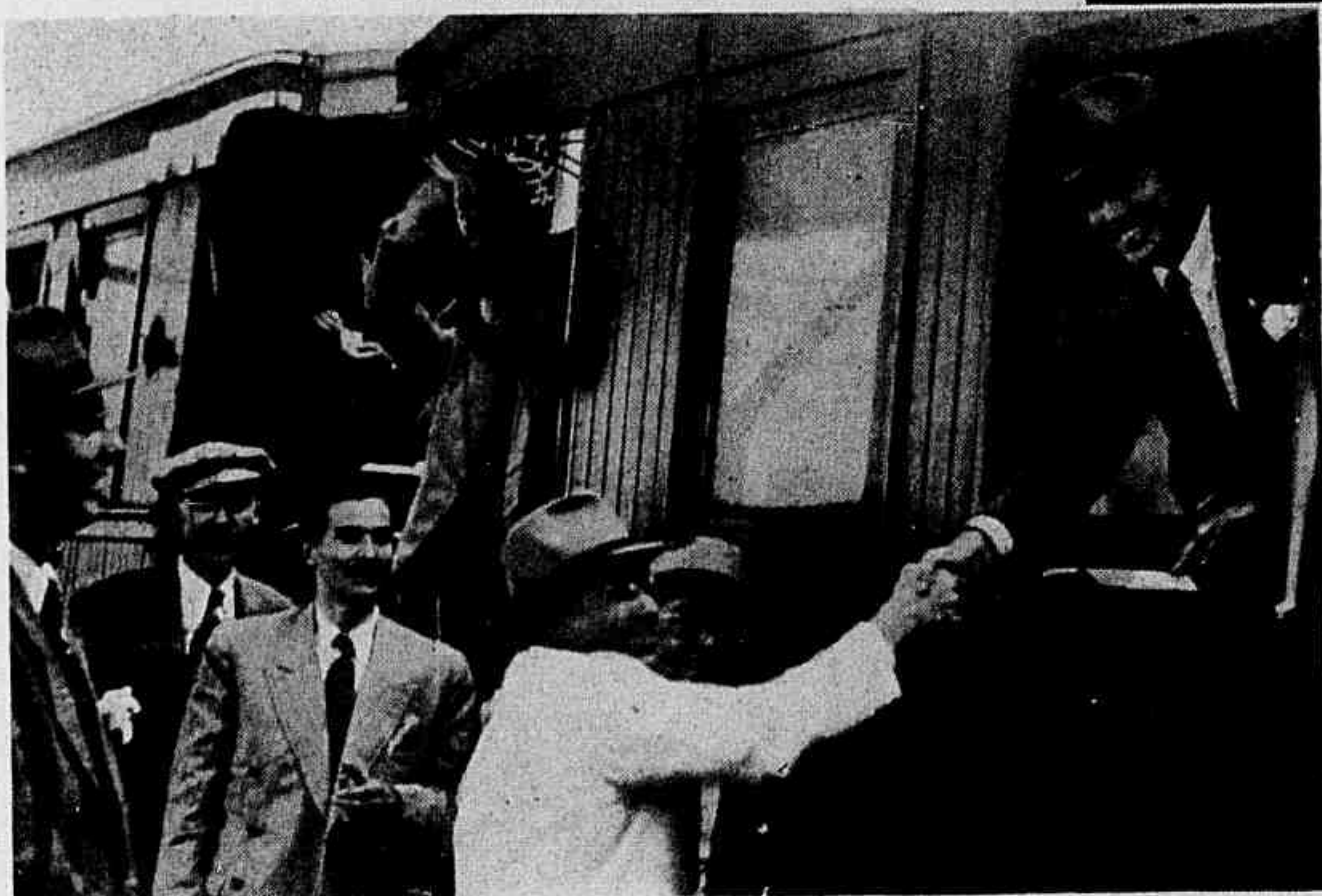


Edifício em que está funcionando a Sucursal do Banco do Distrito Federal, em Varginha.

Em baixo: O sr. Draut Ernanny despede-se, na estação, do sr. José Rebelo da Cunha, quando este antigo diretor do Banco de Varginha partia para São Paulo.



Os senhores Nelson Ottoni de Resende, Gileno Amado, Draut Ernanny de Mello e Silva, Paulo Rodrigues Alves e Djalma Pinheiro Chagas, diretores do Banco do Distrito Federal, e os snrs. José Rebelo da Cunha, José Bonifácio Caldeira e Antonio Ribeiro de Resende, membros da ultima diretoria do Banco Comercio e Agricola, de Varginha, que foi incorporado ao Banco do Distrito Federal.



Revestiu-se de grande e expressiva solenidade a recente inauguração da Sucursal de Varginha, do Banco do Distrito Federal, conceituada organização bancaria que vem cumprindo á risca seu programa de expansão de credito, através das mais representativas praças do paiz. Em pouco menos de dois anos foram instaladas sucursaes em São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, e escritorios e agencias em Andrélandia, Eloy Mendes, Carmo do Rio Claro, Oliveira, Nilopolis, Divinopolis, Santo Antonio do Amparo e Caheté, em Minas Geraes, e em Santo Amaro e Santo André, Estado de São Paulo.

A Sucursal de Varginha foi recebida com grande interesse pelos elementos mais destacados do comercio, industria e sociedade daquela importante cidade mineira.



Aspecto do jantar oferecido pela Direção do Banco do Distrito Federal aos seus acionistas de Varginha, por ocasião da incorporação do Banco Comercio e Agricola ao Banco do Distrito Federal.

O CONSELHO DE PAPAI NOEL



Lembre-se de que estamos em guerra! Economisar
agora, além de prevenir o futuro, É TRABALHAR
PARA A VITÓRIA! Inicie neste Natal, para seu
filho, uma caderneta de economia na CAIXA
ECONOMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

Natal no Sertão

De Viriato Corrêa

Pelo Natal o sertão é um poema iluminado. A selva é grande palio de flores aberto sobre a vida; os campos verdejam, tomam multicolorização bizarra, touças rebentam numa opulência régia de florões.

E' o tempo da florada das laranjeiras: os quintais afofam-se de brancuras, há recendências que embriagam um sonho. E' o tempo das borboletas, o tempo das abelhas: pelo ar, pelo céu, há revoadas cambiantes de azas, há zumbidos que se parecem com beijos.

Pelo Natal o sertão é todo um frémito de música. Não há uma cabana onde não se ouça uma sonoridade de cordas. Há festa em toda parte, em toda parte se brinca, em toda parte se canta.

A' noite aparece a lua. E' o ultimo convidado que chega, mas nunca deixa de vir. Vem serena, grande, enorme como um mundo.

Pelo Natal a lua é sempre maior, sempre mais branca: parece um sol de leite. E às vezes ilumina e aclara tanto que lá na mata um sabiá qualquer desperta e canta, os outros acordam e, em pouco, a selva é todo um modular supremo de aurora.

E a festa continua. Quem é moço namora e ama ao ritmo das violas.

E' pelo Natal que mais se ama no meu sertão. Moças beijam os namorados nos escuros das latadas, matutas que vêm de casa com o coração vazio voltam de braço dado ao noivo, ao moço matuto que a beijou quando dansava.

E' pelo Natal que se pedem raparigas para casar. Um beijo dado na noite em que Cristo nasceu vale uma estrofe eterna de felicidade. Quem tem um filho pelo Natal tem a graça consoladora de Maria, no céu.

E' o tempo da ternura e do amor, o tempo da carícia e da maternidade.

Num dos recantos do sertão do norte há um costume que é uma suprema glorificação da maternidade. E' o costume de dar de mamar às crianças, á meia-noite de Natal, á hora em que os galos cantam.

E' sagrado

Não há criança de peito que não tenha um seio para chupar. Feliz o filho que pode mamar na hora em que Jesus mamou!

Corre a lenda que, á meia-noite de 24 de Dezembro, logo que o primeiro galo desperta, a Virgem também acorda e, numa auréola suavíssima de graça, no seu suave manto de redenção e pureza, desce á terra e vem pela floresta, á procura das crianças sem mães. E, se as encontra, pára, desabotoa as pregas do seu manto, toma o pequenito nos braços e põe-lhe á boca a divindade olímpica do seio branco em que Jesus mamou.

E feliz o filho que pode mamar de sua própria mãe na mesma hora em que Maria deu leite ao Rabino da Judeia...!

E não há por esse recanto de sertão uma criança que não tenha um peito para chupar.

As mães vêm todas para as festas e trazem os filhos para a cerimônia da meia-noite. O samba está em todo o seu estridor de

CASA DO BASTOS

A CASA QUE CALÇA A ELITE CARIOCA



CATÁLOGOS

GRATIS

AMBOS TIVERAM
A MESMA IDEIA!

Todos poderão tê-la,
vendo a nossa variedade
de calçados, últimas criações
do mais apurado
gosto.

RUA URUGUAYANA, 19 • FONES: 43-5537
43-5547

entusiasmo. Um roceiro qualquer avisa no borbórinho da festa:

— Vai dar meia-noite! Os galos vão cantar!

Toda mulher que tem filho pequenino corre a buscá-lo, uma a uma; sentam-se á beira das latadas. As violas calam-se. Toda gente fica silenciosamente á espera.

O luar ilumina como o dia. A selva, a serra, os campos estão de uma serenidade divinizadora. Além, no recesso da mata, ouve-se uma asa que desperta e bate, e um canto sonoro e claro enche a solidão do céu. E' o primeiro galo que acorda.

Tudo quanto é mãe desabotoa os casacos, e os peitos dentre as rendas saltam casaco afora. Os lábios das crianças tremem e as boquinhinhas unem-se á fartura dos seios.

As violas rompem numa musica de glórias, há gritos alvicheiros pelos ares; ao longe um outro galo tatalou também as asas e cantou, outro cantou também, mais outro, mais outro, e toda a mata é uma hosana de cantos.

Os violeiros assanham os acordes, o arvoredo farfalha, as laranjeiras do quintal rescendem perdidamente, a selva inteira rescende como um jardim.

CORTINAS
TAPETES
STORES
MADRAS

CASA BEIRIZ
RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

O CONTO BRASILEIRO VELHINHO

De VALDOMIRO SILVEIRA
Ilustração de Euclides Santos

PERTO do pé de farinha-seca, já muito cansado e aborrecido com a bruega que caía, o Vá-s'embora sentou-se, amparado da água por uma laceira de maracujás do mato. Atirou o chapéu de palha, todo esfiapado e amarelento, para uma banda, e então mais queimado lhe pareceu o rosto retalhado de rugas, sobre as barbas inteiramente brancas e sob os cabelos também assim.

O caminho a vencer, que ainda era muito, andava a fazer negaças pelo morro acima, ora escondendo-se num ramalhete de árvores, ora surgindo ao lado delas, fino e vermelho como rastilho de sangue. E o Vá-s'embora, que o olhava, em vez de tomar descanso começava a sentir maior e mais pesada fadiga...

Os jaracatiás, de maduros, já davam de cair. Catando-os pelo chão, no fundo do mato, encontravam-se e disputavam as cotias: e os passarinhos verdes, revoando e grasnando, atacavam-n'os em bando pelo ralo das copas.

Aquele dia, porém, mal das cotias e dos passarinhos verdes! A piaçada dos arredores também gostava dos jaracatiás: ajuntou-se uma grande mó barulhenta, e foi a eles. As águas do ribeirão ficaram carregadas de casquinhas amarelas, que se lançaram na lavagem dos frutos: e houve segunda festa, naquelas águas, porque os piquiras feriram logo junto às ribanceiras, querendo também seu pouco da comezaina que os meninos faziam...

Acabada a folgança, rompiam para a estrada os pequenos vagabundos, quando deram com o velho:

- Uiai! que home' esquisito não 'tá naquele antonico-alve!
- De cabelo tudo pombo!
- De barba tão comprida!
- C'ua manguarona de arindiuva na mão!
- Sem chapéu na cabeça!
- E pitando num pito de légua e meia!

O Vá-s'embora não deu fé que eles já estavam entre as árvores de beira-estrada: não os viu vir, não os ouvindo, porque ia distraído nas dobras que o Rio Novo fazia ao jeito do vento: e ainda agora não escutava o sussurrar das vozes admiradas.

Mais curiosos, alguns chegaram para mais ao pé dele, contemplaram-no e voltaram:

- Tem os olhos empapuçados que nem bugio macho!
- Cada ruga, na cara, que inté parece rego de horta!
- Ua mancha de vinho pegado 'o nariz!

Os outros, sabedores de tão diferentes sinais, não se atreveram, contudo, a avizinhar-se da farinha-seca. E o Vadico, rosadinho de olhos celestes, parecido a um anjo de altar-mór, falou ao irmão mais novo, o Nicolau:

- Joga um terrão nele!

O Nicolau teve pena:

— Ora o pobre! Pois ele de certo sentou p'ra ganhar corage', agora como é que a gente há de fazer essa malfetoria?

Vendo que o Nicolau não tinha peito, o Vadico aticou o Bento, um trigueiro de pegar e dar:

— Olhe, Bento: eu gosto é de gente corajuda! Gente patife não cai no meu chão! Eu pincho um cacete no velho, você joga um terrão, quer?

Foi logo fechado o trato: e o Vadico juntou o corpo a uma peroba-poca, e o Bento agachou-se atrás de um pau tombado:

- Um, dois, três!

O torrão, meio húmido, bateu no jaleco desbotado do Vá-s'embora; o cacete, com as reviravoltas pelo ar, perdeu o rumo, desviando-se umas duas braças: e então, nas costas quasi côr de laranja do velho, como que pegou a tremer uma longa mancha de terra molhada, que era quasi lama.

Ele voltou-se para o lado da agressão:

— Quem é, quem não é, que 'tá judiando dum cristão erado que não toma o lugar de ninguém de baixo do sol? •

A caçarada riu-se. E o Vadico, abrindo a boquinha de flôr, aumentou a alegria do grupo:

— Ih! que bom! O velhinho ficou enfezado! Que bom!

Cessara o chuveiro, abriam as nuvens. O Vá-s'embora ergueu-se, pôs o chapéu, firmou-se na manguara. Iia afastar-se e fazer caminho pela estrada já descoberta, que dava ares de fumegar com todo o seu sangue fresco. Mas um cascão de canela alcançou-lhe um dos pés mal resguardados:

— Quem é, quem não é, que tem ânimo de maltratar um miserável que anda solto p'ra largueza do mundo?

A risadinha alteou-se um pouco, e o Vá-s'embora, adiantando-se pela gordura pingante de chuva, topou-os logo esparramados à entrada do mato. Olhou-os com muita tristeza:

— São vocês, devéra', que 'tão fazendo danos p'r'o pobre de mim? O Vadico, vendo a fraqueza e a mágua do outro, levantou o topete:

— Semo' nós, sim! E daí?

— Daí, é que vocês 'tão caíndo num pecado feio! Pois eu antão fiz argum mal p'ra vocês, que merecesse perseguição?

O Nicolau já tinha os olhos rasos d'água:

— 'tá bom, seo home', desculpe! Não hai mais nada!

Fitando nele os olhos cavados, o Vá-s'embora pegou-lhe numa das mãos, que achou fria, e passou-lhe outra nos cabelos castanhos:

— Meu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo também andou p'ro mundo, ás vez' suzinho. Ele falou que a gente deve de ter piadade dos pobres, porque ele é o pai dos pobres. Um coitado já pena tanto, quando sai de sua casa, se um dia teve casa, que é por de mais o sofrimento que os outros acarcam em riba daquelas costas!

Tirou a mão que guardava a do Nicolau, e com ela entrou a profundar a manguara no terreno macio:

— Vocês 'tão bem felizes, premita Deus que ansim seja sempre! Não queiram nunca ver nem fazer a infelicidade dos mais. Adeus criança!

Foi retirando de vagar, coxeando seu tanto, com um dos ombros descaídos. Alongou-se, começou a subir o morro, na fraca faiscação do sol quasi frio. E pendia ao de leve para a frente, como ao peso de um fardo.

A caçarada saiu para o claro:

— E antão?

— Antão, o que?

— O velho falou...

— ... falou mesmo...

— ... que Nosso Senhor também...

Ninguém tinha ânimo de dizer o resto. Foi o Vadico, com riso meio amarelo, quem primeiro teve disposição:

— E se fosse?

— Se fosse o que?

— Nosso Senhor?

Todos se entreolharam, pasmados. Viraram-se logo para o morro, que o Vá-s'embora ia galgando dificul-tosamente, e benzeram-se, num começo de remorso e de susto. O velhinho, ao chegar à contra-vertente, parou um instante e voltou-se:

— Adeus, criança!

Então, desfechando a chorar, eles ergueram as mãos, quasi como quem reza, e gritaram:

— Adeus, Nosso Senhor!





Valdomiro Silveira, com Affonso Arinos, foi o precursor dos contos regionais na literatura brasileira.

Conhecendo de ponta a ponta o seu cantinho paulista, impregnado da língua do seu povo, aquele dialeto tão rico de inflexões e de vocabulário do sertão sulista, quando surgiu pela primeira vez em livro, com *Os Caboclos*, depois de frequentar a imprensa periódica há bem trinta anos, ganhou de golpe um lugar definitivo entre os novos grandes narradores pecando talvez um pouco, justamente, pelo excesso de modismos postos na boca dos seus personagens.

Seu estilo, porém, é o mais limpo possível, maleável e colorido, com uma grande emoção e uma certa malícia ingenua, ao abordar as diversas situações em que joga os seus tipos, pelo que seus contos têm sempre um sabor especial, alguma coisa de diferente no setor do regionalismo.

Nelhinho, que damos na página anterior, não é bem um conto de natal.

A emoção, no entanto, em que se acha penetrado esse episódio faz com que ele aí figure sem o menor desrabimento, pois se trata de crianças e de um pobrezinho de Cristo, que bem poderia ser o próprio Nosso Senhor, coisa muito da hora do Natal.

A ternura com que o grande escritor paulista tratou este tema tão simples e desses momentos raros nas nossas letras, ternura tão grande que o coração fica doendo e os olhos se marejam de lágrimas, como o dos garotinhos da roda bulhosa que o andava atormentando.

PENSAMENTOS

O corpo tem um princípio e um fim. E onde acaba o que se conhece começa fatalmente a desilusão. Só os enamorados perfeitos, quer dizer os que aceitam o amor como uma aventura trazida pela fatalidade e se entregam a vivê-la com um fatalismo resignado e dolorosamente alegre, ignoram esse começo e esse fim. Mas o enamorado é tão raro nessas condições como o é o homem de gênio. O que habitualmente se confunde com o amor é a paixão, que dá pouco de si e exige muito em troca do que dá. As almas jamais nos desiludem, porque sempre achamos na sua profundidade o que não esperávamos achar. Contem em sua obscuridade tormentosas claridades que nos deslumbram e mostram em sua imperfeição, quando lhes chega a vez de padecer ou o minuto terrível do desfalecimento e da fraqueza, traços de perfeição que nos assombram.

ALBERTO GERCHUNOFF

CAMISARIA CASTRO
CAMISAS, MEIAS, GRAVATAS
ULTIMOS PADRÕES.
RUA ARQUIAS CORDEIRO Nº 275

SAPATARIA JURITY
CALÇADOS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
MODELOS NOVOS PARA AS FESTAS.
RUA ARQUIAS CORDEIRO Nº 279

CHAPELARIA JURITY
SAPATOS, CHAPÉUS PARA HOMEM E ARTIGOS DE ESPORTES.
RUA ARQUIAS CORDEIRO Nº 277

FABRICA DE PRODUTOS QUIMICOS
PERFUMES "MIMO"
Talco, Pó de arroz, Loções, Água de Colonia etc.
LOUÇAS MITAC TINTAS Tic-Tac.
RUA DOIS DE MAIO 152/54

PERFUMARIA MEYER
ARTIGOS PARA TOUCADOR.
SALÃO DE CABELEIREIRO E MANICURES.
RUA ARQUIAS CORDEIRO Nº 291/93

ANEXO DA PERFUMARIA MEYER
LOUÇAS, CRISTAIS, PRATARIAS E ARTIGOS DIVERSOS PARA PRESENTES.
RUA ARQUIAS CORDEIRO Nº 285/89

Apresentamos aos nossos amigos e clientes, sinceros votos de Feliz Natal e Próspero Ano Novo.
DEZEMBRO 1942-RIO

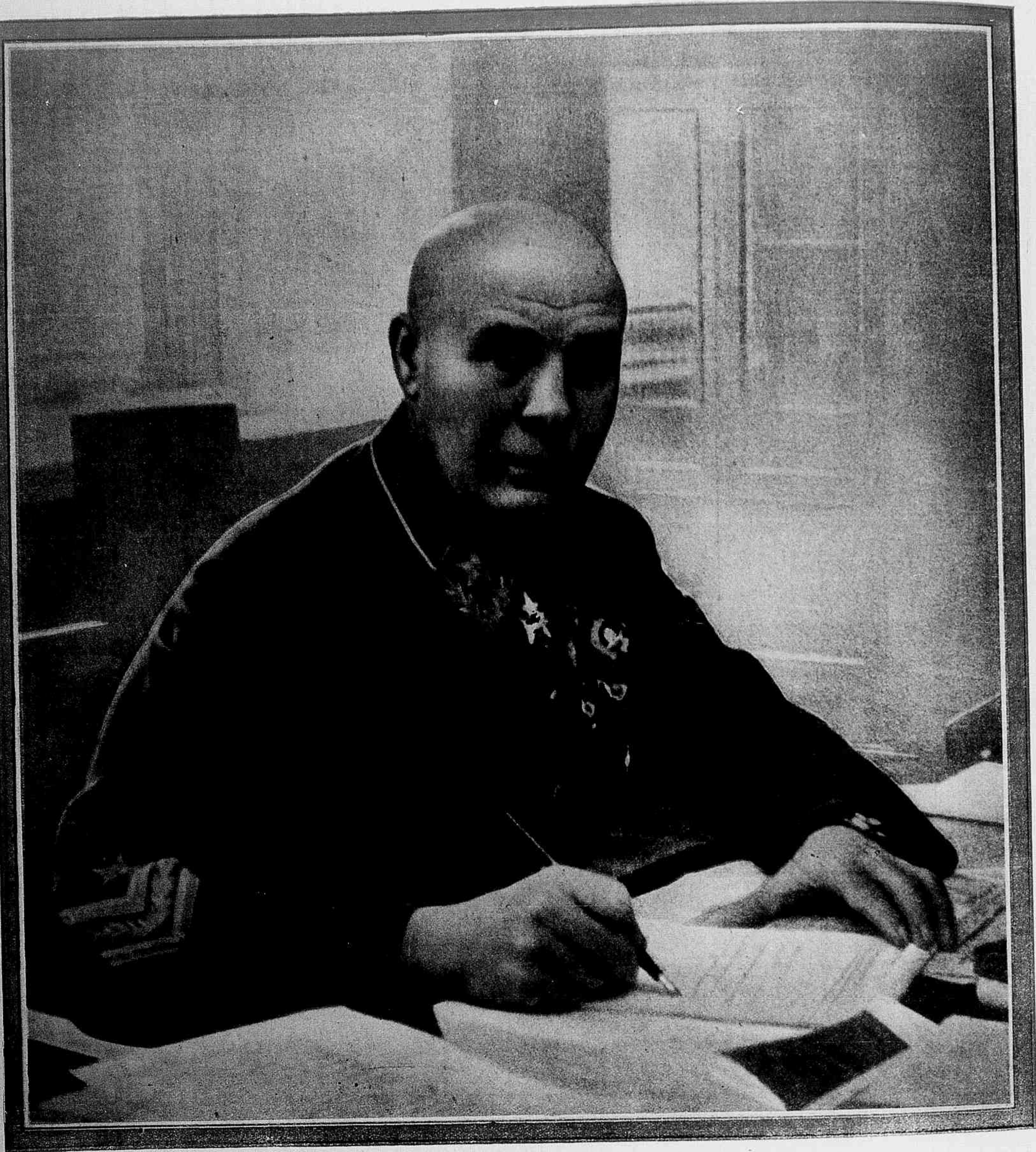
VIEIRAS de CASTRO, LTDA.
MATRIZ-R. ARQUIAS CORDEIRO, 291/3. TEL. 29.0968

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

GASPA! CABELOS BRANCOS!
use LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS ou GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL

V Bonbons **ITÓRIA RÉGIA**
Cerejas ao Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os melhores.



Marechal Simeon Konstantinovich Timoshenko, o soldado que maior fama tem conseguido nos campos de batalha da presente guerra.

Timoshenko, não obstante ser bastante moço ainda — tem 47 anos, — não é um soldado criado no regime soviético. A sua carreira de militar remonta ao exército imperial moscovita. Tendo nascido na Ucrânia, filho de camponeses, levou a primeira fase de sua vida num ambiente de trabalho continuado, sem que ao menos lhe sobrassem vagares para conseguir uma educação elementar. Com o advento da primeira grande guerra, Simeon ingressou nas fileiras do exército czarista, dedicando-se de início à arma de artilharia. A sua curiosidade intelectual e vontade de bem conhecer a arte da guerra levaram-no a procurar por todos os meios elevar o seu nível cultural.

Quando rebentou a revolução de Kerensky, Timoshenko estava num presídio — fora condenado a vinte anos de cadeia, por se ter insubordinado contra um oficial. Posto em liberdade pelos revolucionários, Simeon ingressa na arma de cavalaria, dedicando-se então definitivamente à carreira militar.

Ao ser concluída a paz com a Alemanha, Timoshenko havia atingido o posto de oficial do exército. Os vinte anos seguintes de sua vida foram de estudos incessantes, na Rússia em outros países da Europa, que Timoshenko visitou na ansia de dilatar os seus conhecimentos da arte bélica.

Com a entrada da Rússia na guerra, em junho de 1941, a figura de Timoshenko toma vulto, primeiramente nas grandes batalhas que se travam no setor central. Pouco depois, quando se intensificam as operações na Ucrânia e Hitler despeja os seus exércitos no front meridional, Timoshenko é colocado à cabeça dos exércitos que operam nessa região. A batalha pela reconquista de Rostov, que foi o início da grande contra-ofensiva russa do inverno passado, teve como heróis os soldados que Timoshenko comandava. Em Karkov, surpreendendo as unidades blindadas de Von Boch, o famoso cabo de guerra desorganizou os exércitos que Hitler estava preparando para a sua adiada ofensiva de primavera, em 1942.

Seria, entretanto, na defesa da cidade de Stalingrado, cidade-chave de toda a bacia meridional do Volga e grande centro industrial, que Timoshenko conseguiria equiparar-se aos maiores generais de todos os tempos. No momento presente, quando se esboça a grande contra-ofensiva de inverno dos exércitos russos, o seu nome aparece como um símbolo da eficiência do comando das forças que lutam contra as hostes de Hitler no oriente da Europa.

O Sertão e o Mar

(Especial para a "Revista da Semana", por Eugenio Gomes)

Que ideia faz do mar o sertanejo que nunca o viu?

Em minha terra, que está situada numa zona em que a seca é frequente, a ideia de um estuário imenso e inesgotável como o oceano, não entra em certas imaginações. Não! Não é possível — insistirão, ainda, por lá, algumas ignorâncias tenazes — que haja esse despotismo d'água sem prestígio, no mundo.

Explica-se. No espírito do sertanejo, que nasce naquelas terras, onde os rios só fluem com o favor das chuvas, a água está associada à ideia das coisas efêmeras e fugidias. Quando os rios ou os tanques transbordam e a água espumeggia, espalhando-se no campo, a alegria que sorri nos olhos ávidos do homem trabalhado pela rispidez dos verões extenuantes, não é a mesma daquele que contempla o mar. A impressão deste é de mobilidade eterna, ao passo que as águas tombadas do céu sobre o sertão ou correm doidas pelos caminhos sinuosos e ondeantes dos rios ou se páram, contendo-se numa lagôa ou num tanque, é para acabar, mais dias e menos dias, absorvidas pela terra estorricada.

Um dia, certa criança de minha povoação, ouvindo o pai discorrer, com entusiasmo, sobre a imponente vastidão do mar, cortou-lhe, entre assombrada e radiante, a narrativa, interrogando: — Mas, papai, o mar não seca?...

—)(—

Se a alguns parece inverosímil tamanha abundância d'água, a outros o mar sugere um monstro, um monstro indefinível. Que é todo d'água, sabem-no. Mas o que subsiste a todas as conjecturas é a desconfiança de que, por debaixo da água inquieta do imensurável plano azul, uma força trabalha, surda e ignorada, a desgraça das criaturas.

O mar, para o sertanejo, é uma entidade à feição daqueles seres desconformes engendrados pelo terror dos habitantes primitivos da terra.

— Hoje, eu vou ver a cara do mar... dizia a patrão, de vez em quando, certa criada do interior. Essa rustica conservou por muito tempo a ideia, trazida do sertão, de que as ondas que, ela, no seu linguajar pitoresco, chamava as "ôndias", eram qualquer coisa como um animal vivente.

Ordinariamente, o sertanejo só conhece o mar ou através de narrações tendenciosamente aterrorizadoras ou pela carranca, não menos temerosa, que lhe pintam os jornais. Lembre-se que estes raramente se ocupam do mar que não seja para lhes enumerar as vítimas da fúria implacável e cega em dias de procela. E o homem que aprende de outiva essa tradição do mar esfuriado, e nunca o viu, foge-lhe às leguas...

Em suma, através da gente sertaneja, o mar é sinônimo de ferocidade inabrandável.

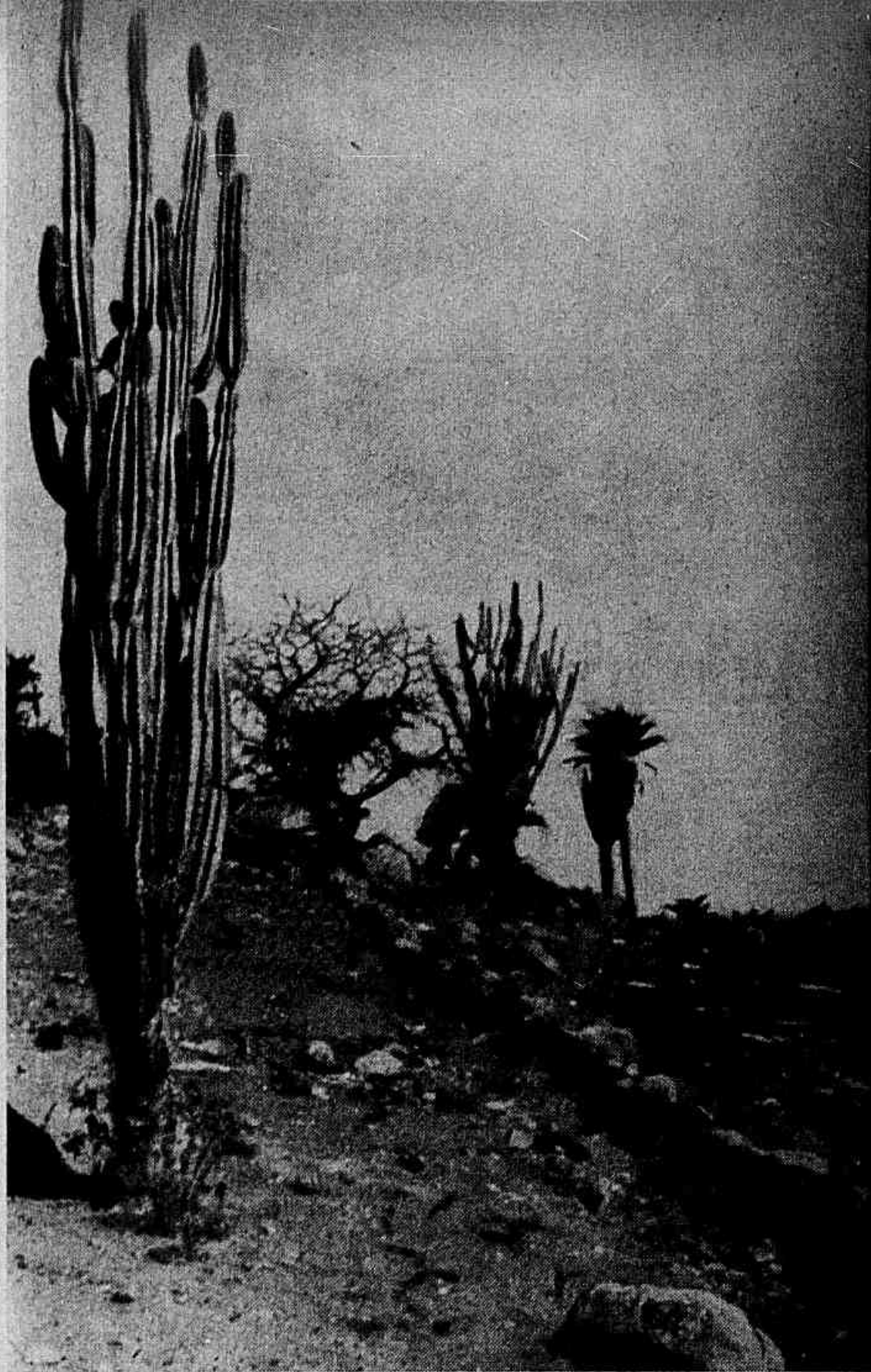
Sei de um sertanejo, de indole rude, que não podia ouvir, sem arreganhar os dentes de raiva, o apelido que lhe aplicaram de "Oceano"...

—)(—

A primeira visão que eu tive, em pequeno, do mar, foi através de um livro de gravuras onde se reproduziam alguns aspectos da viagem de Colombo. Era um pedaço de mar, empolado e crespo, muito azul, em meio do qual velejava a nau ousada do descobridor. Essa imagem do mar nunca mais se apagou da minha retina. Quantas vezes eu me não deixei ir por esse mar azul, puramente legendário, como um gajeiro do sonho, arrebatado pela misteriosa atração das terras desconhecidas por avistar e descobrir!

—)(—

A voz do mar, quem m'a revelou foi uma concha, que havia, em nossa casa, sobre um tapete, na sala de visitas. Era sempre com uma doce e tímida alegria que, penetrando às escondidas na sala, eu a encostava ao ouvido para escutar aquele ruído, cavo e surdo, que me afiançavam ser a ressonância da



música barbara do oceano. Mas, porque — refleti, muitas vezes, intrigado, entre mim mesmo — os búzios do nosso sertão, em quasi tudo semelhantes às conchas, não ressoavam do mesmo modo reproduzindo os rumores da selva? Na caatinga, eu apanhava e punha ao ouvido, um a um, os pequenos búzios, polidos e brancos, que ia encontrando. Era inútil. Nem um deles guardava a mais leve ressonância da terra.

Talvez porque nela eu visse um dos segredos do mar, que me diziam insondável em seus mistérios, a concha causava-me temor... Um temor misturado de encantamento, porque, a meus olhos de menino, ela era uma das mais surpreendentes sutilidades da criação.

Pois bem, até os nove anos, o mar, como pude conhecê-lo, a trinta ou mais leguas de suas praias, estava todo numa pintura que não media mais que um palmo de criança. E porque assim minúsculo, me pareceu que o ressoar da concha lhe bastava. Então? Uma pintura e uma concha, nada mais, e o mar estuava, pleno de vida, diante dos meus olhos aturdidos de menino.

—)(—

Foi aos nove anos que fiz a primeira travessia de mar. O vapor saíra pouco depois da meia noite do Paraguassú. Chispeantes na treva, pequeninas luzes, projetadas de bordo, acendiam exquisitas faíscas no dorso quasi invisível do rio.

Eu via e ouvia tudo com uma atenção sobressaltada. Os homens de bordo, bruscos e rápidos. Os passageiros de fisionomias estranhas. O apito rouco da sirena. As vozes de comando. As sinetas estridentes. O barulho das hélices. Os motores. A luz elétrica. A oscilação do vapor. Tudo isso era inteiramente desconhecido para mim. Mas enfim veio o sono. Só algumas horas depois dei conta de mim, a uma sacudidela pela mão de meu pai. O vaporzinho entrara na meia-travessa, já ladeava Itaparica. O espetáculo do mar, ao amanhecer, visto pela primeira vez por uma criança que só o conhecia através de uma gravura e de uma concha, quem ousara descreve-lo?

Mas ha sempre um impostor ao pé de um menino deslumbrado...

Um caixeiro-viajante, que me seguia o desassossêgo, á vista do mar, pegou-me pelo braço e apontando com o dedo a renda de espumas que a hélice ia deixando sobre as águas, disse-me, com alguma gravidade: — Eis aí as espumas flutuantes de que falava Castro Alves...



A virgem Dolorosa, por Dirk Bouts (Haarlem, 1420; Louvain, 1475).

NUM livro de confissões, eu teria de incluir um capítulo sobre a minha iniciação, já por volta dos trinta anos, na secreta vida dos museus de arte. Se a alguns amigos essa iniciação se pode afigurar tardia, consola-me a idéia de que pelo menos ainda me salvei a tempo. Salvei-me a tempo, como essas pessoas que aprendem a nadar já depois de maduras, mas é o bastante, porque o naufrágio só ocorreu depois, e assim a aprendizagem valeu.

Pintura, escultura e cerâmica foram, aliás, os meus primeiros instintos de menino "reinador". Aos dez anos, com os meus próprios ganhos na indústria de fazer-balão e fazer-papagaio, eu tinha a paixão das caixinhas de aquarela, com seus minúsculos tijolos de todas as cores; o ideal seria possuir uma das grandes, com estojo de metal, pratinhos de louça e numerosos pincéis de vários feitios; porém, como o dinheiro não desse, já me contentava com as caixinhas pequenas, de madeira, só de oito tijolos de tinta, ressecados e pobres. Nas papelerias eu comprava também coleções de "lapis de côr", outra irresistível fascinação. A aquarela, porém, é que correspondia às minhas inclinações mais fortes. Não havia nenhum pintor na família (música e gastronomia pelo lado português; música e literatura pelo lado baiano; pintura, nenhuma). Não podia, entretanto, deixar de ser pintor o menino "levado" que ao voltar do colégio, no porão da casa, passava horas desfazendo tintas num pires de água turva e fabricando paisagens, paisagens desajeitadas, sempre com árvores tortas e casario confuso. Cadernos inteiros de papel encorpado enchiam-se daqueles borrões, ondulando-se à humidade do pincel. Para a escultura e a cerâmica, tinha o mesmo pendor. Com o barro do jardim, eu fazia cabeças e bonecos, pequenas cuias, tijelas e pratos, contente de ver aquelas pelotas informes assumirem pouco a pouco, em minhas mãos, linhas conhecidas de objetos familiares; e tudo isso, à falta de ir ao fogo, rachava ao sol e se esfarelava em poucos dias, num recanto do quintal chamado "a oficina".

Não sei como essa vocação desapareceu no decorrer dos anos seguintes, tanto mais que eu já tinha um vago "senso crítico" e não gostava de certa pintura acadêmica, dos meus dois professores, no curso ginasial; ambos pintores, ambos fazendo paisagens "exatas", um barquinho a vela ou uma casa de caboclo na praia. Também em escultura o "acadêmico" das estátuas nas praças públicas locais me enchia de indiferença; eram algumas imagens da igreja do Rosário, da do Carmo e da de Santo Antonio que me interessavam; e os retábulos dos altares barrôcos, e certas portadas ornamentais, com uma sugestão de "inacabado". A leitura de romances absorveu-me demais. A literatura, nesses anos de transição da meninice para a adolescência, foi uma espécie de "ocupação", no sentido militar; ocupação de que

Confissões de um

nunca mais libertei os meus territórios; e de haver falido tão cedo nas artes plásticas, só me posso explicar pela falta de vocação autêntica. Brinquedos com tintas e argila não passavam de alegria de contactos; manifestação inconsciente e difusa de "gostar da vida" — da vida, tão rica de formas e de cores, de delícias para as mãos e para os olhos.

Foi talvez esse "amor da vida" que me levou, até bem tarde, a fugir aos museus com uma repugnância de "bárbaro", comparável à do nhambiquara que tem prevenção contra o aldeamento do missionário e prefere o mato. "Bárbaro" de colarinho duro, cronista de jornal, admirador de Balzac, tomando aperitivos nas calçadas do boulevard; "bárbaro" da espécie pior. Os museus, já à porta, me inspiravam tédio. Pareciam-me necrópoles de arte. Ir a uma exposição de artes plásticas era agradável, cada tela ou cada escultura poderia ser vista em poucos minutos, estava terminado; no salão, os grupos em conversa dão à atmosfera a animação da "vida viva", com a qual as próprias obras então se confundem. Já os museus, nos grandes palácios silenciosos, me sugeriam incursões subterrâneas, a catacumbas. Assim me sucedia com o Louvre, que eu gostava de ver de longe, na bruma do outono de Paris ou na grisalha dos dias chuvosos; transpôr-lhe as portas, imergir nas primeiras salas, era iniciar uma longa viagem aos abafados domínios da morte; vinha-me o desespero de recuar para o ar livre, onde há carros que passam, multidões que se agitam, céu aberto. O que estava lá dentro fazia parte de um fatigante mundo de formas peremptas e não havia pressa de perder-me nele; mais urgente era ficar fóra, participar da natureza em fuga.

As frescas alegrias — águas que correm, nuvens cambiantes, murmúrios do vento nas florestas — estavam também lá dentro, mas eu só vim a sabê-lo depois que viajei pela província francesa. Aos museus municipais devo a posse do meu novo estado civil, a minha conversão, o toque de graça, a completa posse daquelas alegrias. Foram eles, os pequenos museus, longe de Paris, que me ensinaram a "ver" e a "sentir" os delicados mundos que tem voz e movimento, ao longo de corredores silenciosos; e o primeiro foi o de Nîmes, onde uma Santa Catarina de Siena, por Bernardino Luini, tem uma pomba pousada no ombro. Nîmes, Aix-en-Provence, Grenoble, Pau, Toulouse, Bayonne, cada cidade de província, agora, me atraía desde logo para o seu museu, e era na tranquila contemplação de alguma tela de primitivo ou de algum desenho de Miguel Angelo que eu parecia absorver melhor a vida profunda da própria cidade; através das jane-

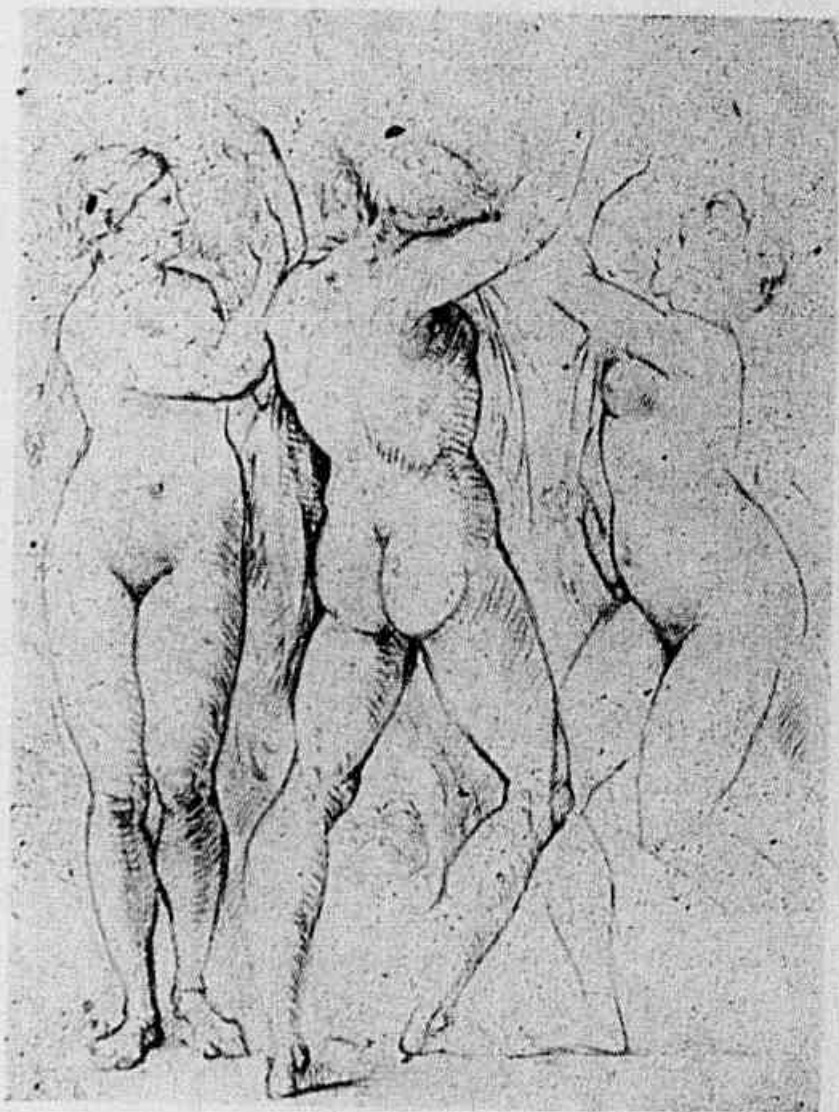


"A Virgem e o Menino", de Bernardino Pinturicchio (1454-1513), no Ashmolean - Museum, de Oxford.

bárbaro arrependido

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

DE RIBEIRO COUTO
(Da Academia Brasileira de Letras)



"Estudo" de Rafael Sanzio (1483-1520), museu de Bayonne, França.

las, a claridade do dia iluminava a descoberta de mais um fragmento de "eternidade viva". Os séculos aboliam-se e abraçavam-se as nações. Ir a um museu começou a ser então uma ansiedade, como se alguma coisa de amoroso me esperasse; e embora, à noite, do alto de uma ponte, eu admirasse os fogareus do burgo, com seus *boulevards* e sua "Avenue de la République", eu pensava na manhã seguinte, quando iria, auxiliado só pelo plano da cidade, achar aquele esconderijo assinalado por um ponto vermelho e um número, "Musée", que guardava entre as suas paredes um retrato de Holbein ou uma paisagem de Claude Lorrain.

O universo, para mim, tinha agora um novo sentido. Os museus provincianos me haviam feito descobrir a arte. Não eram necrópoles, eram rumorosas capitais de um secreto reino, com a sua multidão, as suas ruas, os seus dramas, os seus prazeres, o seu "ar livre". Os anos podiam vir, podiam começar a demolição da minha mocidade; enquanto os meus olhos enxergassem, eu poderia participar de uma alegria que só a mim próprio pertencia e não tinha mais fim; a "Virgem Dolorosa", de Dirk Bouts, me daria, por exemplo, a sensação de uma inextinguível presença materna; e os meus perpétuos amores seriam aquelas graves mulheres, das pinturas flamengas, "femme du donateur", que ajoelhadas diante do altar murmuram preces com uma boca de lábios fieis, tão bons para beijar meninos.

Lembrei-me dos meus tempos de "bárbaro" quando há pouco perguntei a um amigo se queria ir ao nosso Museu de Belas Artes ver uns quadros holandeses que ali há — entre tantas outras coisas admiráveis, que a falta de luz e de apresentação conveniente quase que escondem dos visitantes. Disse-me que não podia; um museu "cansava-o muito". Está claro que cansa; mas há uma arte de ir aos museus, como há uma arte de visitar um país. Perguntei-lhe, enfim, se não lhe acontecia "ter saudades" de certas côres, de certas formas entrevistas uma vez num corredor de galeria, e que "nos esperam". Como me dissesse que não, calei-me; e fiquei olhando na calçada uma pobre mulher que passava, com uma criança ao colo — precisamente "A Virgem e o Menino", não sei de que pintor italiano. Depois, caiu uma chuva torrencial e nos acolhemos ao toldo de um café. Nas poças d'água que logo se formaram no asfalto, parecia que ia surgir a paisagem de Leiden, aquela húmida paisagem que Rembrandt, adolescente, gostava de desenhar no papel, com os alagadiços da planície a refletirem toda a esperança do céu.



Madalena de Ottenburgo, figurando de Laís de Corinto, por Hans Holbein o Moço (Augsburgo, 1497; Basileia; Londres, 1543). Quadro existente no museu de Basileia e pintado, naquela cidade, em 1526.

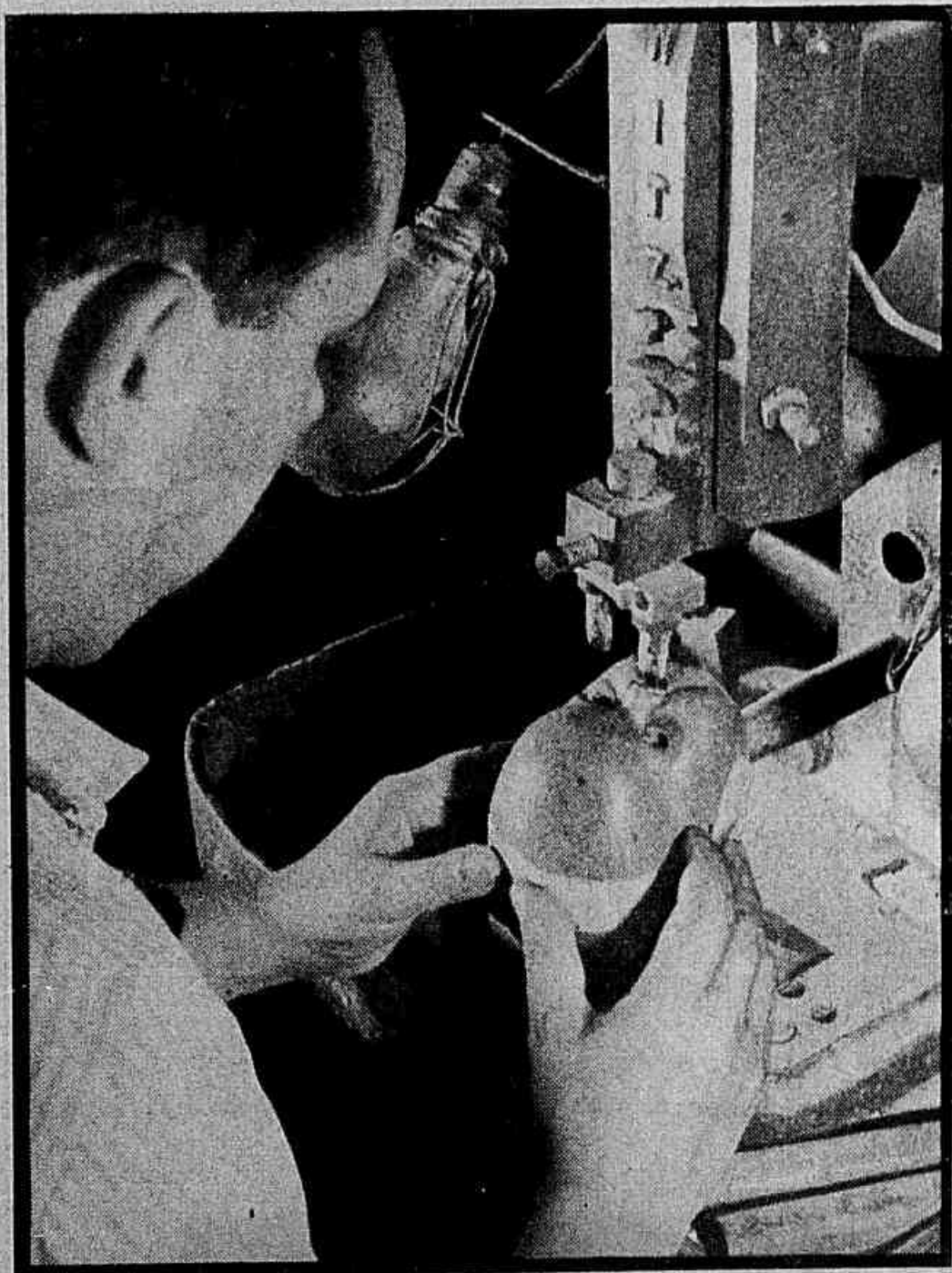


Portas do tríptico de São Cristóvam, S. Gilles e São Mauro (Museu Comunal de Bruges), por Hans Memling (Mogúncia, 1430; Bruges, 1494). Guilherme Moreel ajoelhado diante de um genuflexório, tendo atrás seus cinco filhos e ao lado o patrono, S. Guilherme de Maleval.

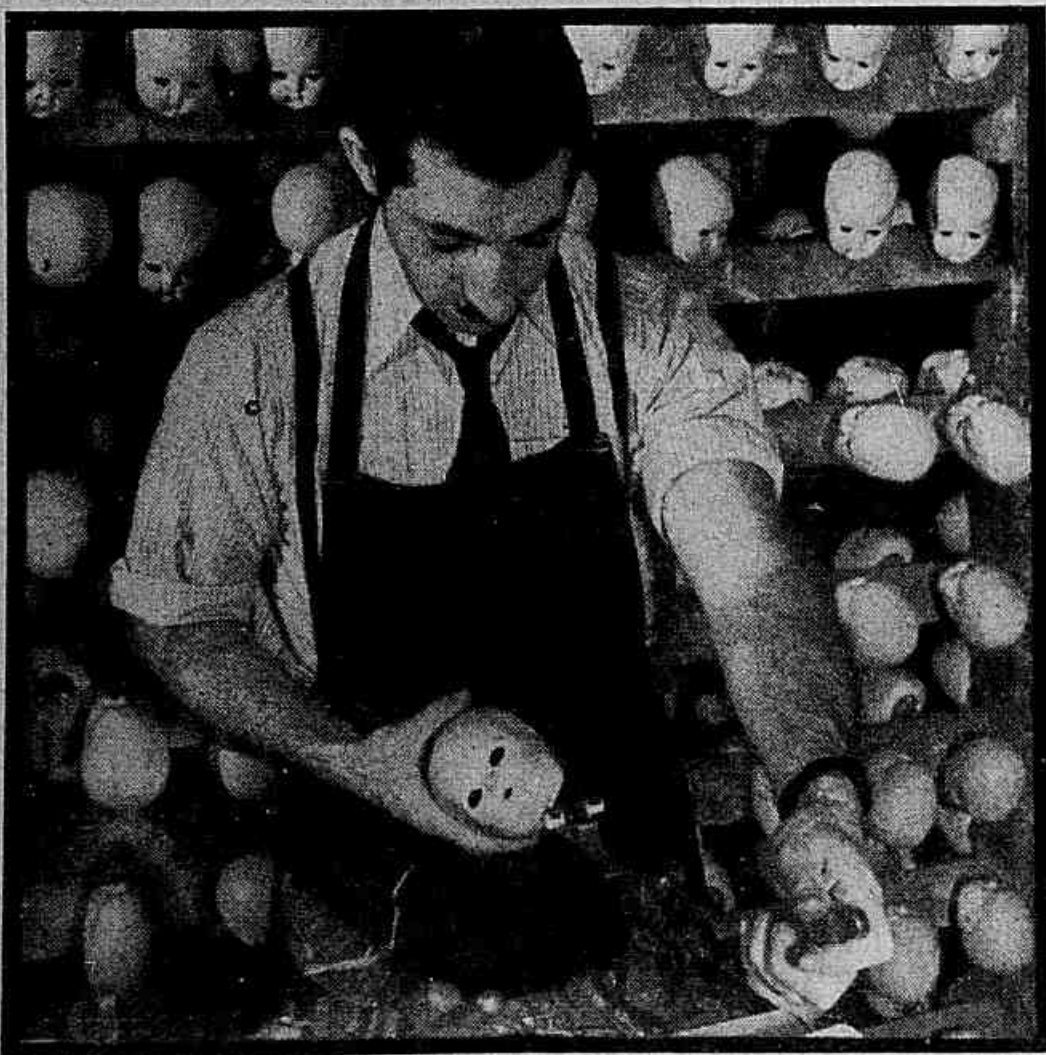
Uma Princesinha do NATAL

“UMA boneca é uma boneca, é uma boneca, é uma boneca” — diria Gertrude Stein, significando que uma boneca é tão bonita como outra qualquer. A exceção é a boneca Dy-Dee — a mais parecida com um bebê que já apareceu no comércio.

A boneca Dy-Dee nasceu depois duma luta entre os fabricantes, pois os negociantes de brinquedos não acreditavam na idéia de haver uma boneca tão parecida com um bebê a ponto de beber água, fazer bolhas de sabão, ter as orelhinhas de borracha macia, em condições de limpeza



OS OLHOS TEEM “IT”... A cabeça, as pernas, o corpo e os braços da boneca Dy-Dee são feitos em Akron, Ohio, e mandados para New York, afim de serem reunidos. A cabeça é de borracha dura; outras partes de borracha branda, delicada ao tato como a pele dum bebê. Este operario está abrindo os buracos para os olhos.



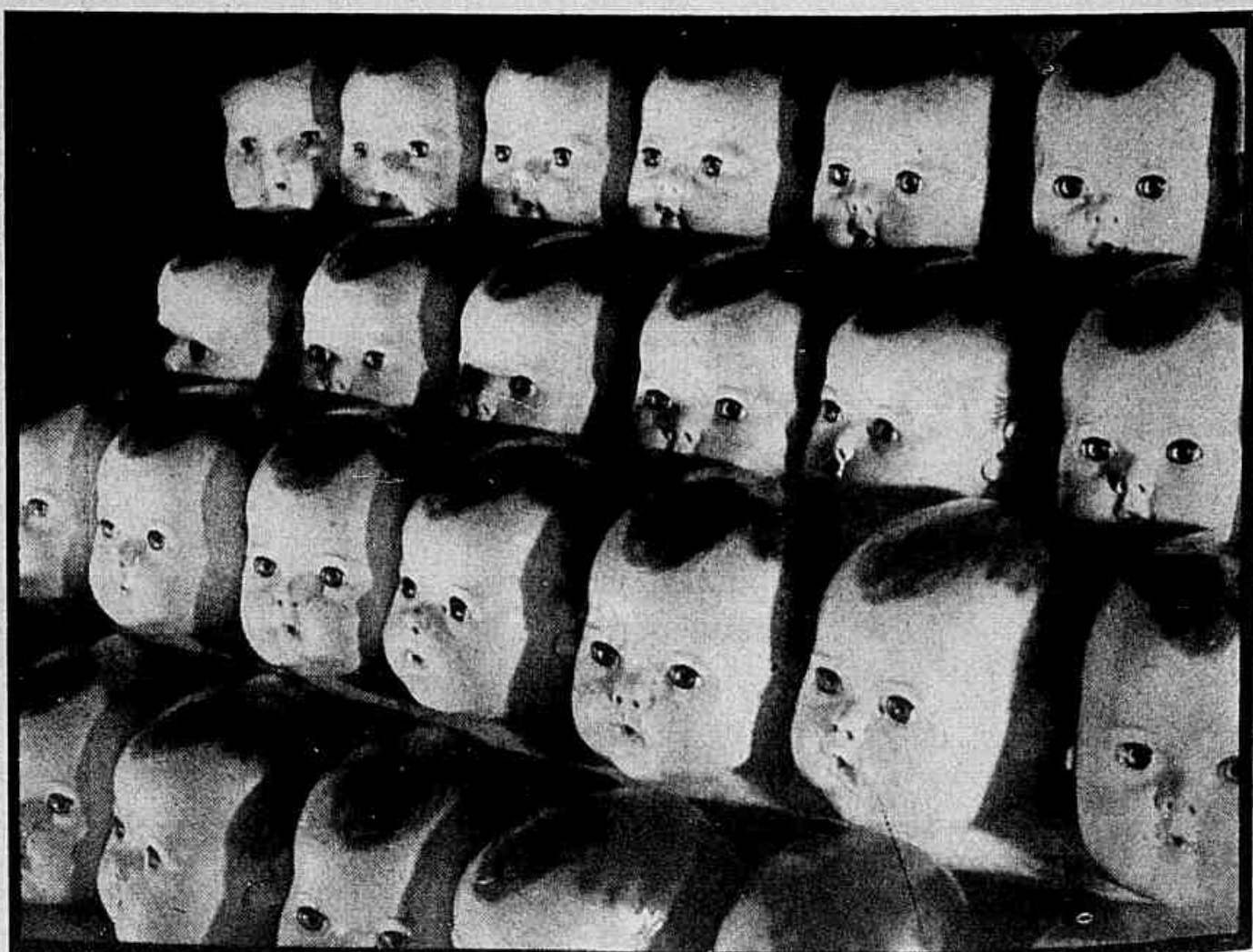
OLHOS PARA OS CÉGOS... Uma fase importante do trabalho é a colocação dos olhos. A operação é complicada e feita à mão. Este especialista tem posto olhos feiticeiros em milhares e milhares de bonecas.



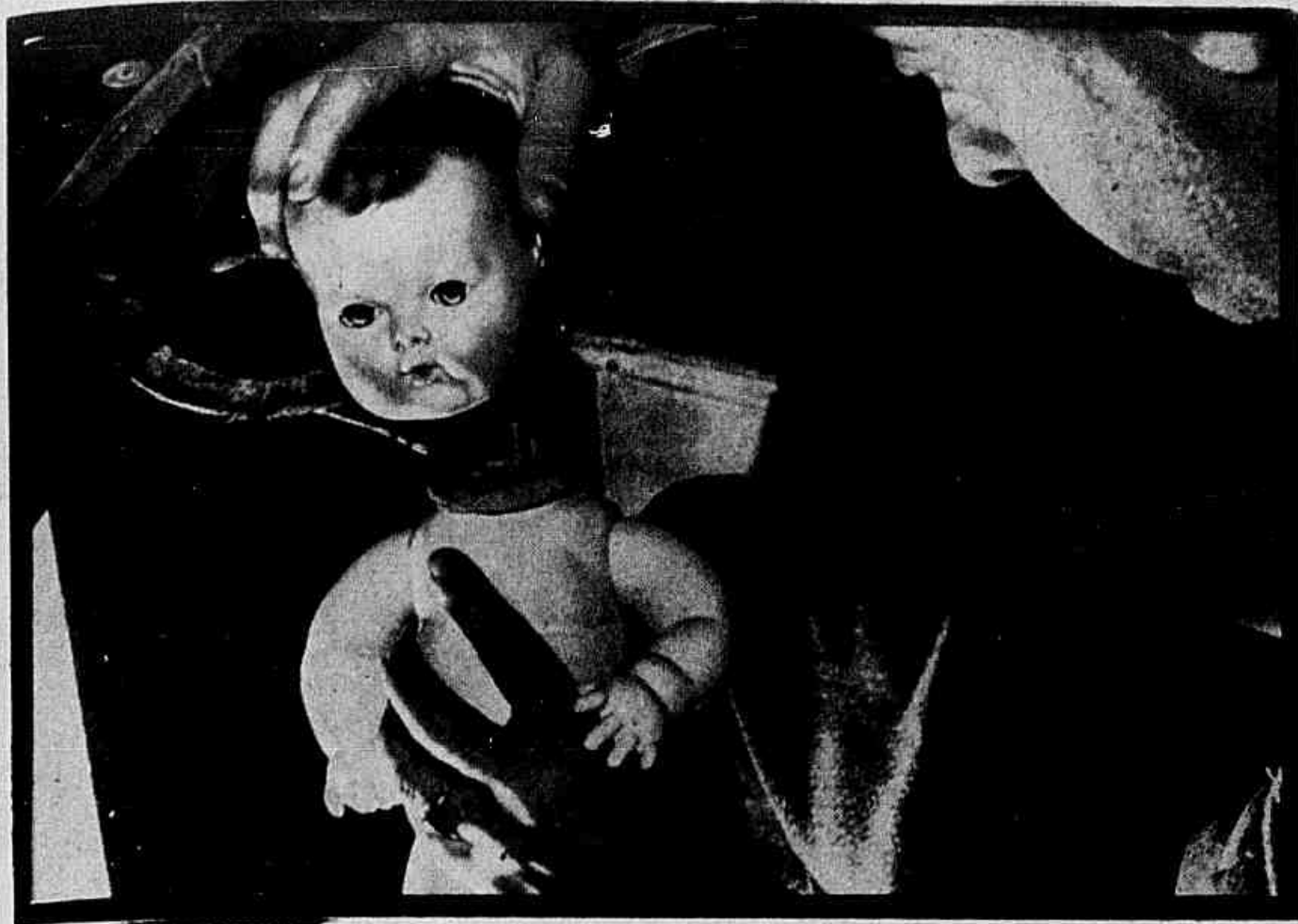
PINTANDO ROTÕES DE ROSA... Operarios peritos pintam os lábios, as sobrancelhas e dão leves toques às faces. Este aqui impõe o caráter da boneca. Uma ligeira mudança no ângulo dos supercilios pode alterar-lhe toda a aparência.



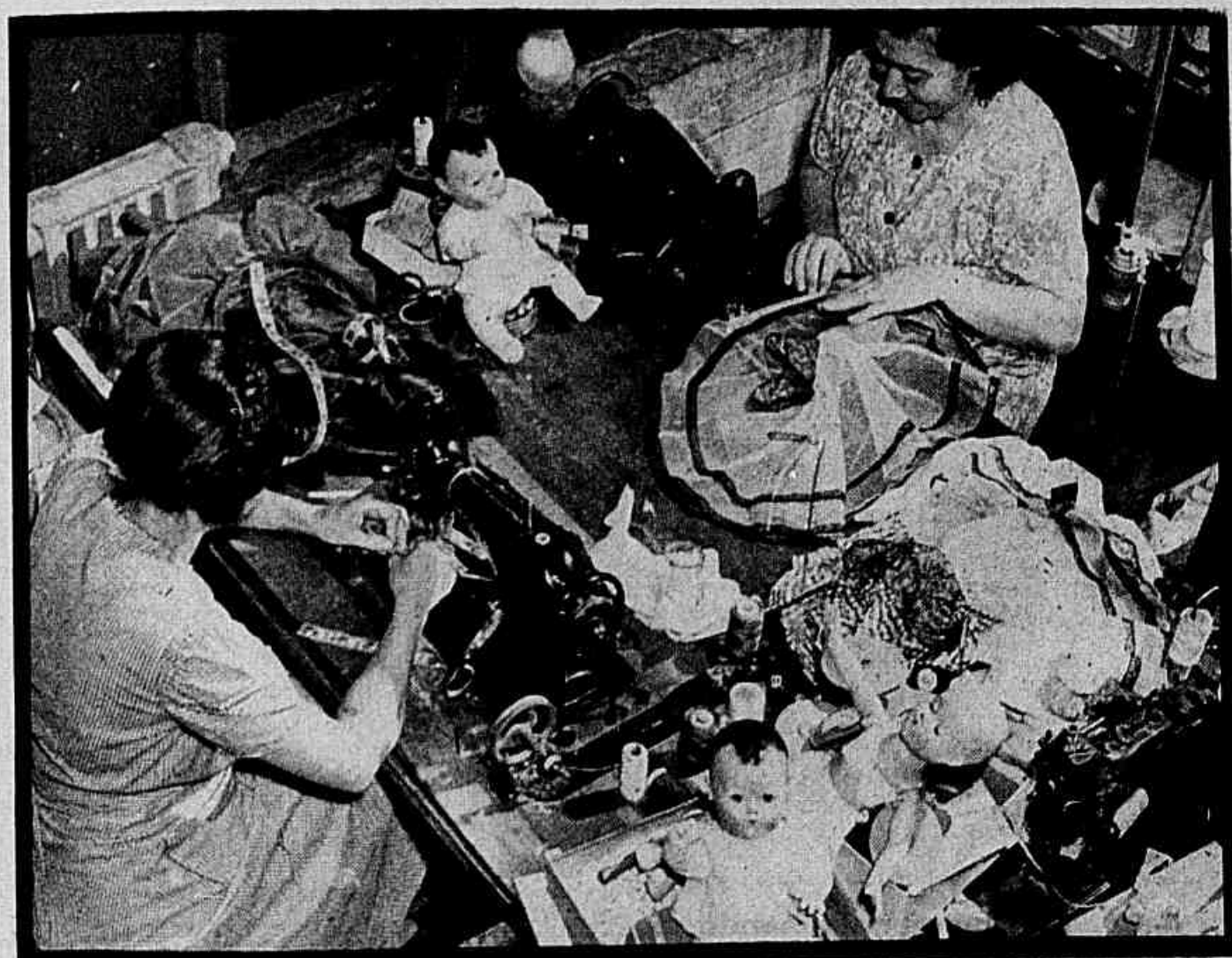
VAPORIZAÇÃO — A pintura é espalhada sob alta pressão para dar à bonequinha Dy-Dee aquela carnção de pêssego — as cores rosadas da saúde. Cada cara é individualmente borrifada deste modo.



ESPERANDO APROVAÇÃO — Estas filas de beasas desencarnadas esperam a chegada dum inspetor. Ele as examinará rigorosamente e, se gostar, as cabeças serão ligadas aos corpos, braços e pernas. O mais leve defeito implica em rejeição.



DECAPITADA... A palavra é usada aqui em sentido antinômico. Em vez de ser cortada, a cabeça da Dy-Dee está sendo ligada ao corpo — último ato da reunião de peças-anatômicas.



COSTUREIRAS — Estas costureiras só têm a obrigação de tornar bonitas as bonecas da família Dy-Dee. Um guarda-roupa no rigor da moda para uma destas bonecas pode custar um bocado. Depende do comprador...



ELEGÂNCIAS — Vestidinhos e roupas brancas são postos nas bonecas, por estas pequenas. No princípio as bonecas eram vestidas simplesmente e tinham em caixas de papelão ordinário. Hoje há algumas que trajam sedas e setins.

como a de qualquer menino verdadeiro e se comportar de tal modo que fosse preciso mudar-lhe as fraldas uma vez por outra...

Os fabricantes experimentaram. As crianças receberam as bonecas de ensaio.

Descobriu-se que os pequeninos achavam um encanto inédito em alimentar a boneca, dar-lhe banho, tomar conta dela e vesti-la. Os exemplares voavam das prateleiras das lojas. A boneca era um sucesso. Sucesso não somente como brinquedo mas igualmente como *test* educacional.

Por fora, as bonecas são tão macias como a carne de qualquer nenem. Por dentro, têm um maquinismo complicado de válvulas e tubos de borracha, para as brincadeiras com água, que são uma maravilha de mecânica.

Estas fotografias mostram como se faz uma boneca Dy-Dee e como ela se apresenta às felizes mãezinhas.



A PRINCESA — Aqui está a princesinha dos contos de fadas, este amor de boneca que toda menina gostará de ter. Viva assim, com estes olhinhos fuzilantes, estes braços estendidos para um abraço, a boquinha pronta para um beijo na mamãezinha, quem é que resiste?



A MÃEZINHA — E aqui está a mamãe toda entregue aos cuidados do bebê. A "filhinha" já sabe beber água e leite, e é preciso apenas regular as horas da alimentação. Pelo jeito, a dona do pequenino tesouro sabe muito bem estas coisas todas de respeito à puericultura...



Como este jovem escoteiro britânico auxilia o esforço de guerra de seu país: uma cesta cheia de ovos, resultado de alguns minutos de coleta pelos ninhos da granja em que passa suas férias.



Este robusto rapazinho inglês, além de já ser um valioso fator em potencial para a reconstrução da Grã-Bretanha no futuro período de paz, presta ainda o seu concurso no atual esforço de guerra, auxiliando as tarefas agrícolas nos campos do país.



Os jovens escolares da Grã-Bretanha frequentemente possuem mais conhecimentos acerca de aviação do que os adultos em geral. Aqui vemos um grupo de rapazes aprendendo a diferenciar os aviões de seu país.

OS HERDEIROS

Do "British News Service"

(Exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

Segundo um velho ditado inglês, "a criança é o pai do adulto". A verdade desse preceito tem sido respeitada na Grã-Bretanha, durante várias gerações, muito antes que os nazistas tivessem berrado aos quatro ventos que uma criança alemã que lhes fosse entregue, na idade de cinco anos, deveria continuar como sua propriedade até o resto de seus dias. Por mais de um século, movimentos de vária natureza, desde os numerosos clubes infantís das grandes e pequenas cidades, até as atividades escolares domingueiras, levadas a efeito nas mais remotas aldeias, tem desempenhado um importantíssimo papel na formação do caráter de um bom número de gerações inglesas. O objetivo de tais organizações tem sido sempre garantir o máximo de oportunidades possíveis, para que as crianças e os adolescentes possam se desenvolver física, mental e espiritualmente, além de irem se exercitando no treinamento que os tornará bons cidadãos do mundo adulto no qual em breve ingressarão.

Nos últimos anos, tem havido na Grã-Bretanha uma tendência para que esses movimentos se transformem em verdadeiras organizações nacionais. A Associação Nacional de Clubes para Meninos, por exemplo, representa cerca de 1.700 clubes trabalhando paralelamente a outros congêneres, destinados ao recreamento de meninas. Além desses,

Em pleno auge da batalha, a Grã-Bretanha não deixa de

devemos ainda assinalar outros movimentos, tais como o dos Escoteiros, Raparigas-Guias, Y.M.C.A., os quais se tornaram amplas organizações, até mesmo de âmbito internacional, unindo, em busca de uteis objetivos e no gozo de saudáveis recreações, as juventudes de muitas terras distantes.

Com a irrupção da guerra, que acarretou tantos transtornos nas vidas desses jovens, o Movimento da Juventude Nacional transformou-se num instrumento destinado a facilitar a promoção de tarefas recreativas para os meninos e meninas da Grã-Bretanha. Também foi criado um Comitê destinado a assistir o Departamento de Educação em assuntos que se relacionassem com a juventude e a encorajar as autoridades locais no estabelecimento de Comitês Juvenís, em suas respectivas áreas. Tal plano foi imediatamente coroado de êxito e, por volta de Abril de 1941, nada menos de 144, em cada grupo de 146 autoridades regionais, haviam criado os tão aconselhados Comitês. Cada um desses comitês recebe um auxílio equivalente a cinquenta por cento de suas despesas, que são acarretadas, na maior parte, com o equipamento e salários de instrutores. Esses centros não deixam de cooperar também com muitas das associações juvenís existentes desde longa data.

Não se observa a existência de normas e princípios rígidos, a serem rigorosamente seguidos e obedecidos pela juventude, pois o Departamento de Educação não perde oportunidade de insistir na importância educacional que representa deixar-se a gente miuda tomar conta de seus próprios negócios. Assim, a atual geração deve ser livre na escolha de todos os seus empreendimentos, quer sejam de natureza atlética, educacional ou meramente recreativa, desde que não interfiram com o "currículo" normal. Ficou, contudo, devidamente estabelecido que as pessoas encarregadas do treinamento dos futuros cida-

DA LIBERDADE

dispensar carinhosos cuidados á sua infância.

dãos, quer numa apressada instrução de "box" ou na orientação dispensada a uma menina relativamente à direção de um lar, devem não apenas ser instrutores competentes, mas apresentar ainda uma perfeita compreensão das necessidades e dos problemas da juventude.

Hoje, naturalmente, milhares de jovens ingleses estão ansiosos para receber qualquer espécie de treinamento preliminar que os capacite para o serviço numa ou noutra das forças armadas. Dessa forma, eles se apresentam como voluntários do corpo de Cadetes do Exército, o qual já conta com mais de 150.000 jovens; aos corpos de Treinamento Aeronáutico, cuja potência se eleva a 250.000 cadetes; ou, finalmente, ao corpo de Cadetes do Mar, no qual já estão alistados cerca de 13.500 rapazes. Em cada um desses organismos, os rapazes treinam durante os feriados e as horas vagas. Incidentalmente, é interessante notar-se que os corpos de Cadetes do Mar são uma das mais velhas instituições para rapazes que nos apresenta a Grã-Bretanha, datando do fim da guerra da Criméia, enquanto que os corpos de Cadetes da Aeronáutica são a instituição mais recente, tendo sido fundada em 1941.

Organizações semelhantes existem para treino das jovens inglesas no sentido de capacitá-las a ingressar nos vários Serviços Femininos, mas estes, também inteiramente voluntários, não recebem qualquer auxílio dos ministérios das forças armadas.

Logo no início da guerra surgiram por todos os cantos da Inglaterra grupos de rapazes e moças que desejavam realizar qualquer tarefa, no sentido de auxiliarem o esforço de guerra das Nações Unidas. Organizaram-se em Corpos de Serviço da Juventude e se apresentaram para toda espécie de trabalho que tivesse alguma importância para a defesa nacional. Colheita de plantas e ervas para a preparação de remédios, jardina-

gem, recolhimento de material velho, lavar e concertar as roupas da Guarda Metropolitana, e assim por diante. Em muitos distritos, as Jovens Guias fazem valiosos trabalhos em hospitais durante as horas de folga, lavando e varrendo as enfermarias, enchendo garrafas de água quente, cuidando das cortinas do "black-out" e realizando ainda muitas outras tarefas de grande utilidade.

Todos esses auxílios por parte da juventude foram aceitos de muito bom grado, não apenas pelo fato de que em tempo de guerra qualquer par de mãos prestimosas, ainda as mais diminutas, é sempre de grande valia, mas também porque, procedendo-se assim, as crianças usufruíam um grande prazer, experimentando um sentimento de participação no organismo da comunidade. Demonstravam preocupação pelo próximo, aprendiam a ter confiança em si mesmas e, por fim, estavam treinando na arte de ser bons cidadãos.

A Grã-Bretanha sabia, quando a Alemanha levou o mundo à guerra em 1939, que uma das coisas pela qual estava lutando era a herança inestimável das gerações vindouras, herança que a nação estava resolvida a defender. Tornando-se responsável pelas crianças, o Departamento de Educação da Grã-Bretanha aceitava um sagrado dever. A perfeita compreensão disso foi manifestada pelo sr. Chuter Ede, secretário parlamentar do Departamento de Educação, quando declarou que o momento apresentava uma gigantesca oportunidade "para promover o bem-estar de nossas crianças e para lhes fornecer o treino que as capacitassem a desempenhar um papel ativo, inteligente e construtor, no seio de uma comunidade livre."



Poucos rapazes podem resistir á fascinação da máquina, e este que se vê na gravura aprendeu rapidamente a manejar uma broca.

Vários centros na Grã-Bretanha fornecem treinamento gratuito a centenas de jovens como este, com acentuada inclinação para a engenharia.



Outro inglezinho cuja excepcional inclinação para a mecânica lhe permitiu o domínio rápido do torno de metais.



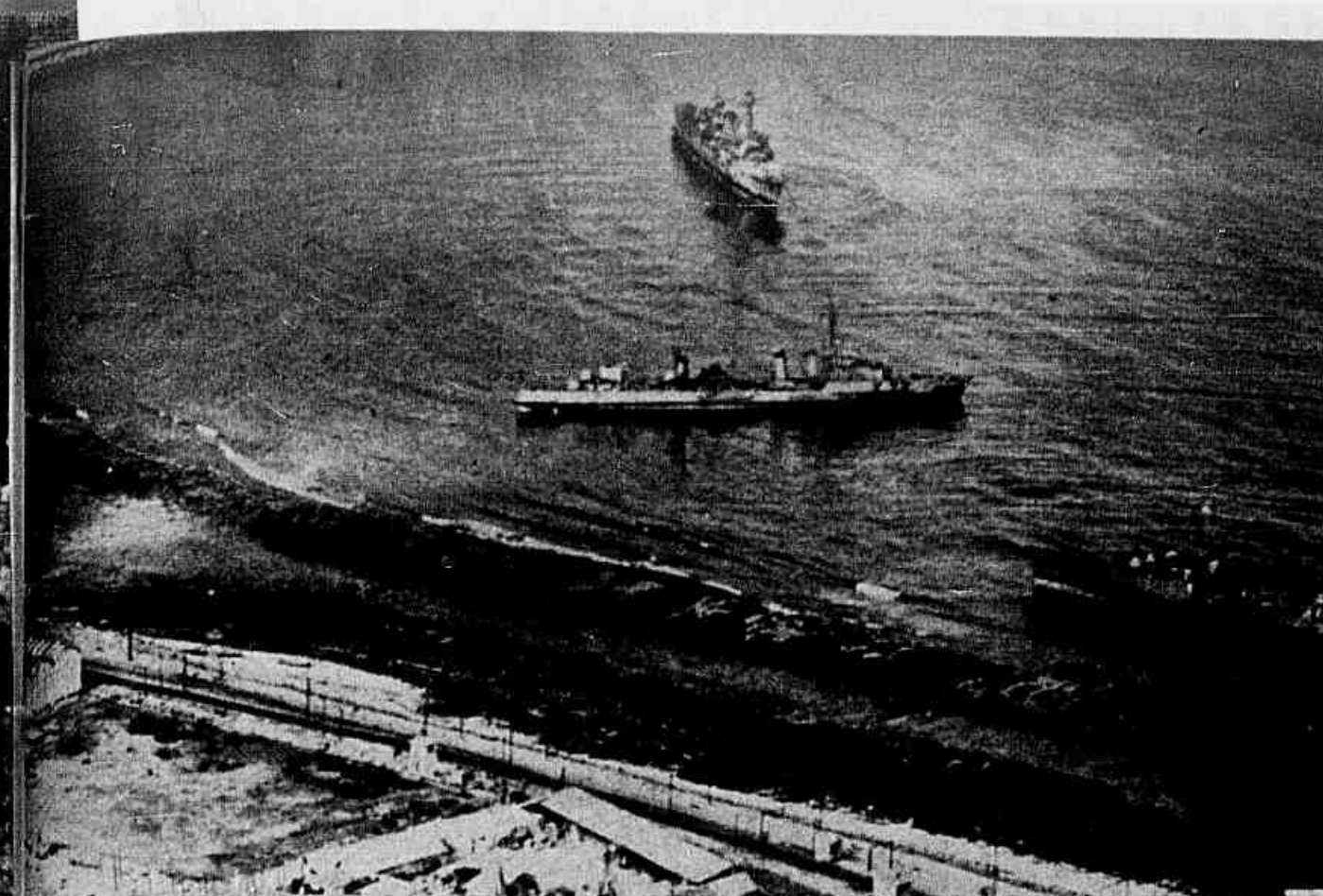
Esses dois jovens de Eton não se deixam ficar inativos numa fazenda da Escócia, e cooperam ativamente com os lavradores, auxiliando assim o esforço de guerra da Grã-Bretanha.



O ESTADO EM QUE FICOU O JEAN BART — O grande super-destroyer francês de 40.000 toneladas, que se encontra em Casablanca e resistiu às forças aliadas por instigação de Vichy, sofreu rudes impactos explosivos, como se pôde ver na foto acima. Não obstante, a poderosa belonave já se encontra novamente flutuando.



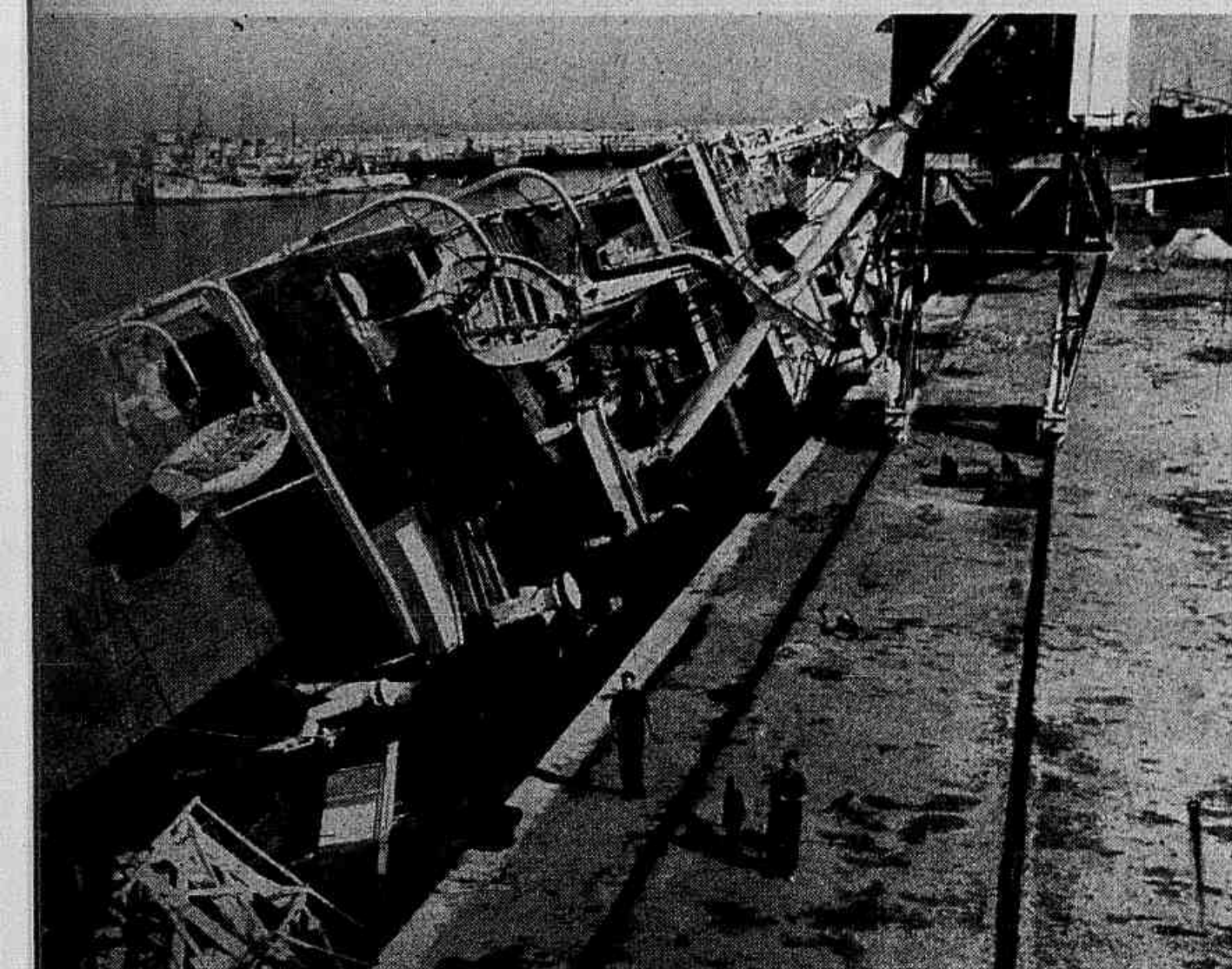
NAS PROXIMIDADES DE ORAN — Soldados norte-americanos nos arredores da grande base marroquina de Oran. Carros blindados como este, poderosamente armados de metralhadoras, são empregados nas operações de patrulha no norte-africano. Note-se a despreocupação dos soldados, um dos quais fuma calmamente baforadas do seu cigarro.



BARCOS DE GUERRA FRANCESES — Dois destroyers e um cruzador franceses, que sofreram avarias durante o ataque aliado na África septentrional, descansam agora em uma praia ao norte de Casablanca. Estes barcos poderão ainda ser reparados e utilizados pelos aliados.



EM TERRITÓRIO LÍBIO — Após derrotar as forças de Rommel nas encostas de El Alamein, as colunas motorizadas britânicas entram em território da Líbia, em perseguição aos remanescentes dos Afrikakorps. Note-se os elementos de abastecimento seguindo nos calcanhares das unidades blindadas.



EM CASABLANCA — A violência da ação aérea aliada contra esse porto pôde-se constatar pelo que sofreu este barco mercante.



EM ORAN — Confraternizaram neste porto de Marrocos tropas francesas e americanas. A foto acima mostra uma cerimônia de "apresentar armas".



DESTRUIÇÃO DE BARCOS FRANCESES — A foto acima, tirada na manhã seguinte ao primeiro ataque aliado contra Casablanca, mostra três barcos em chamas.



SOLDADO DE ROMMEL — Avançando pelo deserto, as unidades inglesas aqui e acolá se deparam com cena como esta. A retirada apressada não permite cuidados aos mortos.

NA RÚSSIA — Em 1941 Hitler conseguiu conservar os seus soldados em ofensiva, na Rússia, até o dia 8 de Dezembro. Este ano o ditador alemão teve menos sorte. Os últimos dias de Novembro já o encontraram a mãos com a fulminante contra-ofensiva de Timoshenko na curva do Don e assombrado com a crescente concentração de forças russas no setor central.

E' realmente significativo que hoje possamos repetir aquilo que se disse dos alemães após o fracasso de sua investida na campanha francesa, em 1914: eles contaram meticulosamente com tudo, mas esqueceram uma coisa: o valor do inimigo. Decididamente, Hitler esqueceu-se de considerar este fator, como bom alemão. Ainda agora a impetuosa arremetida de Timoshenko na margem ocidental do Don, deve ter sido para ele uma surpresa. Do contrário as suas vinte divisões, que há mais de cem dias veem sendo trituradas nos arredores da grande cidade industrial russa, não teriam ficado reduzidas a abastecimento aéreo quasi clandestino.

Quando Hitler concentrou em torno de Stalingrado o grosso de suas forças de choque — cerca de 5.000 tanques apoiados por três mil aviões — ele mesmo botou à prova o poder ofensivo do exército alemão. A batalha não se resumiu apenas a uma disputa da cidade-chave do Volga inferior e consequentemente do Cáucaso; tivemos ali a prova suprema para os alemães: eles deviam convencer-se de que podiam — ou não — destruir o poder militar russo "em qualquer contingência". Depois de Stalingrado eles devem saber que são impo-

O mundo em guerra

tentes para curvar a Rússia, tanto quanto souberam que o eram para curvar a Inglaterra, depois do outono de 1940.

De tudo isto cumpre-nos deduzir uma coisa: Hitler procurará uma solução para a difícil situação em que se encontra noutro "front" que não o russo.

OS NOVOS CHEFES DAS FORÇAS ARMADAS ALEMÃS

Não se poderá explicar, senão por uma reviravolta nos planos de Hitler, a mudança substancial promovida pelo ditador nazista nas altas esferas de sua máquina de guerra.

Tendo-se em vista o formidável esforço que os nazistas veem desenvolvendo para manter as suas posições no norte da África — esforço esse principalmente de aviação, com visível prejuízo para outros setores da frente de guerra — talvez cheguemos mesmo a acreditar na viabilidade da aprovação por parte do Fuehrer do falado plano Hosenstufien, que teria sido formulado pelo marechal Rommel e consistiria na redução e estabilização das atividades na Rússia e num grande aumento de esforço no setor mediterrâneo.

O indiscutível é que Hitler está com idéias novas. A prova

disto está no afastamento do chefe do seu Estado-Maior, general Halder. Como substituto surge um nome que se tinha conservado na obscuridade desde os primeiros dias da guerra, general Wilhelm Zeidler. Não é demais lembrarmos que nos últimos três meses foram presos ou destituídos 34 marechais e generais germânicos, inclusive Von Bock, Von Leeb, Guderian, Von Witzleben, Hans Reinhardt e Huber Weise.

Além do novo chefe para o Estado-Maior, nomeou Hitler um general de 34 anos, Wolf Galland, para o cargo de inspetor geral do comando de caças da Luftwaffe; o almirante Fricke para chefe da esquadra do Reich, e o coronel-general Jeschonnek para chefe do Estado-Maior da aviação alemã. Hitler já fez mais mudanças no comando das suas forças armadas do que as havidas nos exércitos alemão e francês juntos durante a guerra passada. Decididamente há alguma coisa de podre na camarilha do Fuehrer...

OS BOMBARDEIOS DA ITALIA

Durante os meses em que se manteve em lua de mel com

a guerra, isto é durante o tempo em que acreditou que a vitória já tinha sido ganha, embora a luta tivesse de prosseguir um pouco ainda, Mussolini destacou algumas das suas melhores esquadilhas para bombardear a Grã-Bretanha, dos campos de França e Flandres. E' claro que essa fantasia foi efêmera, mas durou o tempo suficiente para que o Duce exibisse a sua empáfia.

Nunca, entretanto, o ditador fascista chegaria a pensar, quando então se jactava, que a resposta lhe seria enviada por aqueles que ele considerava derrotados, de uma distância de centenas de milhas.

O bombardeio da Itália é uma empresa audaciosa, inteiramente inconcebível não fôra o grande desenvolvimento que esta guerra trouxe à aviação de bombardeio. São necessários possantes aviões providos de quatro motores para, partindo da Grã-Bretanha, atravessar os Alpes e alcançar a Itália com bombas de duas a quatro toneladas, e ainda ter energias para regressar às suas bases. Esses aviões são perfeitos cruzadores dos espaços, tripulados por mais de meia dúzia de homens.

O Duce, que se supunha o oportunista da guerra, não contava com a existência desses monstros. E a consequência é que as cidades industriais da Itália estão sendo destruídas sem séria oposição. Inegavelmente, se a Itália assinar um armistício, os seus novos dirigentes poderão processar os chefes fascistas por não terem preparado o país para a guerra...

C. F.



DANSARINAS — recriada por um pintor e captada pela fotografia: uma jovem de ballet pintada por Degas e um trabalho fotográfico por Martha Graham.

Sim

"Se arte é um meio de expressão, então a fotografia indiscutivelmente é uma arte".

Não

"A fotografia não é verdadeiramente uma arte porque é um meio seletivo e não criador".

ABRINDO UM DEPARTAMENTO PARA FOTOGRAFIAS, UM MUSEU AMERICANO REVIVE UMA VELHA CONTENDA

E' a Fotografia uma arte?

A debatidíssima questão — é a fotografia uma arte? — foi mais uma vez trazida à baila e respondida afirmativamente por uma instituição da competência do Museu de Arte Moderna. Esta organização, desembaraçada que é de tradições poeirentas, está aprontando um departamento de fotografias, que aparecerá ao lado dos de escultura, pintura, arquitetura e outras especialidades de museus tradicionalmente aceitas como belas artes. Haverá assim uma galeria totalmente dedicada à produção fotográfica e serão feitas exposições em que os valores estéticos sejam acentuados.

Este ato do Museu de Arte Moderna é decididamente digno de um pioneiro, pois para muitos a fotografia não possui credenciais para sentar-se no templo das musas. Quando se estuda esta questão, é-se tentado a formular uma outra de caráter mais geral: que vem a ser a arte?

Primitivamente chamava-se arte à obra do homem, contrapondo-se com isto à da natureza. O tempo, entretanto, foi limitando a significação do termo. Hoje aplica-se-o comumente às criações humanas que não são meramente úteis — que expressam senso do belo e o poder criativo da imaginação do homem. Finalmente os refinamentos restringiriam progressivamente o campo da arte e os limites dela tornar-se-iam, muitas vezes, uma questão de gosto pessoal ou de preconceitos tradicionalistas, obediência a uma determinada escola ou de aderência a uma particular teoria filosófica. Para a maioria das pessoas é arte tudo aquilo que se aproxima de um padrão com que se está familiarizado — ou não — e que é a obra de um grande artista. De resto, guardadas de lado as obras clássicas, a questão de saber o que é e o que não é obra de arte, é um problema que tem sempre muitas respostas. (Bernard Shaw, cumpre lembrar, disse que uma boa obra é a obra de um bom autor).

A fotografia como instrumento de fazer quadros — é esta a função específica das artes que lhe são congêneres — tem apenas cem anos de existência. O pincel, a pena, a faca para trabalhos em madeira, o ácido e o crayon de litografia são seus predecessores. E todos estes têm, tanto quanto a câmara, servido para fazer quadros que nada têm de artísticos. Mas é indiscutível que há obras de arte, e grandes obras de arte, feitas com qualquer destes instrumentos.

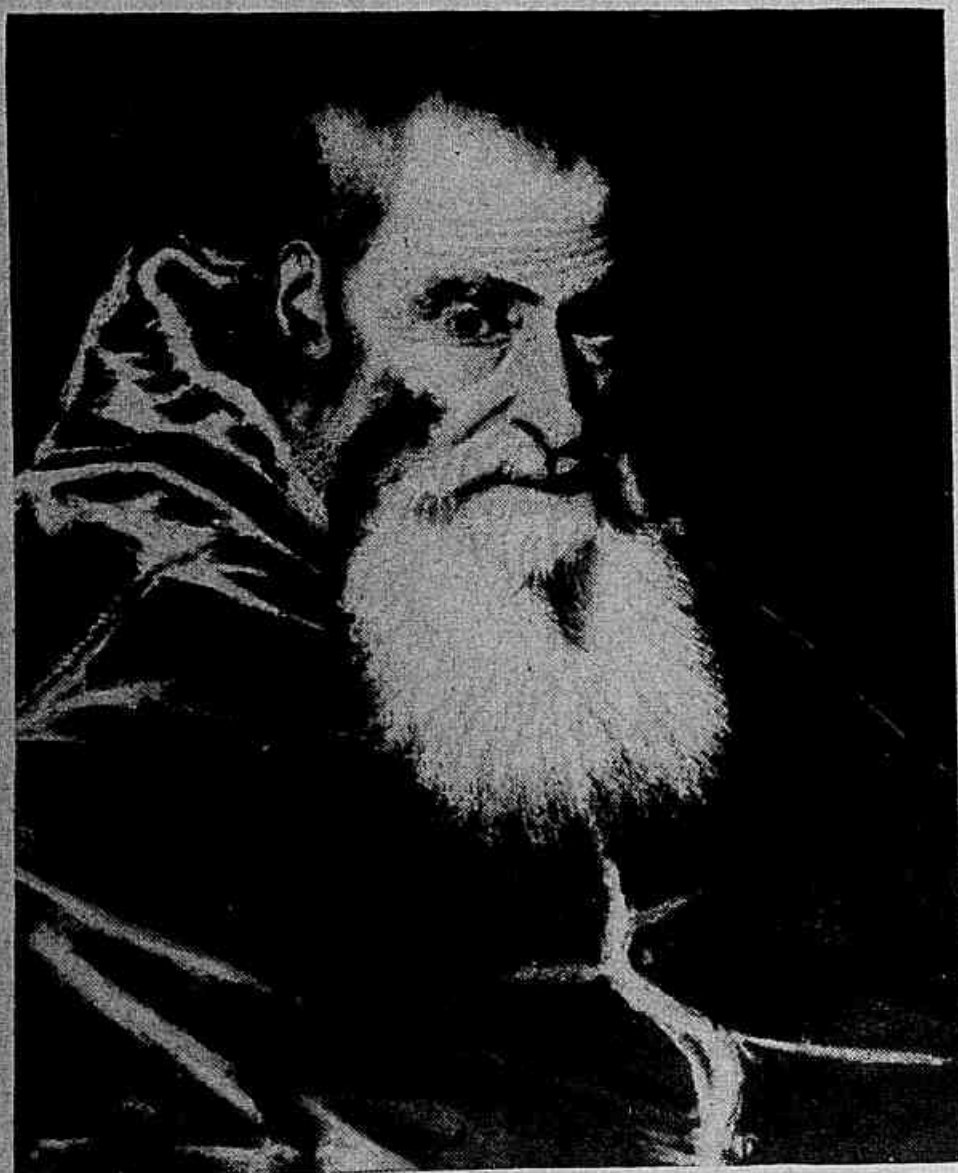
A câmara possui uma posição própria entre seus congêneres. Ela permite à luz participar do processo do desenho. Baseada em mera tomada de registro, é ela infinitamente superior em precisão e presteza aos seus competidores. Mas também por isto ela é responsável pela grande maioria dos quadros que nada têm de artísticos e que andam por esse mundo a fóra. E este fato tem feito nascer a idéia (no espírito dos artistas, principalmente) de que a fotografia está fóra das fronteiras da arte. E' muito comum dizer-se, por exemplo, ser a câmara uma máquina e a fotografia um processo mecânico.

Entretanto ninguém ignora que todos os processos de fazer quadros são igualmente mecânicos. Os quadros não são apenas sonhados — ou imaginados — são também executados, e o trabalho da execução é feito com instrumentos. Mas nesta altura surge outra objeção: todos os outros instrumentos estão a serviço da vista humana; a câmara tem um olho próprio — uma vista mecânica que vê coisas que os olhos do homem não podem ver. Este elemento da câmara deve ser empregado para estender e corrigir o poder visual do homem. No mundo moderno, a capacidade física do homem tem sido incrivelmente aumentada pelas máquinas: vapores, dinamos, veículos de todas as espécies encurtando distâncias, cinema e radio propagados vertiginosamente a todos os pontos da terra. A fotografia põe nas mãos desse mundo um espelho e ao mesmo tempo assiste enormemente o complexo processo que o conserva em progresso.

Obviamente há fatos para suportar uma argumentação pró ou contra o valor artístico da fotografia.

Alfred H. Barr Jr., diretor do Museu de Arte Moderna, justificou a inovação com as seguintes palavras: "Se a arte é um meio de expressão, então a fotografia é decididamente uma arte. Isto não significa que todo trabalho fotográfico tenha valor artístico; também nem tudo que se escreve é obra literária. Mas, com a câmara, as mais complicadas formas são tão facilmente apreendidas como as mais simples. A fotografia pôde substituir por visões familiares de todos os dias, pontos de vista frios, e revelar novas formas e parentescos" — produzindo algumas vezes figuras que parecem contradizer a experiência.

E' opinião geral que o Museu Metropolitano de Arte, com a sua posição privilegiada no Central Park, é de tendências conservadoras. Entretanto, o seu novo diretor Francis Henry Taylor não coloca a fotografia fóra das fronteiras da arte. Para ele o que a

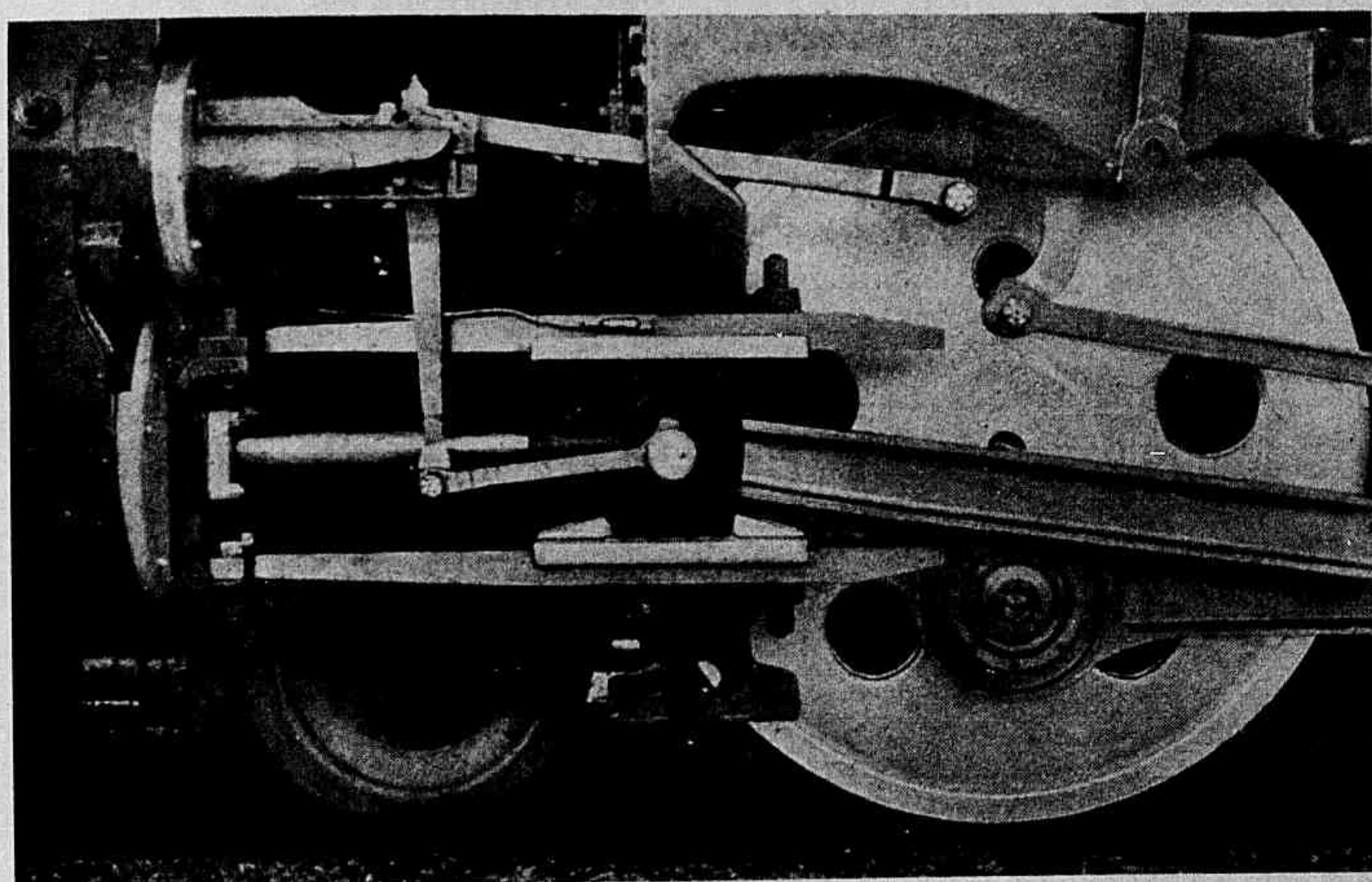


RETRATOS — por um mestre do pincel e pela câmara o "Papa Paulo III" de Tiziano e "Carlos Sandburg" de Edward Steichen.

(Continúa na página 54)



A natureza vista através dos olhos de um pintor e através do "olho" da máquina: "Castanheiros em flor" de Van Gogh e "Florescencias de maçã" de John Kabel.



A máquina representada pela máquina e resolvida em um desenho subjetivo por um artista: "Bielas de locomotiva" de Pettus Kaufman e "Composição" de Fernando Leger.



O inverno na cidade dramatizado em pintura e através da camera: "O caminho branco" de John Slon e o trabalho de um fotógrafo na Avenida Michigan de Chicago.

A Casa da Saudade

QUANDO A SAUDADE RESSUSCITA A TERNURA — A MORTE LEVOU ALGUNS — A BONDADE

Reportagem de SARAH MARQUES

A "União das Operárias de Jesus" nasceu da saudade de alguns corações maternos. Mães que perderam os filhos; para quem não era mais possível nenhuma alegria, para além dos bérços vazios, das bonecas abandonadas, dos vestidinhos inertes, guardados na arca preciosa das lembranças, transferiram para os órfãos de toda ternura, o carinho abandonado pelos pequeninos mortos. Por isso, há mais alegria naquela casa tranquila no meio das árvores, do que nos asilos abertos pela caridade. E o nome de "mãe" brota de lábios que não o conheciam; chega a um coração cheio do eco imortal de uma voz que a morte há muito emudeceu: a voz de Mariazinha. Mariazinha morreu aos nove anos, alegre como um passaro livre, bela como as madrugadas do coração. A saudade jogou neve nos cabelos da mamãe, jogou cinza na luz do mundo. Tudo morreu quando ela partiu num caixãozinho branco, como uma boneca dormindo no meio das rosas.

Foi d. Clotilde Guimarães, que me contou tudo isso, na sala familiar da "União", enquanto Dulce tocava Beethoven no velho piano. Agora, pôde falar em Mariazinha, sem as lágrimas e os soluços dos primeiros tempos. Fala sorrindo, sem tristeza. Não é esquecimento, não. É a alegria da ressurreição. Tinha uma filha. Agora, são quasi cem, de todas as cores, de um a vinte anos, que enchem a casa de risos e vozes e cantos; e fazem travessuras incríveis; e têm gestos lindos de ternura para a mamãe. O coração dormia. Não estava morto. Ergueu-se e correu para a alegria de fazer o bem, quando a saudade disse: "Surge et ambula!"

IRMÃOZINHOS

O retrato de Persio se debruça da moldura como de uma janela aberta sobre a vida. Seus olhos são belos: seu sorriso é puro; há uma claridade de inocência na fronte alta e clara. Persio também morreu. Há muitos anos, com toda a graça inteligente que o retrato eternizou. Não era amigo de Mariazinha. Jamais rodara de mãos dadas com a menina morta, cantando a cirandinha. Moravam noutra casa. Noutra cidade. Agora, sob o mesmo teto, vivem na alegria de outras crianças. As duas mães uniram o próprio luto, na mesma luz de bondade e de ternura.

MUSEU DA INOCENCIA

A primeira coisa que vi foram os vestidos de festa: um punhado leve de organdi e renda, de tafetá e "georgette", em branco, azul e rosa. Muitas crianças ricas não têm roupas assim. E' que as meninas da "União" frequentam os concêrto do Municipal, vão a festas elegantes, aprendem dansas clássicas com Olenewa, estudam piano no Conservatório. Educadas matematicamente, sem nenhuma coerção disciplinar, podem seguir as próprias tendências artísticas ou intelectuais. E na rua, no cinema, nos cursos, nenhum uniforme as distingue de crianças mais felizes, nenhum distintivo lembra a desgraça que as feriu, a caridade que as acolheu.

Têm amigos ilustres. No "dossier" dos telegramas e das cartas, ministros, altos funcionários, capitalistas, interventores, prelados, generais, assinam expressões de amizade ou gratidão.

Os documentos mais interessantes são da pasta de Papai Noel. Lindas cartas de adolescentes; bilhetes penosamente escritos por mãos incertas, pedem brinquedos caros da árvore de Natal dos palacetes. Papai Noel atende quasi todos os pedidos. No ultimo Natal, só seis crianças foram chamadas secretamente ao gabinete da "mamãe" para uma explicação: tinham dívidas com Papai Noel; pedissem outra coisa mais modesta; as "patinettes" e os aviões mecânicos seriam, apenas, para os estudiosos e os bem comportados. A esses, o velhinho não recusa nada; nem bonecas Shirley Temple maiores que as pequeninas que estavam, naquela hora, brincando no pátio.

CEGONHAS

Quando d. Clotilde chegou ao pátio, foi uma alegria doida na criança. "Mamãe! Mamãe!", chamavam de todos os lados. E os pésinhos incertos

Para elas não estão fechados os caminhos da Glória.



De mãos dadas cantam no pátio ensolarado. Um dia a Vida as levará para longe. Com as mãos cheias da ternura recebida.



"O pão nosso de cada dia..." Dado com maternal carinho. Sobre a toalha de quadrados azuis, flores singelas. E alegria, muita alegria em torno.

de e da Ternura

TROUXE MUITOS — IMPRESSÕES DE UMA VISITA A' UNIÃO DAS OPERARIAS DE JESUS

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

dos menores apostavam corrida ao nosso encontro. Terezinha chegou primeiro e ganhou o côlo. E, ciumenta, me dizia: "Lêve todas as crianças para você. A mamãe é só minha".

Ela bem sabia que era impossível. Que da mamãe ninguém os afasta, nem por bem, nem por mal. Só Julio Cezar, o menino loiro e ti nido, aceitou os braços que ofereci a todos. Julio Cezar quer ser médico. Dulce, concertista. Maria Lucia, professora de linguas. Não fazem os sonhos humildes das crianças de outros asilos. Acreditam na vida. Esperam a glória e a fortuna.

E' que são diferentes as cegonhas que esvoaçam nas noites caladas, sobre os pátios floridos da "União". Não trazem, apenas, creanças pobres. Trazem a inteligência e o talento que a miséria sufocaria em recalques dolorosos ou arrastaria para as aventuras do vicio.

Por isso preferem as suas diretoras conservar a autonomia da obra, vivendo ao acaso de dádivas ocasionais, pedindo aqui e ali o pão, a roupa, o livro dos pequeninos. Só assim conservam o direito de escolher na miséria anônima das grandes cidades os que prometem "ser alguma coisa".

Entretanto, há no mundo muito mais bondade do que se supõe. Vi a roupa estendida, secando no pátio. Vi a dispensa cheia. Vi a casa toda, limpa, confortável, com flores sobre as toalhas azuis do refeitório. Os donativos chegam. Anônimos muitas vezes. Generosos, sempre.

A FLOR DESCONHECIDA

Todos os meses, no mesmo dia, num envelope igual, chegava a mesma importância. Oferta anônima. Bondade que não pedia gratidão nenhuma. De repente, parou. E só o acaso descobriu que não existia mais o benfeitor das crianças pobres: Darke de Matos.

No dia de finados, quando não havia mais parentes e amigos junto ao túmulo, as crianças foram levar-lhe flores e orações. Por ele rezam ainda; e dêle falam com a ternura ingênua daqueles que não sentem o peso da caridade que impõe deveres e exige retribuições.

Aliás, as crianças vão todos os anos ao cemitério. E quando já estão floridas as sepulturas dos irmãozinhos e dos amigos, deixam uma "ave-Maria" e uma "sempre-viva" em cada sepultura abandonada.

O GRANDE NAVIO

A cousa mais interessante que vi na "União" foi o dormitório. Há falta de espaço vital naquela casa que olha a praia, o pavilhão Mourisco, a corrida dos ônibus para a Urca. As pessoas que esperam condução naquele ponto de parada, não podem adivinhar que o numero 524 pregado na fachada tranquila é um endereço de solidariedade humana.

Há falta de espaço vital. Uma revista americana ensinou a solução do assunto. Como o teto é alto e as janelas amplas, as camas se sobrepõem duas a duas, como nos trens noturnos e nos camarotes de bordo. Dormem em baixo os maiores. Os pequeninos, em cima.

E todos sonham nos seus beliches. Fazem as viagens maravilhosas da esperança. Não tinham nada. Não tinham ninguém. Agora, têm tudo. A vida é bela. Os homens são bons. Podem sonhar com platéias batendo palmas, com academias oferecendo prêmios, com a riqueza, a glória, a felicidade.

Podem sonhar as meninas cujos pais morreram no naufragio do "Atalaia". As ondas do mar enguliram tudo que a vida lhes déra. O mar da vida jogou-as na praia tranquila da "União".

Sonham, também, as diretoras. No salão de visitas, o projeto de um arranha-céu olha o retrato das crianças mortas. A firma Dahne e Conceição ofereceu um terreno na estrada Rio-Petrópolis. Mãos anônimas carregarão as pedras, erguerão as paredes, cobrirão o teto. E as crianças da "União" hão de ter centenas e milhares de irmãozinhos, trazidos de todas as misérias para a alvorada da ternura que ensina, consola, perdoa.



Por quem rezam elas? Que pedem, ao Deus dos Pequeninos, as mãos unidas das crianças pobres.



A musica leva as almas para longe. Para a distancia de onde vieram. Para os horizontes do que podem.



O carinho é muito. Dá para todos a Eucaristia da bondade. Mas Terezinha, quer para ela só o coração inteiro da mamãe e toda a amizade dos irmãozinhos.



Antes de embarcar para a grande viagem dos sonhos encantados, a garota reza. A irmãzinha — upa! — sobe ao beliche.



Enlace Carmen Dolores Perdigão Martins- Antonio Marinho Lage



Os noivos, quando ouviam a preleção do reverendo Martin.

Os progenitores dos noivos: srs. Antonio da Costa Lage e José da Costa Martins; senhoras Laura Marinho Lage e Olga Perdigão da Costa Martins — quando assistiam á cerimonia religiosa.

Com grande pompa realizou-se na igreja de Santo Inacio, na semana transacta, o enlace matrimonial da gentilissima senhorita Carmen Dolores Perdigão Martins com o sr. Antonio Marinho Lage, membros da alta sociedade carioca.

Foi celebrante do ato religioso o reverendo Martin, auxiliado pelo padre Tavora.

São paes do noivo o sr. Antonio da Costa Lage e a exma. sra. d. Laura Marinho Lage, e progenitores da senhorita Carmen Dolores o sr. José da Costa Martins e exma. sra. d. Olga Perdigão da Costa Martins.

Foram padrinhos, no religioso: por parte do noivo, sr. Augusto Marinho Lage



A imposição das alianças.



A entrada na igreja, da senhorita Carmen Dolores, pelo braço de seu pae. sr. José da Costa Martins.

e senhora; por parte da noiva, d. Margarida Campos e Heitor e o sr. Fenelon Perdigão.

A cerimonia do casamento foi realizada por ocasião de uma missa solene. Os noivos, acompanhados pelas testemunhas, parentes e amigos, ajoelham-se ao pé do altar. O sacerdote, depois de lhes ter dirigido algumas palavras, inculcando-lhes os graves deveres de que se vão investir, faz as perguntas de praxe.

A bênção do anel faz parte integrante da liturgia do matrimonio. O pároco asperge-o com agua benta e o entrega ao noivo, que então o coloca no dedo anular da mão esquerda da noiva.

Durante a missa o sacerdote lê algumas das mais belas passagens do Evangelho, sobre o sacramento do matrimonio:

"Irmãos: Submetam-se as mulheres aos seus maridos, como ao Senhor. Porque o marido é a cabeça da mulher, como o Cristo é a cabeça de sua Igreja. Assim como a Igreja está sujeita ao Cristo, assim as mulheres o estejam aos seus maridos. E vós em tudo, maridos, amai as vossas mulheres. O que ama a sua esposa ama-se a si mesmo.

...o homem deixará o seu pae e a sua mãe e se unirá á sua mulher. E serão dois em uma só carne. Este misterio é grande, porém eu o digo, por causa da relação com o Cristo e com a Igreja (Epístola. São Paulo aos Efes. 5, 22-23)".

"Tua esposa é como a vinha fértil nas paredes de tua casa. Ps. Teus filhos, como rebentos de oliveiras, ao redor de tua me a. Aleluia, aleluia. (Gradual e Aleluia, ps. 127, 3)".

"Naquele tempo, aproximaram-se os fariseus de Jesus, para O tentar, dizendo: E' lícito ao homem despedir a sua mulher por qualquer motivo? Ele respondeu: Não lestes que o Criador quando creou o homem, no principio, creou um homem e uma mulher? Por causa disso o homem deixará pae e mãe e se unirá á sua mulher e serão ambos uma mesma carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu. (São Mateus, 19 3-6)".

Antes de dar a bênção, o sacerdote, voltando-se para os nubentes, diz:

"O Deus de Abraão, Deus de Israel e Jacob, seja convosco; derrame sobre Vós as suas bênções, de forma que possaes vêr os filhos de vossos filhos até a terceira e quarta geração e, em seguida, entreis na posse da vida eterna, com o auxilio de Nosso Senhor. Que vos abençoe o Onipotente Deus. Assim seja."

Após a cerimonia foi oferecido um *lunch* aos convidados, na residencia dos paes da noiva, tendo a nossa reportagem conseguido anotar os nomes das seguintes pessoas:

Dr. Nelson Hungria e senhora, dr. Ademar Marinho da Cunha e senhora, dr. Helio Hungria e senhora, comendador José Lopes e senhora, sr. José da Silva Carneiro e senhora, senhora Domingos Góes e filho, sr. Eugenio Raposo e familia, sr. Pedro Lopes e senhora, senhora Olivia Lapene, Viuva Eiras, sr. Nelson Cardoso e senhora, sr. Achilles Stefan e senhora, sr. José Cabral e senhora, senhora Ana Maria Barata Leal, dr. Raul Hargrives, dr. Antonio Alves Sarda e senhora, comendador Artur de Castro e senhora, sr. Fernando Boulhosa e familia, sr. Antonio Pires Coelho e senhora, senhora Maria Augusta Ovale, sr. Braz Teixeira e familia, sr. Rupert Rogers e senhora, sr. José Teixeira de Novais e familia, sr. Antonio Bizarro e senhora, Viuva Campos Heitor e filhas, senhora Carmen Nunes Martins, dr. Mario da Costa Martins e senhora, dr. Mecena da Cruz Sales e senhora, dr. Iolando Pacheco Dantas e senhora, dr. Alvaro Bomilcar e senhora, dr. José Teixeira e familia, dr. Delfino Lustosa e senhora, dr. Albino Almeida Cardoso e senhora, sr. Carlos Barbosa Rodrigues e senhora, senhora Malvina Dolabela Mamana, senhora Maria Augusta Ovale, senhora Analá Teixeira...



Manhãs em Washington

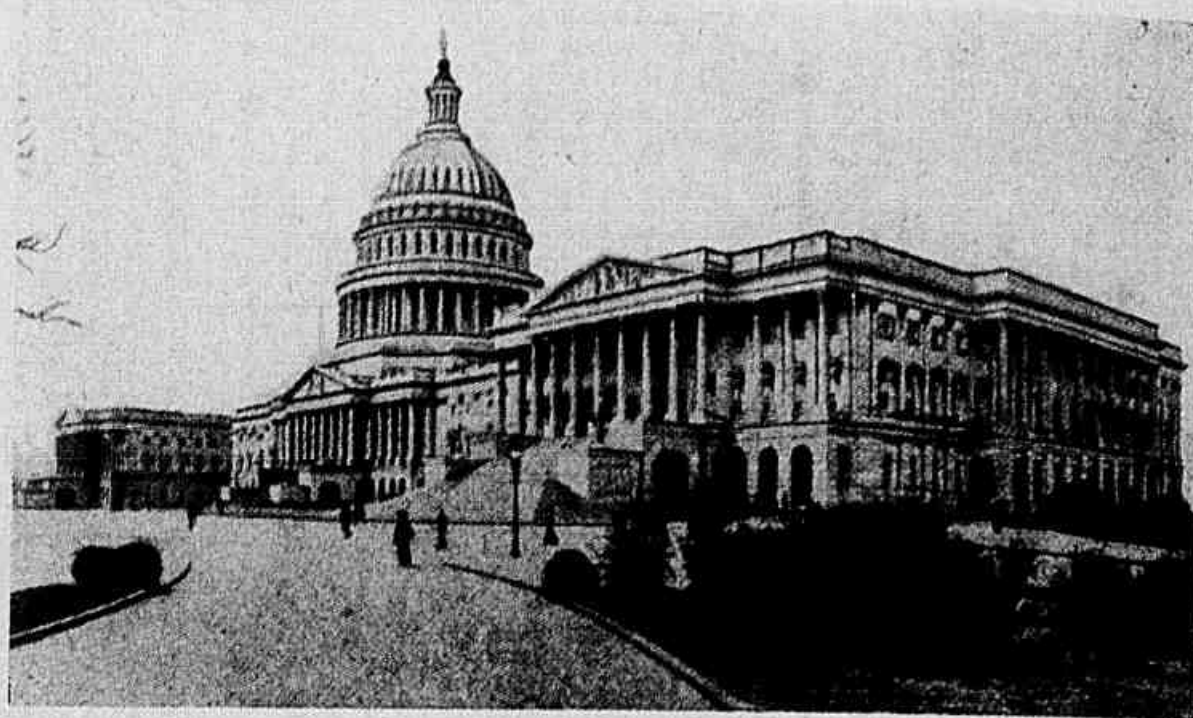
(Especial para a "Revista da Semana") DANTE COSTA

WASHINGTON é uma cidade de grandes e imensos jardins, de largos tabuleiros de relva, de edifícios brancos, mergulhados em harmonia grega — a mais bonita cidade dos Estados Unidos.

E' na claridade matinal, contudo, que a sua beleza e o seu espírito se deixam possuir com mais fidelidade. Cada cidade possui a sua hora de expressão e de comunicação. Assim Washington, assim Londres, assim todas as outras. Paris, salvo o Rio de Janeiro, talvez seja a única que a qualquer hora faz sentir o seu sortilégio, vivendo em permanente palitação, nas velhas casas, nas ruas queridas de Paris, nas suas calçadas ilustres, nas suas árvores, cuja folhas, no Outono, veem cair sobre o nosso chapéu como um sinal de poesia. Falo de Paris de antes da guerra, o Paris de 1938, que tanto conheci e amei e que é, para mim, de todos os tempos. Mas as outras cidades possuem, todas, as suas horas de maior encanto, o seu momento do dia em que mais se abrem ao espírito alheio, transmitindo os secretos aromas do seu corpo e a graça mais íntima do seu espírito. Veneza é à noite que a sentimos melhor, talvez caminhando por aquela "Via dei assassini", tortuosa e escura, com o seu nome que lembra os brilhos fugidios dos punhais mediterrâneos. Florença — a mais inteligente cidade da Itália — será melhor amada ao entardecer, quando ainda mais grave se torna a côr barrenta das suas casas e do seu rio. Washington, como Haya, é de manhã, com o seu sol batendo nos gramados verdes, e as grandes árvores copadas, plácidas e humanas, embebidas de luz, que melhor nos fala e comove. E' de manhã que Washington nos convida a entrar nos Estados Unidos.

Quasi toda a cidade é vegetal. Os edificios públicos da Constitution Avenue, imponentes como templos, estão rodeados de jardins, mas jardins vivos, pelos quais o povo caminha, os estudantes riem e onde vão se sentar, à hora do almoço, grupos de funcionários públicos, despreocupadamente, às vezes chupando sorvetes cinematográficos, enquanto esperam a hora de voltar ao trabalho.

Por todos os bairros os jardins de Washington se estendem, e será possível vê-los nas grandes avenidas residenciais sempre vivendo



O Capitólio.

uma função social, nunca jardins abandonados ou jardins mortos. E é sobre esses jardins que o encanto da manhã se reflete mais comodamente.

Manhãs de Washington, com o gigantesco obelisco rodeado de gente: banda de música, leilões de bonus de guerra, teatro ao ar livre, pernas ao ar livre, saúde americana...

Manhãs de Washington, contemplando as curvas macias do Potomac, rio presidencial em cujas margens os monumentos nacionais estão plantados para ensinar moral e educação entre sugestões áticas.

Manhãs de Washington, cidade americana onde não há arranha-céus, onde as casas são menos altas e mais humanas, onde imensas avenidas onduladas fazem a ligação com pequenos parques rurais ou levam, suavemente, numa curva de caminho, ao "campus" de uma Universidade.

No alto do obelisco, a ver a configuração das ruas e o desenho dos quarteirões...

No mercado fluvial, a ver de perto a água preguiçosa do rio — lá longe fica a Academia Naval de Anápolis.

Nos bondes, quasi sem ruidos, correndo sobre rodas pequeninas, como carros de brinquedo, a ver o povo, a ver os simpáticos rapazes americanos, a ver as "girls" de cabelo fulvo e de atitudes espontâneas, as "girls", força da juventude, vida nova...

Sim, é de manhã que Washington é mais bela. Todas as cidades vegetais são mais belas de manhã, na luz do sol novo, no espetáculo das folhas recentemente acordadas. E em Washington essa beleza é bastante para acordar no espírito agradáveis sugestões: trabalhar, ir ao encontro marcado, ver os quadros no museu, sair de casa e caminhar um pouco a pé, só um pouco, comunicar-se com a moça que vai ao nosso lado, sem que essa alegria deva nos prejudicar. O tempo passa entre satisfações uteis. Nos ônibus acontece-nos ficar olhando a simplicidade dos oficiais e soldados do Exército, com as suas blusas *kakis* de gravata solta, com os seus gestos brandos de soldados que não precisam compôr atitudes marciais, mas logo nos ocorre o que de belo e de útil a todos os homens eles estão fazendo nas florestas da Asia ou nos desertos da Africa...

Compreenderam que quero dizer que Washington, sendo uma cidade linda, não é ociosa. Washington leva não só à contemplação, mas à aplicação. Sendo a menos americana de todas as cidades norte-americanas, não deixa de ser Estados Unidos...

Manhãs de Washington!...

Em Porter Street moram as três moças louras, de otimismo permanente. Vamos juntos para o centro. O automovel de Kundsén, o sueco, comporta muito bem as três moças louras:

— Hello, Virginia!

— Hello, May!

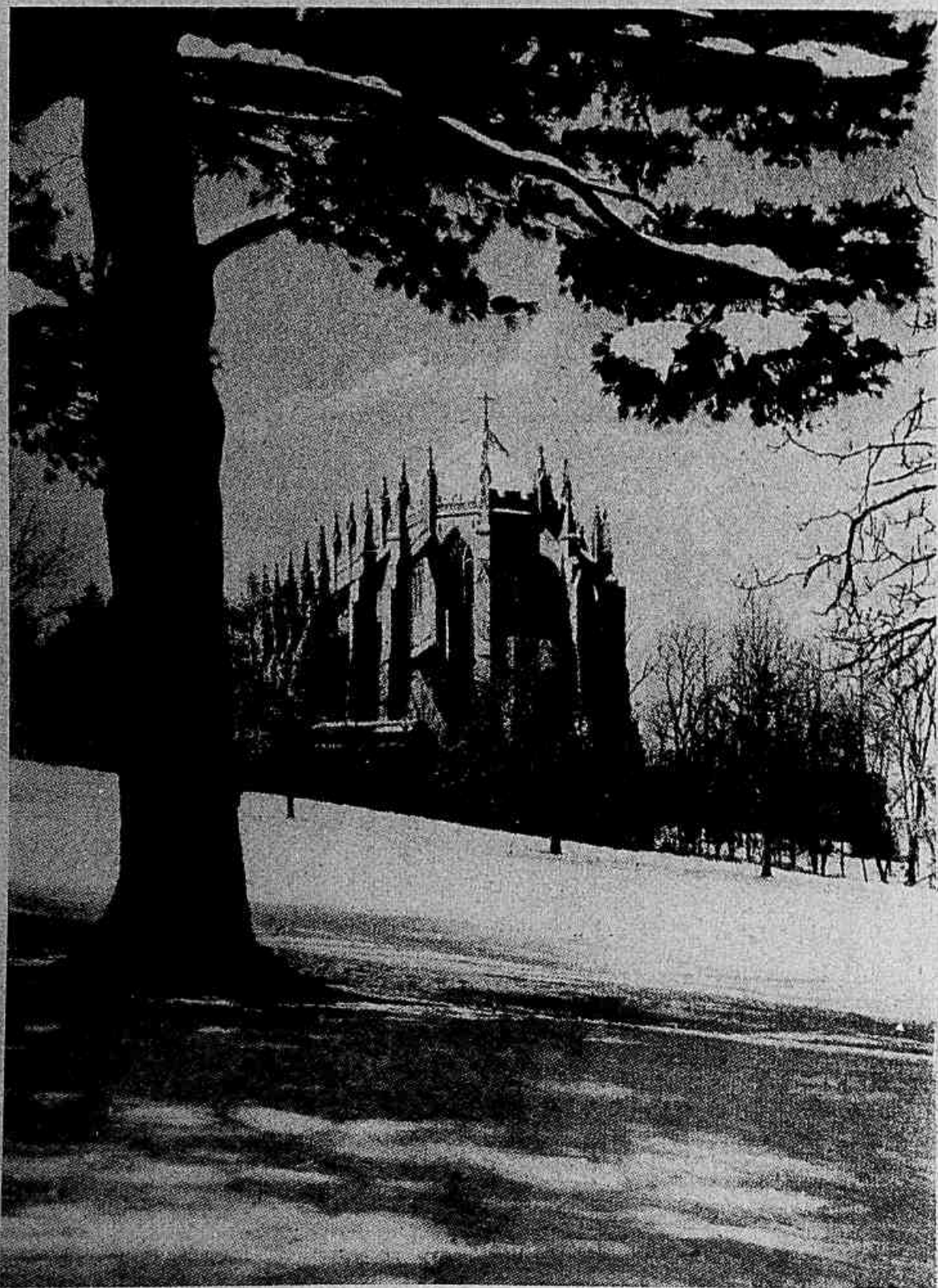
— Eveline!

Manhãs de Washington...

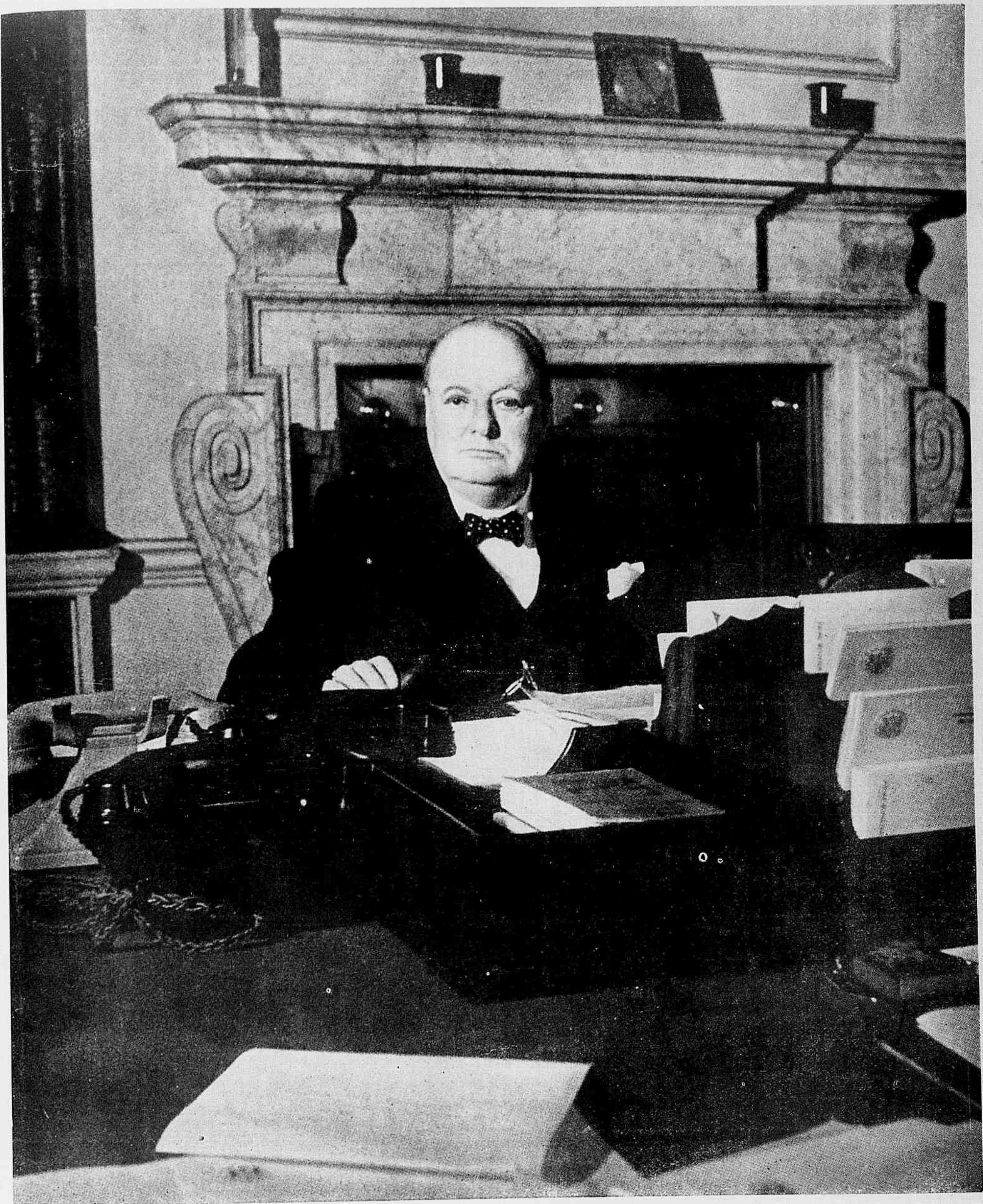
Enquanto o carro se detem para a compra do jornal, por trás da vitrine da "drug store" o menino sardento, encarapitado no balcão dos gelados, mergulha os olhos e a colher no coço de sorvete que está acabando, aproveita bem, parece pensar:

— My gosh, acabou!

E o seu riso inclue-se no ar, como a sagração matinal da cidade.



Catedral de Washington.



Churchill —

Não deixa de encerrar uma profunda ironia o fato de ter o homem mais representativo desta guerra surgido em uma nação democrática. Não deixa de ser uma lição providencial que um simples cidadão, elevado ao poder em plena guerra para dirigir um povo essencialmente pacifista, tenha ofuscado o prestígio pessoal daqueles que, intitulados de super-homens, haviam disposto de seus povos como de simples rebanhos e haviam dado, eles sós, novo rumo à história. Churchill subiu ao palco dos acontecimentos como um chefe de governo de responsabili-

des definidas e poderes limitados, para trabalhar a serviço de instituições que de serem seculares dificilmente deixam transparecer a obra de cada homem. A sua coragem e determinação de salvar o povo inglês, a sua certeza de que o povo inglês era digno de sua fé na vitória e que o mundo inteiro mais cedo ou mais tarde reconheceria isto, fizeram de sua obra um poema. E Churchill venceu. Vencendo, fez-se ele próprio a encarnação da vitória. O futuro reconhecerá nele, não há dúvida, — nele que prometeu sangue, suor e lágrimas, e deu a vitória — a maior figura desta fase dolorosa da história humana.

A TRADIÇÃO DA CEIA DO NATAL

De todas as tradições que acompanhavam outrora a festa de Natal, a ceia foi uma das que mais custaram a ser abandonadas, porque não se pôde chamar ceia de Natal aos réveillons dos Casinos.

Eram copiosas essas ceias de antigamente, verdadeiras refeições pantagruelicas. Mas é preciso lembrar, para explicar tão formidável apetite, que, naquela época, a festa de Natal sucedia a um longo período de abstinência.

Essa tradição de gula na noite de Natal perpetuou-se através dos séculos. Henrique IV da França mandava preparar para a ceia um menu no qual entrava somente o porco, segundo esta descrição:

"Quatro pratos de *hors-d'oeuvres*, salchichas, chouriços de fígado, de sangue, linguças; dois grandes pratos com línguas fumadas e pés de porco recheados com pistaches; uma grande travessa com costeletas de porco desossadas, servidas com batatas cortadas em fatias e assadas no forno, e como prato do meio a cabeça desossada, recheada e panada, servida fria sobre uma verdura de salsa e ervas aromáticas".

Naquela época, o ganso não era uma ave apreciada. Quanto ao peru só muito mais tarde entrou ele para a alimentação. Antes, a ave de resistência nos banquetes suntuosos da noite de Natal era o pavão. Mas em geral, na França, na burguezia assim como no povo, preferiam, como o seu rei Henrique IV, menus compostos unicamente com o porco.

A Revolução que destruiu tantos costumes fundados sobre as práticas religiosas, não conseguiu triunfar desta. Em pleno Terror, encontravam-se audaciosos que ousavam festejar o Natal com ceia.

MENU PARA CEIA DE NATAL

(RECEITAS DE DIVERSOS PAISES)

BOUILLABAISSE

À

MARTINIQUENSE

CARNE DE PORCO COM BANANAS

À ARGELINA

CROQUETES DE BERINGELAS

GANSO E SALADA À ALSACIANA

PLUM-PUDDING À INGLESA
(PLUM-PUDDING SIMPLIFICADO)

SORVETE E FRUTAS

BOUILLABAISSE A' MARTINIQUENSE

Cortar em postas peixes de diversas qualidades e regar com caldo de limão. Regar na manteiga cebolas picadas e juntar as postas de peixe. Quando tiverem tomado cor de todos os lados, juntar: polpa de tomates, cheiros, um pedaço de folha de louro, uma folha de absinto, sal, pimenta e água, o suficiente para cobrir as postas de peixe. Tampar a panela e deixar cozinhar em fogo brando durante vinte a vinte cinco minutos. Neste momento juntar uma colher de azeite morno, depois a polpa de um limão esmagado juntamente com algumas pimentas vermelhas. Servir com arroz cozido no vapor, ou pirão de farinha de arroz.

CARNE DE PORCO COM BANANAS

Empregar para este prato um lombo de porco bem temperado e pôr para assar numa frigideira de barro com banha, cebolas, folha de louro, salsa, cravo da Índia e um pouquinho de água; o lombo não deve estar quente de mais. Na hora de servir, esmagar um pouco de aniz, pimentas e polpa de limão, juntar ao molho e depois coar. Servir ao mesmo tempo bananas cozidas na água a ferver temperadas com sal e suco de limão.

CROQUETES DE BERINGELAS

Tirar a pele, e cortar em pedaços beringelas maduras. Reduzir depois numa purêia bem fina, temperar com sal e pimenta e misturar um terço de farinha de milho; ligar com um ou dois ovos e trabalhar bastante esta mistura, juntando depois algumas gotas de azeite. Com a ajuda de uma colher untada com azeite, formar pequenas bolas que se põe para fritar no azeite muito quente, retirar com a escumadeira logo que tomar cor; servir imediatamente.

GANSO A' ALSACIANA

Escolher um ganso bem gordo, depois de bem limpo, rechear com carne de porco passada na máquina, bem temperada, misturar um punhado de farinha de rosca e um pouco de salsa picada. Colocar a ave numa panela grande sobre uma camada da sua própria gordura e legumes picados; molhar com meio litro de caldo de carne, temperar com sal, deixar reduzir o líquido em fogo forte, depois molhar de novo, até a metade da altura com meia garrafa de vinho branco e caldo, juntar um bouquet de cheiros, retirar a panela para fogo moderado, cobrir o ganso com um papel untado com manteiga, deixar cozinhar 3 horas, regando muitas vezes.

Um quarto de hora antes de servir, escorrer o molho e retirar a gordura. Colocar novamente o ganso na panela, juntar a gordura. Ao molho juntar meio copo de vinho branco e engrossar um pouco com maizena ou farinha de trigo.

Rodear o ganso na travessa com castanhas cozidas e salchichas fritas. Regar com um pouco do molho e mandar o resto na molheira.

SALADA ALSACIANA

Pôr para cozinhar 750 grs. de batatas bem farinhentas com a casca, em água temperada com sal. Tirar a casca e, enquanto ainda bem quentes, esmagá-las com um garfo de prata. Temperar com um copo de vinho tinto, sal, pimenta, mostarda e vinagre.

A' parte pôr para cozinhar 750 grs. de beterrabas, cortar em fatias e pôr no tempero de vinagre uma meia hora. Depois esmagam-se também com o garfo as beterrabas. Pôr para cozinhar 6 ovos, cortam-se três em rodélas. Dos três outros são separadas as claras das gemas, e estas esmagadas separadamente. Cortam-se também em fatias finas um pepino; estas fatias são postas na água temperada com sal, depois escurrida a água. Separa-se parte da massa das beterrabas para a guarnição e junta-se o resto à massa das batatas, mistura-se muito bem, arruma-se num prato redondo de cristal e risca-se uma estrela, depois cobrem-se os triangulos com a massa de beterrabas uns, outros com as rodélas de pepinos, outros com as rodélas de ovos; as gemas e claras esmagadas servirão para separar os triangulos formando linhas nos riscos da estrela. (As beterrabas podem ser substituídas por tomates).

Esta salada acompanha muito bem um assado de carne de vaca.

PLUM PUDDING A' INGLESA

Na Inglaterra o plum-pudding é preparado com muita antecedência, dizem mesmo que algumas donas de casa preparam com um ano de antecedência. Mas aqui não seria possível conserva-lo tanto tempo, ficaria muito duro. Fazê-lo uns 8 ou 10 dias antes já é mais que suficiente.

A receita está calculada para fazer dois grandes e dois pequenos plum-puddings. É muito fácil reduzir a metade ou a um terço os ingredientes empregados querendo se fazer menor quantidade.

Tomar uma libra e meia de gordura de carne bem picada, meia libra de farinha de rosca peneirada, meia libra de cerejas cristalizadas picadas, 300 grs. de farinha de trigo, duas colheres de café de fermento inglês, uma libra de passas de Simirna e igual quantidade de passas de Corinto (tirar bem as hastes e grãos), uma libra de laranja e de limão cristalizados e cortados muito fino, uma libra de assucar, 170 grs. de amendoas scadas, uma libra de maçãs picadas, um pouco de noz moscada ralada, o suco e a raspa de 4 limões. Misturar tudo muito bem e juntar depois 10 ovos muito bem batidos (bater primeiro as claras juntando em seguida as gemas e continuando a bater). Misturar tudo muito bem. Depois pôr a massa em tigelas bem untadas com manteiga, apertar bem a massa, colocar por cima uma rodéla de papel pergaminho, cobrindo perfeitamente o pudding. Sobre este papel, pôr uma camada espessa de farinha de trigo, que durante o cozimento forma uma espécie de cola protetora. Envolver cada tigela com um pano bem espesso que se reúne na parte de cima e amarra-se com um barbante. Pôr dentro de um grande recipiente ou em diversos para cozinhar os belos em banho-maria. É muito importante a água não penetrar dentro, deixar cozinhar doze horas. Depois suspender pelo pano num lugar seco até o momento de servir.

No dia que se lôr comer o pudding ainda é preciso cozinhá-lo durante duas horas. Depois passa-se para um prato que não estale com o calor do fogo, e na mesa rega-se o com rum e põe-se fogo.

RECEITA SIMPLIFICADA DE PLUM-PUDDING

Toma-se uma libra de pão de mel com farinha de centeio (pain d'épice dos franceses). Fazer ferver meio litro de leite com uma tava de baunilha. Misturar com 3 ovos bem batidos, juntar uma pitadinha de sal, um pouco de noz moscada e de gengibre em pó. Cortar o pão de centeio em fatias muito finas e mergulha-se neste creme. Arruma-se numa forma grande bem untada com manteiga primeiro umas passas, pequenos pedaços de laranja e de limão cristalizados e de cerejas. Encher a forma com as fatias de pão que se regam de vez em quando com um pouco de creme e de rum e vai-se juntando também pedaços das frutas cristalizadas e passas. (São necessárias 150 grs. de cerejas, 200 grs. de laranja e de limão, 200 grs. de passas, 2 calices (dos de vinho Bordeaux) de rum e o suco de um limão fervido durante duas horas). Pôr para cozinhar em banho-maria no forno uma hora e meia a 2 horas, forno brando.

Serve-se com uma calda de assucar na qual se desleza um pote de geléia de damasco. Serve-se este molho à parte para poder regar com rum e pôr fogo.



FESTAS! Para presentes de NATAL e ANO BOM nada se compara às maravilhosas

C E S T A S

ricamente sortidas e elegantemente apresentadas, do sortimento da "Confeitaria Colombo", sem dúvida o mais variado e completo da cidade.

Confeitaria
COLOMBO

GONÇALVES DIAS 32-36 • 7 DE SETEMBRO 94-96



**AS MINHAS HOMENAGENS
AO QUINADO
RAMOS PINTO**

Natal



Um presente útil

— qualquer coisa que torne a sua casa mais atraente e confortável — fará com que este NATAL fique para sempre na sua lembrança e na recordação dos que lhe são caros.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA - 67

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

19 Senhora Celita Castelo Branco, esposa do consul Gil Castelo Branco; senhor dr. Fernando Vaz.

20 Senhora Alba Wanda Ribeiro, esposa do sr. José Ribeiro; senhores dr. Carlos Seidl Filho e jornalista Ivo Arruda.

21 Senhoras Marieta Pena, esposa do dr. Afonso Pena Jr., Zulmira de Queiroz Breiner, esposa do dr. Cristovão Breiner; senhor dr. José Roberto Leite Penteado.

22 Senhores prof. dr. Leonidas de Rezende, dr. Raul Sá, dr. José Flavio de Meira Pena, dr. Oscar Cunha, dr. Frederico Cezar Burlamaqui.

23 Senhores general Emilio Lucio Esteves, prof. Pedro Calmon, da Academia de Letras; dr. Alfredo Machado Guimarães Filho, Haroldo Crockatt de Sá.

24 Senhora Tharcilla Coelho Pinheiro; senhores dr. Martinho Nobre de Melo, embaixador de Portugal; dr. Armando Sales de Oliveira, dr. Manoel Reis, comandante Alvim Pessoa, jornalista Otavio Vitor do Espirito Santo, dr. Nogueira da Silva, coronel A. Pitta de Castro, dr. Jayme de Vasconcellos, dr. Adamastor Lima.

25 Senhoritas Marta Pacheco e Isa de Azevedo Matos.

NOIVADO

Com a senhorita Georgette d'Avila Barros, filha do dr. Manoel Sebastião Barros e exma. senhora, contratou casamento o professor Durval Barreto Ribeiro, do Instituto de Educação do Estado do Rio. Sendo os noivos elementos da melhor sociedade niteroiense, teve o acontecimento larga repercussão naquela Capital.

MARIA LUIZA NAS ONDAS MUSICAIS

As "Ondas Musicais", conceituados programas radiofônicos patrocinados pela Cia. de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro Ltda., estão apresentando, nas suas audições do corrente mês de Dezembro, a pianista patricia Maria Luiza Vaz, jovem virtuose detentora de invejáveis referências da crítica e aplausos de plateias exigentes.



ENLACE OLINDA LOPES DE CARVALHO — RUBENS VILLELA — Realizou-se, num dos ultimos dias de novembro ultimo, o enlace matrimonial da senhorita Olinda Lopes de Carvalho, filha do casal José Carvalho-d. Silvina Lopes de Carvalho, com o sr. Rubens Villela, filho do sr. Jacinto Villela (já falecido) e d. Irma de Carvalho Villela. O ato civil efetuou-se na residencia do casal Lopes de Carvalho, servindo de testemunhas por parte da noiva o sr. José Maria Villela Filho e a senhorinha Silvia Teixeira de Azevedo, e por parte do noivo o sr. Antonio da Silva e sua esposa. O ato religioso realizou-se na igreja do Sagrado Coração. Os noivos receberam de suas relações de amizade cumprimentos e muitas provas de simpatia.



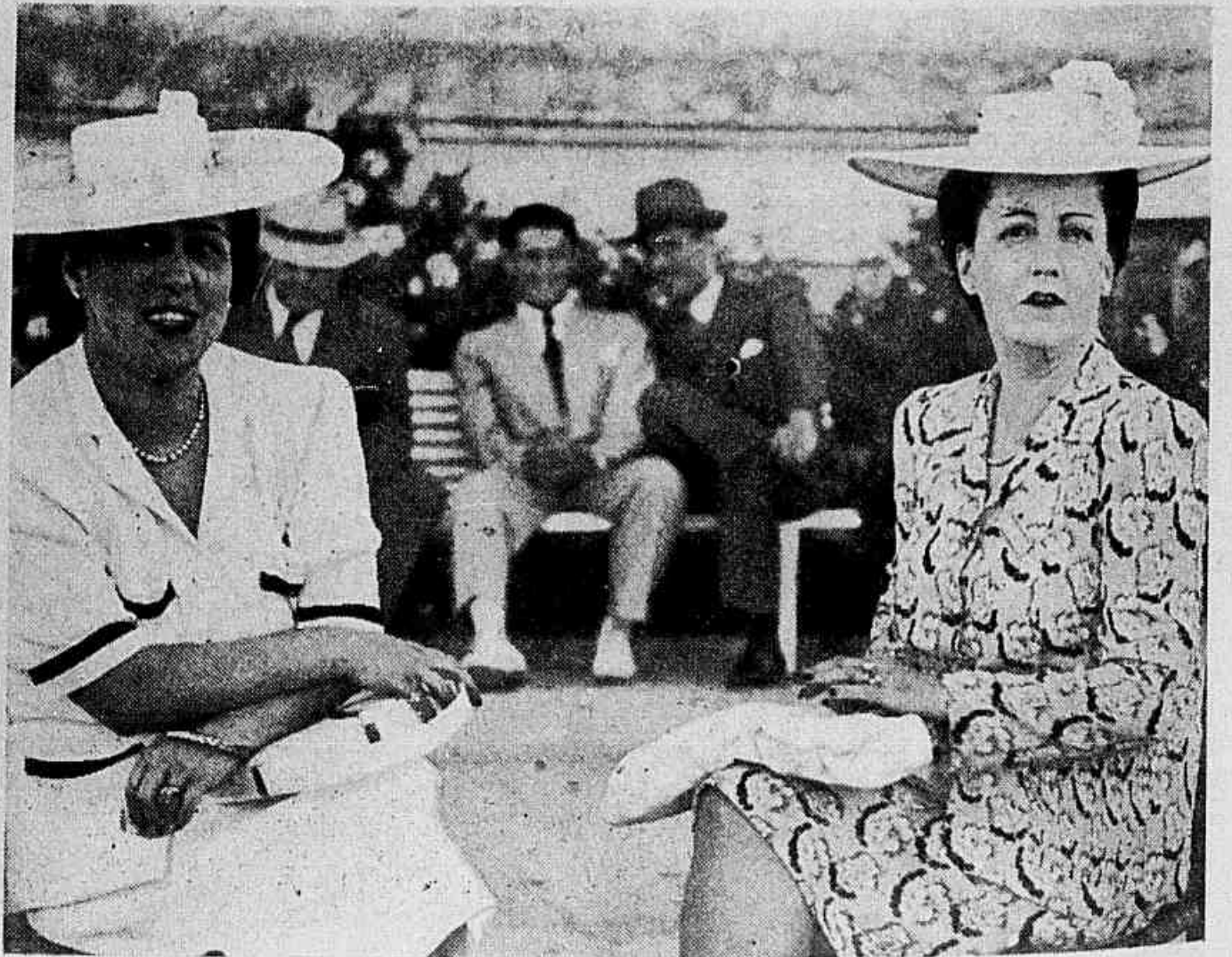
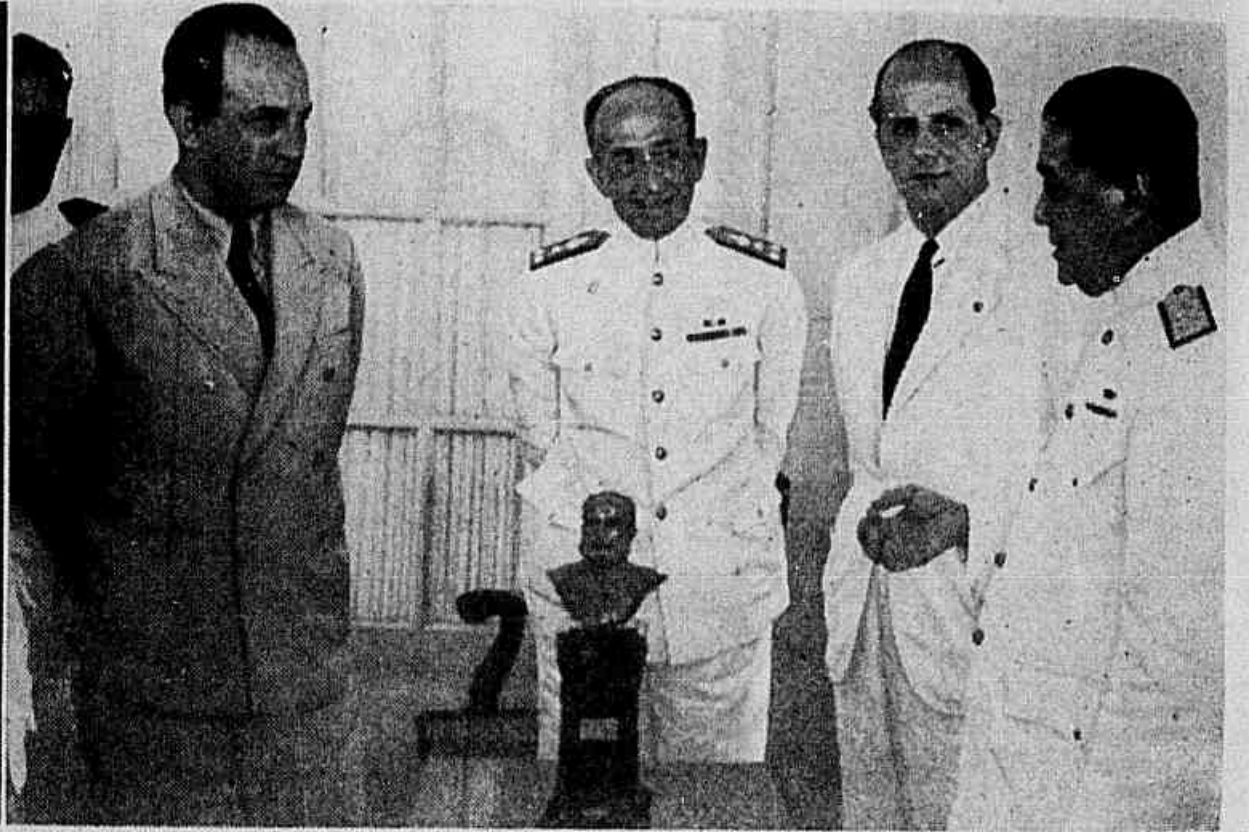
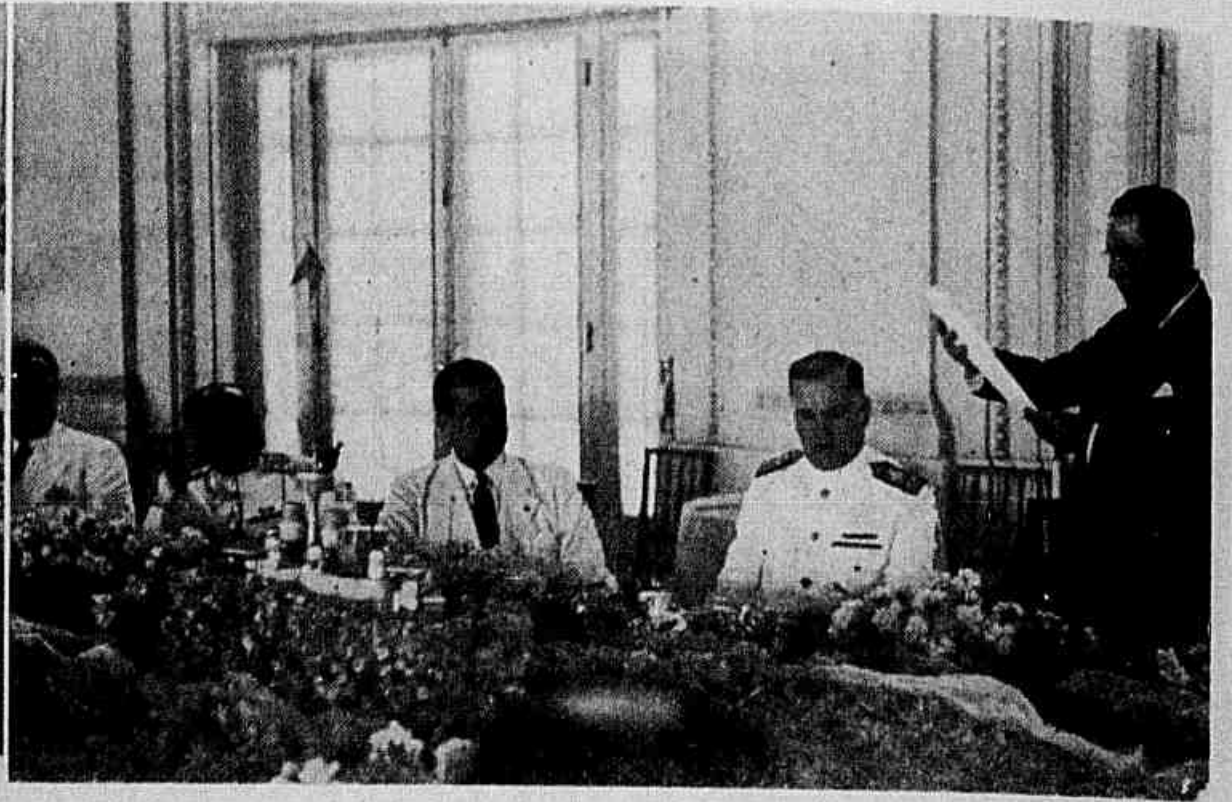
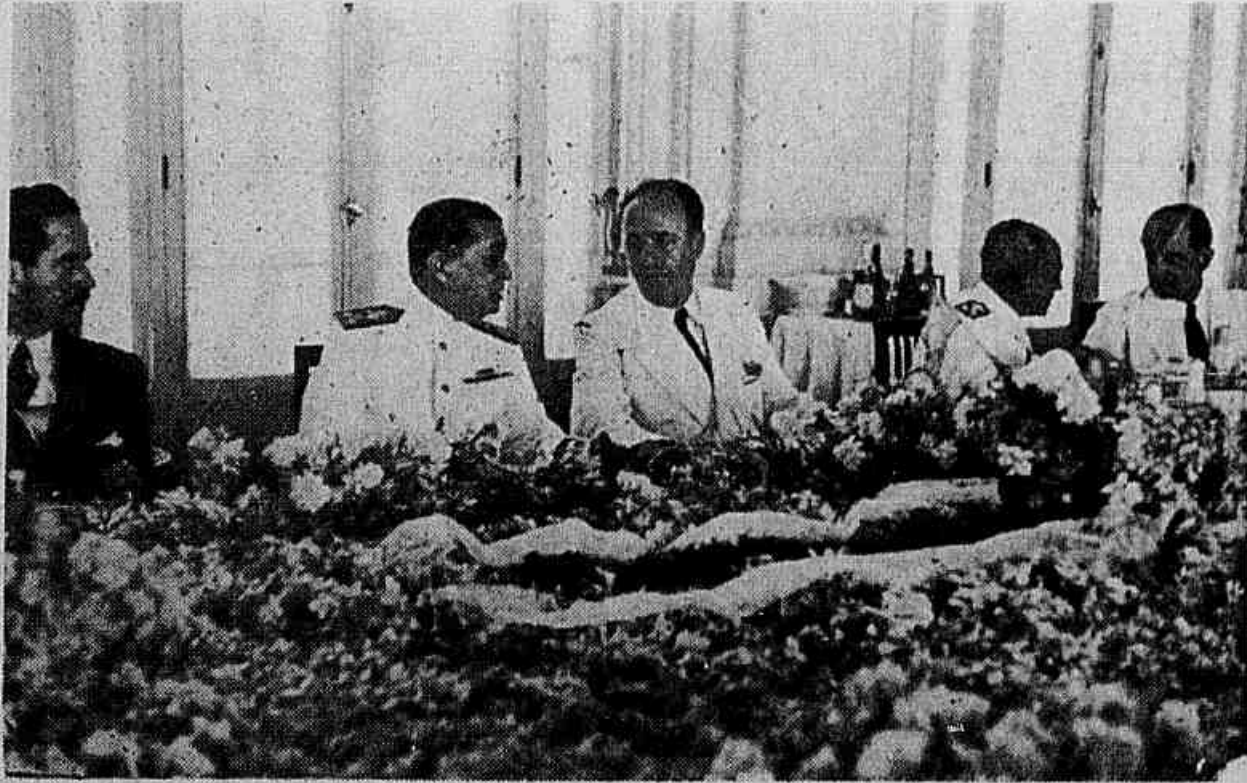
BODAS DE PRATA

Festejando as bodas de prata do casal Benjamin Ferreira Guimarães Filho — D. Ophelia Mourão Guimarães, os filhos, irmãos e amigos do conhecido industrial (que é diretor, também, da "Casa do Pobre de Copacabana") e de sua senhora, mandaram celebrar missa em ação de graças na Capela da Casa do Pobre, ao lado da Igreja de N. S. de Copacabana.

A REVISTA DA SEMANA esteve presente a essa comemoração, tendo a nossa objetiva fixado o aspecto fotográfico que estampamos acima, no qual se vêem, além dos homenageados, os pais dos mesmos: casal Benjamin Ferreira Guimarães e casal Dr. Marcilio Mourão.



JOCKEY CLUB MUNDANO



Apresentamos ao alto da pagina dois aspectos do banquete oferecido pela Diretoria do Jockey Club Brasileiro ao Ministro da Marinha.

De volta ao Brasil, Pedro Vargas almoçou domingo no Hipodromo da Gavea, vivendo uma bela tarde, entre as emoções fortes do *turf*, que é o seu esporte favorito. Na foto do centro, á esquerda, vemos o astro mexicano entre Marion e Mariquita Flôres.

No centro, á direita, o ministro Guilhem entrega ao proprietario do vencedor do premio *Almirante Marquez de Tamandaré*, um busto do heróe nacional.

Nas demais fotos aspectos da fina assistência feminina que assistiu no ultimo domingo ás corridas do Hipodromo da Gavea.



Vem de realizar-se na capital paulista uma reunião na Secretaria Social da Campanha "Fundos Universitário de Pesquisas para a Defesa Nacional", durante a qual foram tratados vários assuntos concernentes aos altos objetivos desse movimento. Presidiu aos trabalhos a senhora Maria Adelaide de Paula Souza, tendo comparecido numerosas senhoras da sociedade paulistana. Os dois aspectos fotográficos que inserimos nesta página foram colhidos durante e após essa reunião.

De São Paulo

ASSINATURAS
DE



AGENCIA AMERICANA
DE ASSINATURAS

180, Rua Alves Penteado, F. 3-1409

146, Rua D. José de Barros, F. 4-8383

SÃO PAULO

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Irapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

DR. ZEFERINO BASTOS

MÉDICO DE SENHORAS
TRATAMENTO - MÉDICO
E CIRÚRGICO

Ed. Duvidor, sala 1003, t. 23 6070

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 lca-107 s/ loja-1.º e 2.º and.

Caixa Postal, 178-B e 2999

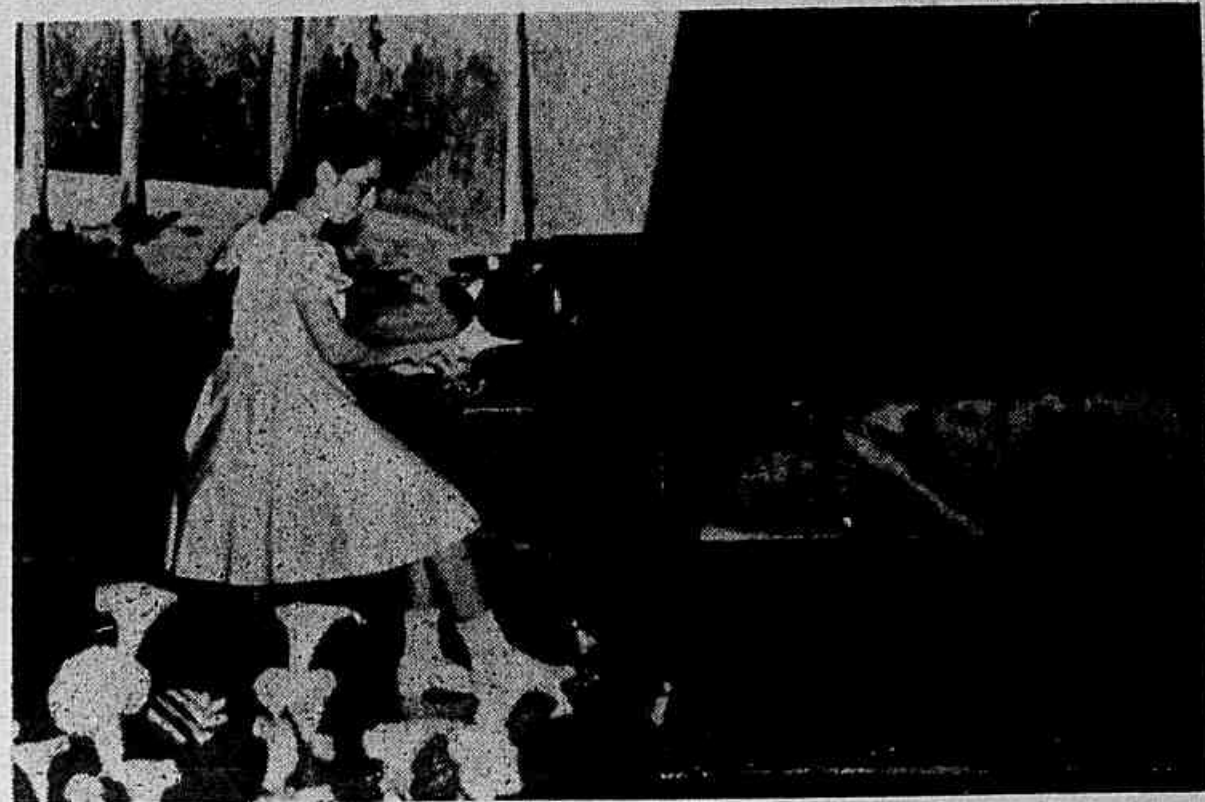
fone 2-4550

Tele
grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

a maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agencias em todas as cidades do Brasil



Marcí Gomes -- Foi muito bem recebido pela crítica de São Paulo o concerto de estréia da menina pianista Marcí Gomes. Revelando perfeita compreensão da arte e instrumento que adotou, a pequena Marcí mereceu elogiosas referências á sua tecnica já bastante desenvolvida e á conscienciosa interpretação das obras que executou.



Pauli Poli
O MELHOR CIGARRO DA AMERICA

CHEQUES DE Cr. \$ 500.00 E OUTROS VALORES
FUMOS ESCOLHIDOS ★ TIPO AMERICANO ★
HOMENAGEM "SUDAN" AOS ESTUDANTES DO BRASIL

COM

MAÇO (r. \$1.20 (15200))

E' A FOTOGRAFIA UMA ARTE?

(Continuação da pagina 41)

fotografia é depende exclusivamente do artista que usa a camara. "A fotografia, ela mesma — disse — não é uma arte, é uma técnica. E' um processo mecânico por meio do qual um artista pôde produzir belas obras de arte".

Charles Sheeler, que pratica igualmente a pintura e a fotografia, concorda com Mr. Taylor. "E' o homem e não a máquina que determina o resultado, diz ele, e acrescenta: Eu acredito que a fotografia pôde ser incluída entre as belas artes. Se a dificuldade provém do instrumento, então seria igualmente de justiça agir da mesma maneira com os escultores contemporâneos que usam instrumentos pneumáticos em vez de ferir a pedra a martelo á maneira de Miguel Angelo".

Os homens que aplicam á fotografia o seu senso de arte, insistem em que toda a responsabilidade cabe áquele que está por trás da máquina. Cincoenta anos atrás pioneiros como Alfred Stieglitz empreenderam produzir conciosos trabalhos de arte com o instrumento que o longinquo Battista Porta inventou como simples brinquedo umas três centenas de anos antes de Daguerre. A primeira idéia, naturalmente, foi fazer a fotografia parecer um consagrado trabalho artistico. A "arte fotográfica" estava apta a sugerir uma pintura a óleo resolvida em branco e preto. (Ainda não se conhecia a fotografia a cores). Inevitavelmente, os primeiros ensaios na arte fotográfica foram de imitação. Tentavam confundi-los com a pintura.

O desenvolvimento da técnica fotográfica aumentando de todas as maneiras a capacidade e o poder da camara, mostrou áquele que usava a máquina fotográfica que ele dispunha de um instrumento que tinha a sua mágica própria, e quando o artista tornou-se apto a utilizar os segredos desse instrumento deixou de pensar em imitar. E então compreendeu que sua caixa pôde fazer coisas de que nenhum dos demais instrumentos seus predecessores era capaz; que ela é susceptível de captar grandes e pequenas dimensões como nenhum outro instrumento usado por um artista; pôde alcançar complexidades que zombam de todos os velhos meios. Confidentemente, então, ele começou a fazer uma arte toda sua.

Mas os seguidores das velhas técnicas ainda não chegaram a um acordo. John Sloan, um dos fundadores da Sociedade dos Artistas Independentes, que encabeçou uma revolta contra o academicismo, diz sem rodeios: "A fotografia não é uma verdadeira arte". E não é uma arte porque "é um meio seletivo e não criador". Consequentemente, Mr. Sloan confessa que uma grande quantidade de pinturas também não é arte. Mas ha uma diferença: a fotografia pôde oferecer uma seleção entre imagens visuais; o quadro que é feito pela mão do mestre foi criado dentro do espirito do artista.

O presidente da Sociedade Americana de Gravadores, John Taylor Arms, concede que "a camara em mão de um artista pôde tornar-se um instrumento na criação de uma arte". Mas ele insiste que uma tal arte será sempre "objetiva e representativa".

Reginald Marsh, um artista de reputação, diz enfaticamente que "é ridiculo considerar a fotografia uma arte. A fotografia apanha apenas o lado exterior dos objetos. O pintor apanha o objeto — ele mesmo — constroe de dentro para fóra".

O ponto central de todo este conflito de opiniões apresentámos no começo deste artigo, é a natureza da arte ela mesma. Os artistas e críticos acreditam que a arte é alguma coisa que apenas pôde ser criada pela imaginação do artista. Eles são inclinados a pensar que a essência da arte está em que a imagem — na pedra, na madeira, na tela ou no papel — não é cópia de nada que esteja fóra da imaginação.

Assim sendo, o fotógrafo, usando um instrumento que faz uma cópia fiel das sombras das coisas, em ultima análise não é um artista. Não obstante, o homem da camara deve usar tal imaginação na seleção de seus objetos e na escolha dos seus pontos de vista.

O espirito de cada época é expresso na sua própria arte. E' natural, portanto, que esta época de tantas invenções mecânicas tenha uma maneira mecânica para exprimir-se. E maneira essa que pode finalmente aspirar servir — entre multiplos propósitos — o propósito da verdadeira arte.

Para **Boas Festas**
BONS LICORES
DUBAR

São as pessoas feias que lançam as modas

De

HAZEL CANNING

Quem lança as modas femininas? Donde as mulheres tiram as ideias para seus vestidos e adornos? Provavelmente a leitora supõe que sejam as mulheres bonitas que as inspiram e lançam os estilos predominantes. Isso porém é um engano.

São as pessoas feias que fazem as modas serem o que são. Assim declarou recentemente o dr. Otto Ludwig Bettman, numa conferencia para os estudantes da Escola de Desenhos e Ilustrações de Modas Mc Dowell de New York.

Os modernos desenhistas de modas, disse o dr. Bettman, vão buscar muito longe os seus motivos, colhendo-os nos diversos ciclos da Historia. O verdadeiro perito de modas sabe perfeitamente qual o ciclo que vai volver, a época dessa volta e tudo o mais a esse respeito.

Sabe, por exemplo, que uma celebridade vestia tais e tais modelos, vamos dizer, tres ou quatro seculos passados. (Ainda ha poucos meses houve em New York uma sensacional *revue* de modelos da Renascença florentina). Assim os peritos fazem um recuo no tempo e recriam tal estilo. E' nesse ponto que vão aparecer os "patinhos tortos" da Historia. Diz o dr. Bettman:

"São os feios que, muitas vezes, têm lançado a moda. Nem todos os feios, é claro. Mas a criatura feia que acontecia ser rei ou rainha ou grande atriz ou mulher dum homem de alta posição.

"A imperatriz Eugenia da França adotou a mesma crinolina que, modificada, as mulheres vestem hoje. Ela gostava da crinolina porque precisava dum bom modelo condizente com a maternidade. Sugeriu-a ás suas damas, para que essas pudessem continuar a exercer os seus deveres da corte, embora esperando a chegada da cegonha.

"O rei Henrique VIII introduziu a barba quadrada embora os homens, antes dele, usassem a cara raspada. Assim o fez porque adquirira algumas feias cicatrizes, quando, jovem peralta, andava em esbórnias noturnas.

"Henrique detestava essas cicatrizes. Uma barba comum não as esconderia. Assim, ao adotar a barba quadrada, todo o mundo passou a usá-la na sua corte.

"A rainha Isabel da Inglaterra — a rainha de Raleigh — adotou diversas modas e sofreu muitas calunias cochichadas por esse motivo. Foi ela que introduziu a gola alta, de tela engomada, em volta do pescoço. Todas as damas a imitavam. Porém a popularidade das golas não abafou a maledicencia que insinuava como origem desse adorno a necessidade de esconder as rugas do pescoço da rainha.

"Foi também Isabel quem lançou a moda duma especie particular de saias, muito folhadas e vastas. Os mexicanos ferviam. As damas da corte imitaram-na. Não deixavam, entretanto, de cochichar que a rainha era tão disforme que somente essas volumosas saias seriam capazes de lhe disfarçar os defeitos.

Assim vai o dr. Bettman citando personagens da historia, personagens dotados de mais inteligencia do que de formosura, os quais influenciaram as modas muito mais do que as belidades reinantes.

Aqui estão outras personalidades citadas brevemente por ele: Ana de Cleves, uma das mulheres de Henrique VIII, introduziu o capuz. O povo achava que ela usava semelhante chapéu para esconder orelhas feias.

O rei Jaime da Inglaterra introduziu a moda da barba em ponta, porque tinha o queixo reentrante. E as barbas á Van Dyck num momento se tornaram populares.

Mas por que será que o povo sempre copiou as modas que ajeitavam melhor os feiosos? De acordo com os psicólogos, tal mimetismo é chamado "imitação reverente." Os cortesãos prestavam aos reis e ás rainhas o mais alto cumprimento quando lhes copiavam os modelos régios.

A lista das criaturas feias que fizeram a fortuna de um estilo é muito longa para caber aqui, embora algumas vezes uma tinda figura feminina tenha imposto igualmente a sua moda. Mas geralmente as belidades se satisfaziam com o prestigio da sua beleza e se limitavam a usar as modas lançadas por outras.

A imperatriz Eugenia serve de exemplo. Quando a rainha Vittoria adotou a crinolina, tão favorável ás

Para as Festas de Natal

Artigos finos para cavalheiro de bom gosto.



mães gestantes, Eugenia também a adotou. Porém a crinolina ficava deliciosa nessa imperatriz.

Ela usava crinolinas dos tecidos mais leves e quando viajou para passar duas semanas longe do país, assistindo á abertura do Canal de Suez, levou consigo duzentos vestidos, a maior parte deles compostos de crinolinas.

"Sinais de beleza" gozaram outrora duma voga imensa. Foi porque a mulher de Jorge II tinha uma sarda na face. Ela a cobria com um pequeno disco de feltro negro aderente — e em breve todas as elegantes, reverentemente imitadoras, usavam estrelinhas negras á moda de sinais.

O kaiser Guilherme II tinha um braço atrofiado, que nunca se desenvolveu bastante. Ele usava um bas-

tao porque parecia dar-lhe ao braço o devido comprimento. Espadins, chicotinhos, qualquer coisa de se trazer nas mãos tornaram-se muito populares na corte da Alemanha.

E o pó para os cabelos entrou em moda pela primeira vez na corte francesa, porque o rei estava ficando grisalho e detestava semelhante coisa. Seus cortesãos o consolaram, fazendo-lhe companhia.

Carlos o Temerario, na França medieval, era muito baixo. Usava saltos altos, para lhe darem uma estatura mais real. Em pouco, todos os cortesãos, em Veneza, usavam também saltos, como o prova uma tela antiga. A mulher de Carlos, a rainha Isabela, era também baixinha. Usava o que se chamava então chapéu de canudo ou toucado. O toucado tornou-se cada vez mais alto. Os livros de historia contam que, afinal, foi preciso, muitas vezes, pôr abaixo o topo dum portão de castelo para que a dama, com o seu toucado ou o seu chapéu de canudo, pudesse passar.

Os homens gastavam mais dinheiro em roupas, no passado, do que as senhoras. Francisco I tinha 300.000 francos por ano, para despendar com o seu guarda-roupa, e dava á rainha apenas 7.000 francos para o mesmo fim.

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA
FLEUR DE ROSE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

CONTEMPLAÇÃO

Só a mulher sadia pode ter estes momentos de enlevo, para gozar, na serenidade física e moral, os momentos de prazer que a vida lhe dá. OVARIUTERAN — á base de harmonio feminino — transforma a vida da mulher num manso lago azul de tranquilidade.

OVARIUTERAN

Um produto ★ Raul Leite ★

Apesar de ser a romancista mais conhecida do Canadá, como dizia há pouco num brilhante ensaio sobre a literatura de seu país o primeiro ministro canadense no Brasil, sr. Jean Désy, poucos terão lido certamente alguma coisa dessa escritora, entre nós.

A obra literária de Mazo de la Roche compõe-se principalmente da História de Jalna, série de 8 romances, romance-rio, por conseguinte, contando a crônica movimentadíssima e apaixonante da fa-

mília Whiteoak, verdadeira tribo de ingleses transplantados para o Canadá e lá desabrochados em três gerações de enamorados da terra, turbulentos e ardentes, dos quais são figuras inesquecíveis a velha avó, Adelina e o jovem Renny.

Estas páginas, com que se fecha o volume intitulado A Herança de Whiteoak, a aparecer brevemente na primeira tradução brasileira, a cargo de Herman Lima, serve bem de amostra dos altos dotes de emoção e de fabulação de miss de la Roche.

Encontros

(Cenas do Canadá)

CHRIS estava esperando perto do portão, quando Renny apareceu, guiando um dos trenós da fazenda, puxado por um vigoroso animal. Vendo o portão aberto, o cavalo determinou passar por ele, sem parar.

Pare! — gritou Renny, apertando as rédeas.

O animal, forçado a uma parada, ficou dançando pesadamente na neve, o pescoço roliço arqueado em receio fictício da árvore que Chris mantinha em pé. Era uma árvore de Natal. Um pouco maior do que ela, as raízes enroladas num saco, os ramos frondosos e espalhados, diminuindo progressivamente para o alto, numa verdadeira cúspide. Chris estava com a cabeça descoberta e, com o corte medieval dos cabelos louros e o jersey e as calças de montar escuras, compunha um quadro atraente contra a paisagem nevada. Seu rosto era também atraente, com seu ar de fragilidade e resistência, experiência e pureza. Renny olhou para ela e para a árvore, sem falar.

— Esta servirá? — perguntou ela.

— E' uma beleza. — Agora seus olhos pousavam dentro dos dela. Estava dividido entre o desejo de lhe dizer que devia ir embora.

— Eu mesma escolhi. Não sei por que, não pude conformar-me em cortá-la. Fiz os homens arrancarem as raízes e tudo o mais. Agora, se Pheasant gostar, pode plantá-la de novo e ela vingará.

— Que boa idéia. A garota vai adorar.

— Depois que Launceton morreu eu não posso suportar a idéia de matar nada que seja belo e jovem.

— Eu compreendo. — Ficou com os olhos nos seus. Disse:

— Você sabe o que estou fazendo, Kit? Estou compondo mentalmente um quadro com você — para guardar para sempre — justamente como você está agora. Você não tem idéia de como está adorável. Você é a pequena mais despida de vaidade que eu já conheci. Este retrato seu nunca me deixará — seja lá onde for que você estiver. E' qualquer coisa de simbólico.

Ela sorriu para ele.

— Renny, você tem sido precioso para mim. Se ao menos eu tivesse podido ajudá-lo a ganhar aquela corrida!

— Seria estupendo.

Ficaram olhando para o alto, por um momento, fascinados, fantasiando aquele sonho de vitória. Depois, com um suspiro doloroso, ele saltou do trenó e lhe tomou a árvore. Ela pulou para o assento a tempo de agarrar as rédeas e conter o animal.

— Pare aí, demônio! — disse sem emoção.

Renny depôs a árvore dentro do trenó. Observou:

— E' a única coisa de que eu não gosto em você, Kit. E' o hábito de dar nomes pesados ao cavalos.

— Não posso conter-me. Eles compreendem. Sabem que eu gosto deles.

— Lá veem Jim e Tod — exclamou Renny.

— Ele disse que Tod podia ficar com ele no estábulo. — Gritou para os dois que se aproximavam: — Que é que vocês veem fazer aqui?

Dayborn respondeu: — Você precisa tomar conta dele. Eu preciso sair, para ir com-

ARTIGOS FINOS
PARA PRESENTES

CASA CARRACENA
GOMES, CARRACENA & CIA.
9 — CARIOCA — 9

CRISTAIS,
PORCELANAS
ETC.

de Natal

por *Mazo de La Roche*

prar um par de botas. Meus pés estão saindo completamente por estas.

Tod sorriu para a mãe, escusando-se. Queria ficar com ela e todavia receiava que ela o recebesse como estava fazendo com Dayborn. Ela lhe deu uma palmadinha no rosto, com a mão magra e gretada.

Dayborn o colocou sobre a palha, ao lado da árvore. O garoto ficou radiante.

— Escolha um bom par de botinas, Jim — disse Renny. — Você tem que fazer uma longa viagem.

Dayborn olhou para ele sem compreender.

— Minha avó vai pagar suas passagens para a Inglaterra. Ela me disse isso pela manhã.

— Mas, por que... Dayborn apenas podia gaguejar.

Chris disse:

— Porém ela não deve fazer isso. E' demais.

— Ela quer fazer — disse Renny. — E' seu presente de Natal para vocês.

— Oh! que mulher ela é! Eu a adoro. Chris, ela não é esplêndida? — Passou os braços pelas costas de Chris, deu-lhe um abraço. Olhou por diante dela, para Renny com um ar possessivo. Um sorriso malicioso percorreu-lhe o rosto pequeno e irregular. — Eu não tenho estado cego, você sabe — dizia o sorriso.

Chris sacudiu as rédeas. Jake arrancou para diante. Dayborn ficou olhando para eles, ainda sorridente, depois voltou-se na direção da aldeia. A transição do amargo desapontamento era quasi excessiva para ele. Não podia ver claramente o caminho. O sol surgiu com um clarão cegante. Havia guisos nos arreios de Jake. Podia ouvi-los tilintando acima da neve.

Renny agachava-se entre a árvore e o menino, suportando ambos com as duas mãos. Grupos de neve dos cascos de Jake saltavam para trás, dentro do trenó. Uma neve linda, parecendo espuma, subia dos deslizadoros do trenó. Os guisos tinham uma tonalidade grave e melodiosa. Dominando-os, Renny disse:

— Você está realmente alegre, Kit?

Ela não respondeu. Depois voltou o rosto e olhou para ele, por cima do ombro. As lágrimas estavam-lhe correndo pelas faces. Desviou o rosto novamente. Nenhum dos dois falou. Tod olhava ainda para dentro da árvore. — Alto! Alto! — dizia.

Deixaram-no no trenó e passaram o pórtilho. Antes de tocar a campainha, Renny tirou o lenço e lhe enxugou o rosto.

— Por que é que você está chorando, meu querido coraçãozinho? — perguntou ele.

— Você sabe muito bem... Nós nunca mais nos veremos... Eu sinto aqui. — Pôs a mão no peito.

Pheasant tinha estado à espera deles. Abriu a porta.

— Oh, vocês trouxeram! — gritou extasiada. — Mauricio me disse que vocês iam trazer-me uma árvore. Ele foi à cidade e trouxe enfeites para ela. E uma coisa numa caixa que eu não devo abrir senão amanhã!

— Ainda bem — disse Renny sombriamente. Pôs-lhe nas mãos um embrulho.

— Aqui está uma coisa também que não deve ser aberta senão amanhã.

— Oh, que bom! E eu recebi um de Miss Pink. E Mrs. Clinch bordou para mim sandá-

JÓIALHERIA "A PORTUENSE"
(CASA FUNDADA EM 1915)

PRATAS PORTUGUESAS

VENDA NO VAREJO e ATACADO

Cangirão D. João V.

Candelabro D. João V.

Candieiro D. João V.

FILIGRANAS, JOIAS, RELOGIOS E GRANDE QUANTIDADE DE OBJETOS PARA PRESENTES DE NATAL

ALMERINDO GOMES IRMÃOS LTD.

MATRIZ: RUA URUGUAIANA, 133
FILIAL: " " 16

RIO DE JANEIRO.

Castiçal D. João V.

Castiçal D. João V.

Serviço de Chá.

lias de dormir. Que Natal! Mauricio em casa e uma árvore carregada de presentes!

Estava sózinha com a árvore. Era noite. Ficara acordada até mais tarde do que habitualmente e viera dar um último olhar à árvore, antes de dormir. A árvore subia, redonda, frondosa e confiada como se estivesse ainda no meio do bosque. Era uma maravilha pensar que não estava destinada a morrer. As raízes estavam ali e poderia ser plantada no chão outra vez. Haveria de conservá-la a vida toda. Quando tivesse seus filhos, haveria de mostrá-la, onde ela

se erguesse alta e solene, e dizer: "Foi minha primeira árvore de Natal, quando eu era criança". Provavelmente seria a última. Não acreditava que quisesse ter outra mais. A alegria que esta lhe dava era muito profunda, perturbadora demais. Doia-lhe.

Ela mesma fôra à cozinha apanhar o par de velhos candelabros de bronze que estavam na prateleira. Pusera velas e os colocara de cada lado da árvore. Agora os acendera.

Como as duas pequenas chamas pareciam sagradas! Subiam dentro da treva e lançavam um doce resplendor até na parte mais sombria da árvore. Os ramos rescendiam. Era como que a respiração do Natal.

ESPECIALISADA

ÓTICA CENTRAL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 9 - RIO

A Casa Granado premiou os seus auxiliares mais antigos

UMA LINDA FESTA REALIZADA EM SEUS LABORATORIOS



A CASA GRANADO realizou há pouco uma linda festa de cordialidade, que foi bem um elo a mais, ligando dirigentes e dirigidos numa encantadora comunhão afetiva.

Essa festa, idealizada pelos atuais Diretores daquela antiga e conceituada firma industrial-farmacêutica, Srs. comendador João Bernardo Coxito Granado, Armando R. Vieira de Castro e farmacêutico Otto Serpa Granado, teve por fim premiar vários de seus antigos auxiliares, com mais de 20 e 30 anos de bons e leais serviços prestados à firma, aos quais foram ofertadas medalhas de "vermel" e prata, tendo no anverso, magnificamente trabalhada, em alto relevo, a efigie do saudoso comendador José Antonio Coxito Granado, fundador da firma e seu dirigente por mais de meio século e, no verso, o emblema da CASA GRANADO, circulada pelas palavras "TRABALHO — PERSEVERANÇA — LEALDADE".

Para maior brilhantismo da solenidade que se realizou às 15 horas do dia 19 de novembro, compareceu pessoalmente o Prefeito do Distrito Federal, Dr. Henrique Dodsworth, que foi levar a manifestação do seu alto apreço a essa festa de solidariedade trabalhista.

Recebido pelo Diretor Presidente da Casa Granado, comendador João Bernardo Coxito Granado, pelo Diretor Gerente, Sr. Armando R. Vieira de Castro e pelo coronel Dr. Abelardo Alvim, Diretor dos Laboratórios, que apresentaram a S.Ex. o penhor de sua gratidão por tão distinto e fidalgo gesto.

Apresentando motivos de força maior, retirou-se pouco depois S. Ex., deixando seu Ajudante de Ordens, com a incumbência de representá-lo na solenidade.

SS.Exas. os Srs. Marcondes Filho, ministro do Trabalho, coronel Dr. Jesuino de Albuquerque, secretário de Saúde e Assistência, e Dr. Roberval Cordeiro de Farias, diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, também se fizeram representar.

Compareceram igualmente os Srs. Jordão Maurício Henriques, Consul Geral de Portugal, Pinto de Lemos, Consul Adjunto, João José Denis, Vice-Consul, e numerosos representantes das classes médica, droguita e farmacêutica.

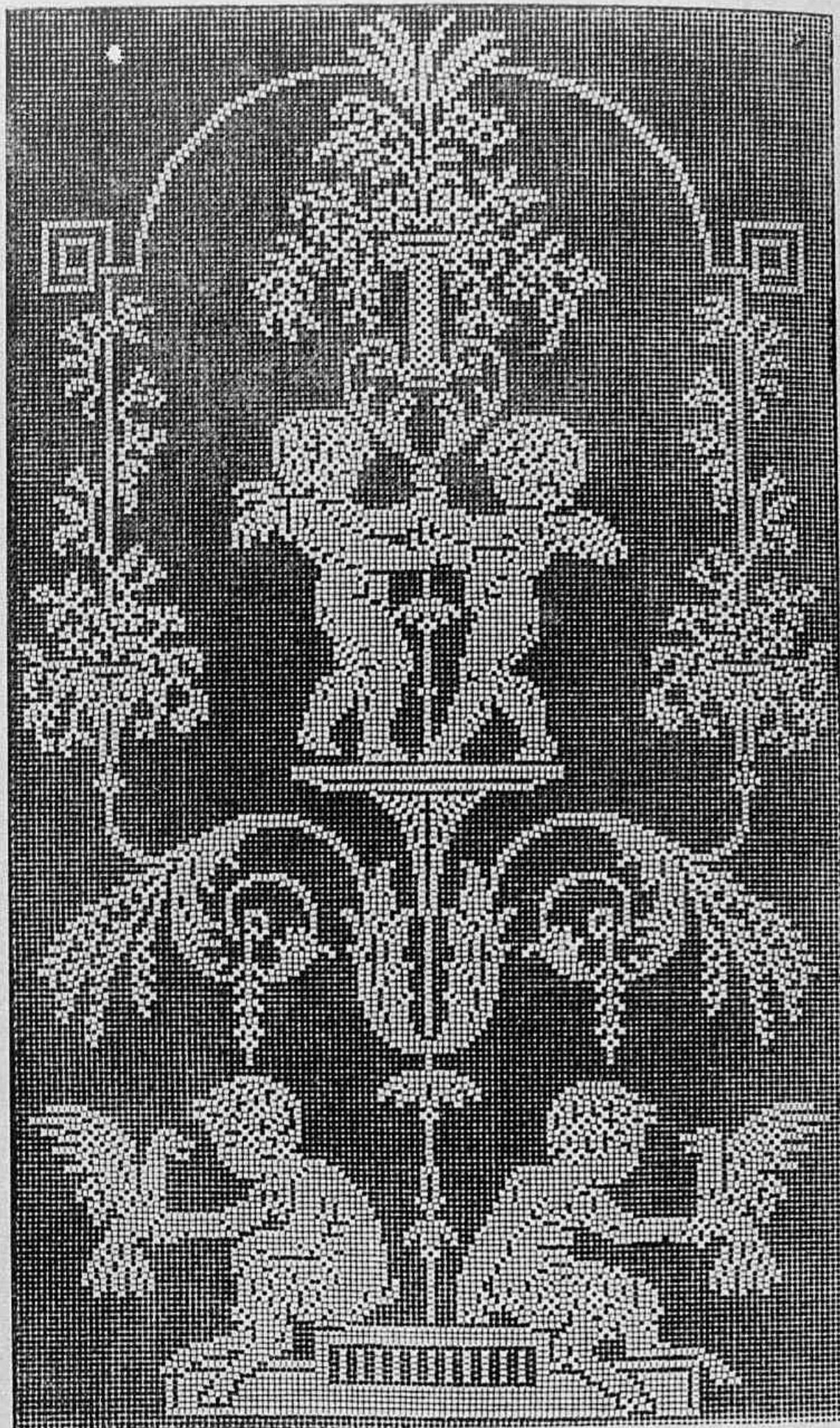
Iniciando a cerimônia falou o dr. Villemor Amaral, que disse dos motivos que a todos ali reuniam naquele instante de indizível emoção, em que recordavam com saudade a figura inolvidável de José Granado, homem dinâmico, enérgico, justiciero, mas de coração boníssimo, que metendo ombros à tarefa a que se obrigara em 1870 conseguiu legar à nossa Farmácia a grande Casa que conserva o seu nome e que é hoje uma das mais perfeitas organizações da indústria farmacêutica, não só do Brasil, como da América do Sul.

A seguir, o Sr. Armando R. Vieira de Castro fez a chamada dos 41 homenageados, iniciando-se então a entrega das medalhas entre demonstrações de jubilo e de incentivo da seleta assistência, após o que, em ligeiras palavras, homenageou o Comendador João Granado, atual Presidente da firma, salientando o inestimável concurso que vem dispensando à firma há mais de 66 anos.

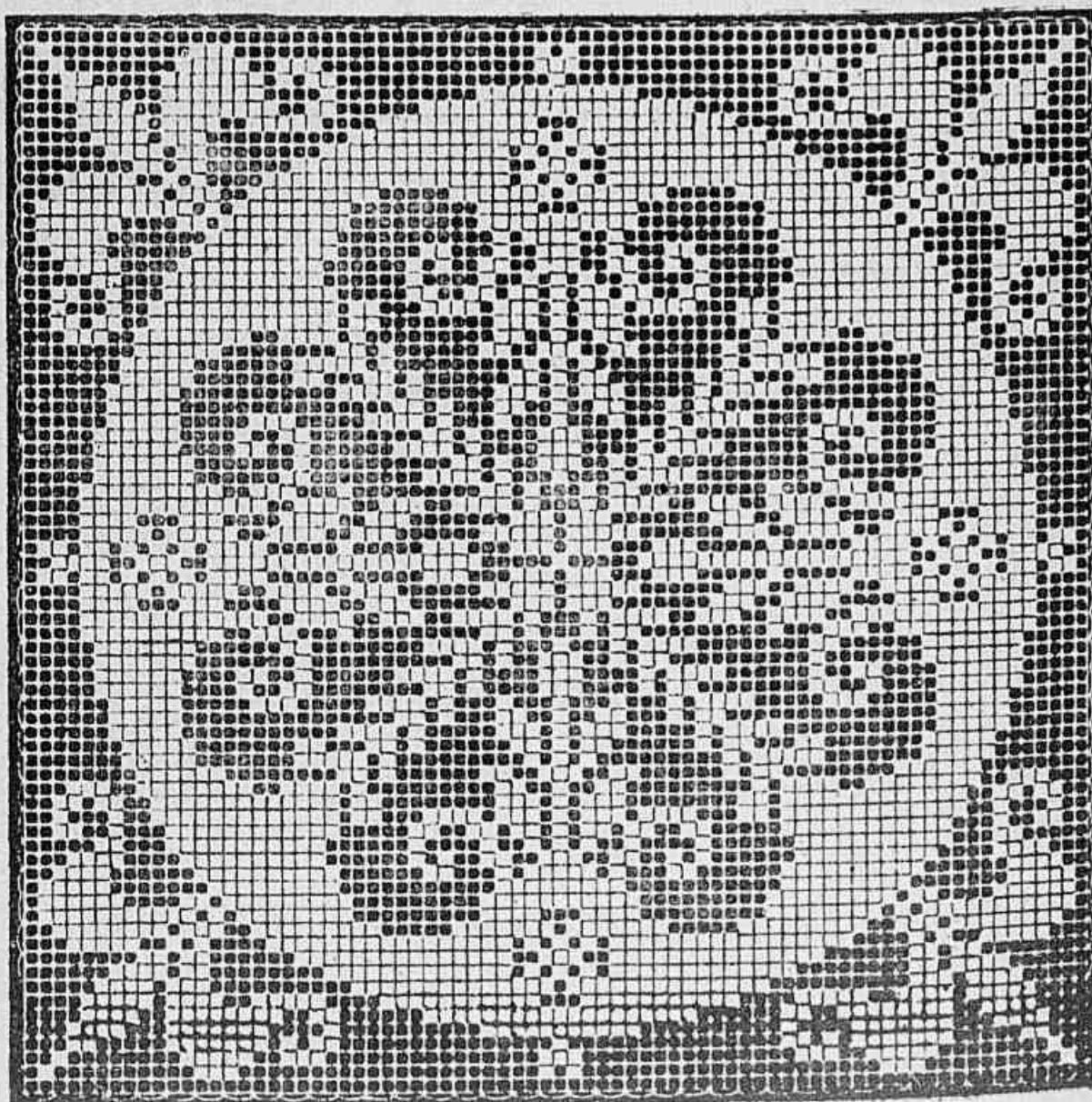
Aos auxiliares agraciados, juntamente com as medalhas e uma carta-diploma, foram entregues pelo Sr. João Granado e como lembrança sua, especial, um retrato e um donativo-gratificação de merecimento.

Encerrada a cerimônia, foi oferecido a todos os presentes um delicado serviço de doces. Foi uma festa de alta significação social, uma verdadeira consagração ao trabalho, que deixou saudades a todos que tiveram a felicidade de assistir-lhe.

TRABALHOS EM MALHAS



Oferecemos nesta página aos nossos leitores uma cortina completa com lindas figuras artísticas e dois quadros de muitas aplicações. As pessoas afeitas aos trabalhos em malha temos certeza de que saberão apreciar a finura e beleza destes trabalhos.



Souto
RIO
FERREIRA SOUTO S/A

É O CALÇADO QUE
ACOMPANHA
O RITMO DA
VIDA MODERNA

A VENDA NA
CAPITAL E
NOS ESTADOS

MODELOS INFANTIS

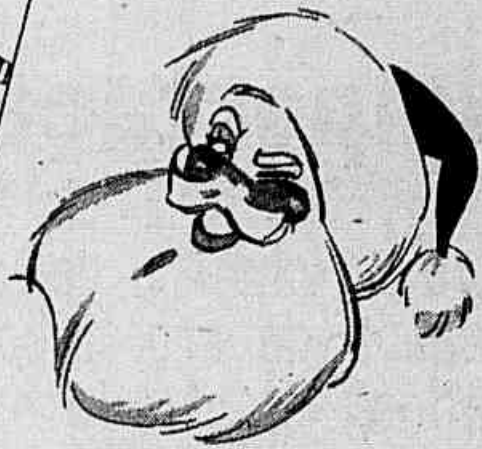


Os pequeninos precisam agora de vestidinhos e roupinha leves, de acordo com o verão. Nossas leitoras poderão escolher aqui alguns bonitos modelos para crianças até seis ou sete anos.



Com a aproximação das festas de fim de ano torna-se obrigatoria às mães uma visita à NOTRE DAME.

Para bem vestir as crianças exige-se uma arte especial, que saiba por em relevo a graça peculiar a cada idade. A NOTRE DAME dispõe de artistas especializados para tal fim.



PAPAI NOEL RECOMENDA:

Dê aos seus filhinhos presentes úteis em vez de presentes fúteis.

Roupinhas para meninos
Vestidinhos para meninas
Enxovais completos para bebês



Para vestir os seus filhos com verdadeira elegância visite a NOTRE DAME DE PARIS.

NOTRE DAME
de Paris

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO — OUVIDOR, 182

Carlos D. Fernandes

Carlos Dias Fernandes foi um nome que encheu as crônicas literárias do Norte do Brasil com um tumulto e uma turbulência cuja ressonância por muito tempo repercutiu a fundo nas rodas do Rio.

Poeta, filiado ao grupo de Cruz e Souza, Castro Meneses, Saturnino Meirelles, Mauricio Jobim e outros maiores do simbolismo nacional, publicou diversos livros de muito relevo nas letras da época, especialmente CANÇÃO DE VESTA, MIRIAM, SOLAUS e PALMA DE ACANTOS.

Na prosa, deixou o famoso romance realista RENEGADA, que lhe valeu um posto de grande renome, pela ousadia do tema, a que o tempo haveria de esbater contudo a maior parte da aura de sensação e CANGACEIROS, estudo de costumes regionais da Paraíba, seu Estado natal, livro no qual se encontram talvez suas melhores páginas de narrador, pela fiel observação dos



aspectos e das reações da sua terra e da sua gente e de que damos adeante o primeiro capítulo, bem vivo e dum estilo agil e quente.

Mas, acima de tudo, Carlos Dias Fernandes foi jornalista, não somente na imprensa da Paraíba, onde dirigiu por muito tempo o conhecido jornal A UNIÃO, como em Recife, no Pará e no Rio, tendo, igualmente, naquelas duas capitais do norte dirigido respectivamente o PERNAMBUCO e a PROVÍNCIA DO PARÁ, este último em companhia de Alves de Souza e Humberto de Campos.

No Rio, trabalhou por muitos anos como redator e crítico de O PAIZ.

Além de escritor de grandes meritos, Carlos Dias Fernandes era um curioso tipo de homem, panteista, esportivo, amoroso das ondas e das galopadas violentas, gostando da boa prosa e da boa mesa, fiel às belas coisas do espírito e do corpo, como um discípulo ardente de Epicuro.

No fim desses dois anos estivais, quando ainda o sertão reverdecia, fertilizado pelo inverno muito longo, os vaqueiros das cercanias reuniram-se festivamente na fazenda do Catolé, às margens do Pajehú. Tratava-se da apartação do gado solto no campo, e cuja posse devia ser legitimada. Era a festa tradicional dos sertões, como as Olimpíadas na Grécia.

O velho Zuza era quem mais se aprestava para o torneio atlético, ajustando o seu lombilho de campo, provando as perneiras novas, polindo as esporas de aço, e engraxando com uma bola de cêbo a corda entretecida de couro cru, que servia para laçar os potros bravos e os barbatões selvagens.

Depois de mungir as vacas em companhia do Minervino, seu filho unico, o sertanejo alvoroçado montava o seu *Corta-vento*, que era um lindo rosilho, desbarrigado, de membros delgados e pequenas orelhas, indícios clássicos de resistência e velocidade, e descia para a manga, onde pastavam os animais chucros, apartados do bando. Ali, entretinha-se numa lenta observação dos potros em liberdade, que fugiam assustados, fitando as orelhas e bufando pelas narinas, quando o velho se aproximava.

Zuza, de cócaras á sombra de uma jurema, entupia de tabaco o cachimbo de barro, e tirando densas bafaradas, entrava a monologar: — Aquele cardão, dos cabos pretos... um bonito cavalo! Mas bebe-em-branco e será manhoso como uma cobra. Aquele lazão é bem encascado mas tem a frente aberta e é argel; mas, como diz a regra:

“Cavalo lazão,
“Freio no braço, sela na mão.

“Eu, se fosse para mim, escolhia aquele castanho. E’ um bicho ás direitas: meio de altura, boas canelas, cascária excelente. Póde ser que cavalos ardegos só os cardões e os russos do couro preto. Em todo o caso:

“Cavalo castanho escuro
“Pisa no mole, pisa no duro
“Carrega o dono seguro.

“Mas o rapaz tem perna, prefere os cavalos passarinhos. Filho de gato é gatinho... E assim ficava-se, nas vésperas da apartação, o velho Zuza do Pajehú, como um lagarto ao sol da manhã, nessas conjecturas hípicas a que se misturava o seu amor paterno, até que o Benedito, um moleque lustroso, de quinze anos, lhe vinha dizer por mandado da senhora:

— Meu padrinho, o almoço está na mesa.

Num sabado, á tarde, quando já haviam chegado todos os vaqueiros, o velho Zuza com eles, mais o filho dirigiram-se para o potreiro, afim de que o próprio Minervino escolhesse a “sua montada”.

O rapaz, que já completára dezoito anos, tinha olhos azuis, era alto e espadado, de quadris estreitos e pernas longas de quem muito se exercita na equitação. Vinha ladeado pelo Getulio e pelo Leonel, filhos do velho Chicó, que residiam na Floresta.

Trazia no hombro esquerdo o lombilho, a badana e a sobrecincha; no direito uma corda de couro com o anél de laçar e na dextra umas rédeas de sedenho e o rêlho do barbicacho. Os homens aproximavam-se do bando de cavalos, reunidos ao centro da manga por um grupo de vaqueiros. Formaram em torno um semicírculo e Zuza, adiantando-se com solenidade, tirou da cabeça o chapéu jalne de couro e o arremessou, num gesto largo, sobre os solípedes amedrontados, que romperam o círculo e partiram num galope nervoso e tumultuário, tropeçando nos seixos e focos do chão esburacado. A curta distancia pararam, nitrindo alarmadamente e dirigindo os olhares e atentando as orelhas para o ponto onde jazia, em destaque na verdura, o chapéu cróceo, que os fizera debandar numa fuga instintiva a perigo iminente. Agora, agrupam-se de novo e se aproximam cautelosos, do espantado, num intuito peffitamente racional de verificação, que dissipe o temor do bando inquieto. Um deles adianta-se, estirando o pescoço onde as crinas se destrançam, e dilata as ventas, numa perscrutação olfativa do suposto perigo. Avistinha-se do espantado, baixa o focinho resolutamente, fareja as bordas do chapéu e ergue alto a cabeça airosa, soltando uns relinchos curtos, de certeza adquirida. Os demais potros farejam também o lugar suspeito, e ouve-se um crepitar de mandíbulas raivosas, e um choque surdo de garupas entrechocadas, numa subita expansão da animalidade, contida antes para a defesa urgente dos interesses comuns. O mais bravo murcha as orelhas, escouceia os congêneres; e afastam-se de novo num trote curto, que faz zoar o terreno.

— Foi o tordilho, papai, o filho da Bolandera — gritou vitorioso o Minervino, agitando em círculo acima da cabeça a corda de laçar.

— Foi o tordilho!... exclamaram todos, num tom satisfeito e unânime de escolha deliberada.

Companhia de Propaganda, Administração e Comercio

PROPAC

Importação em Geral

Chapas pretas, chapas galvanizadas, cabos de aço, tubos galvanizados, electrodutos, barras, arame galvanizado e ferros em geral, produtos quimicos, etc.

Escritorio:

RUA GENERAL CAMARA, 62-1.º
Telefone 23-2101

Oficinas:

RUA BAMBINA, 36
Telefone: 26-6763

Automoveis, caminhões, refrigeradores, tratores, maquinas agricolas, material rodoviario, betoneiras, britadores, compressores de ar, escavadeiras, etc.

Salão de Exposição:

AVENIDA OSWALDO CRUZ, 95
Telefone 25-2307

Deposito:

Rua Camerino, 81
Telefone 43-7058

Endereço Telegrafico “PROPAC”
RIO DE JANEIRO.

Uma estrela do fim do Século

Cléo de Mérode

Por ALINA MOURAS

SEU nome era famoso no mundo inteiro. Tinha, sempre, no entanto, uma ressonância de zombaria e de escândalo.

Cléo de Mérode...

Quanto tempo transcorreu desde que ela triunfou na Farandula, numa peça de Dubois, mostrando a cabeça de linhas clássicas, o rosto entre ingênuo e malicioso, as pernas belas e ágeis? E sobretudo um penteado original, que se impôs imediatamente e difundiu por todo o mundo a sua linda figura. Paris...1900...Um mundo despreocupado, ao qual, no máximo, inquietavam um tanto os excessos de indumentária de Guilherme II ou a mais um atentado contra o presidente francês.

Cléo de Mérode! Sua imagem vinha em postais, gravuras, na capa de todas as revistas, nos rótulos de todos os produtos, nas caixas de fósforos. E sempre aquelas ondas de cabelos castanhos separados ao meio da linda cabeça, marcando o rosto com alguma coisa de adolescente.

Depois de seu primeiro triunfo, começaram as aventuras. As verdadeiras aventuras e outras, as espalhadas pelos cronistas de "boulevard".

Dizia-se que até então havia sido uma pequena séria, retraidíssima. Contudo, de repente, nem só se principiou a dizer que passeava pelos lugares mais concorridos com um dos soberanos mais famosos da Europa, como também a viram frequentemente nessa companhia, exibida por ele nos restaurantes noturnos e no esplendor luminoso das corridas de cavalos.

Cléo de Mérode... Quem tendo assistido ao brilhante despertar deste século não a recorda, associando-lhe o nome ao das melhores horas da vida de Paris, áqueles tempos da Exposição de 1900, que marcou o ritmo da alegria e da opulência nos que são hoje avós?

Naquê tempo, havia monarcas e também a favorita dum monarca era em todas as partes a estrela máxima. Em poucos dias, a rapariguinha saída das fileiras de bailarinas da Opera de Paris realizou uma formosa conquista. Poucas atrizes da sua época chegaram a tanto. Nem sequer as que tinham fama, ou as que a procuravam com toda espécie de excêntridades, desde a temerosa de se bater em duelo à macabra de passar as noites metida num ataúde.

Todavia...Também se disse que aquele rei, mais esperto do que se poderia presumir, através de sua galanteria palaciana, havia criado a lenda de seus amores com a estrela parisiense para dissimular complicados manejos diplomáticos. Isso, aliás, não importava muito a Cléo de Mérode, que desfrutava aquela fama e contava com a ajuda e a devoção do rei, sem motivos para se lamentar da sorte.

Tratava-se de um monarca de idade, elegante, de longas barbas. Era galante, gentil, escandaloso e despreocupado. Em roda de intimos, assegurava que seu povo não precisava vê-lo todos os dias nem havia motivos para estar sempre no seu país, pois para isso se havia incomodado — declarava — permitindo que sua efígie barbada e agaloada andasse por todos os valores postais e corresse mundo, por conseguinte, em todas as cartas.

Tratava-se de Leopoldo II da Bélgica, que sabia o que fazia e, entre garrafas de champagne, desenvolvidas em todos os cafés elegantes de Paris, ia encontrando a maneira de dar a seu país uma expansão colonial digna de um império.

Parece que, ao mesmo tempo que Leopoldo, outro personagem, tão pitoresco embora não de tanta importância, assediou a bela Cléo de Mérode. Era Jacques Lebaudy, que se fazia chamar, com seriedade burlesca, Guilherme Iº, imperador do Saúra. Não se sabe se Jacques enlouqueceu de amor por Cléo,

ou se, de loucura, se enamorou por ela. O certo é que começou a intrigar e armar escândalos, não sómente assediando a bailarina, porém fazendo declarações públicas contra o rei da Bélgica, acusando-o de não se atrever a dar seu nome a Cléo, ao passo que ele o que desejava era convertê-la em imperatriz das Arcias. De qualquer maneira, suas insistências não tiveram eco; parece que a polícia francesa teve de intervir, e afinal, mudando de ilusão amorosa, o aspirante a imperador se apaixonou por outra beldade, a que, acidentalmente, matou com um tiro, numa caçada, em 1905.

Cléo de Mérode prosseguiu. Esteve em Londres, Berlim, Viena. Continuou a apaixonar príncipes e milionários; porém acima de tudo se dedicou à sua

arte. Em Viena, o empresário Barão descobriu que ela não era de origem francesa, porém magiar. Tentou aproveitar-se dessa descoberta, mas perdeu um pleito, que intentou e teve que dar uma forte indenização a Cléo de Mérode. Esta, apesar de tudo, era muito atenta com o seu dinheiro e com o seu guarda-roupa, a ponto de lavar ela própria suas roupas, embora morando nos hotéis mais luxuosos.

Como foi então que esta pequena, que ganhou tanto dinheiro e recebeu tantos presentes se achou na miséria? Como foi que teve de abandonar seu palácio de Veneza? Porque acabaria, em 1933, exibindo-se num barracão de feira?

Um enigma, o de sempre, no ocaso dessas alouçadas e falazes existências...



Só Palmolive é feito com os azeites de oliva e de palma... os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis

O calor irrita e resseca a pele, — torna-a murcha e envelhecida. Refresque a cutis de todo o seu corpo e proteja-a contra irritações banhando-se com Palmolive! Isso fazem as mulheres lindas em 72 países do mundo, além do Brasil.

Palmolive tem uma espuma diferente porque é o único sabonete feito com os balsâ-

micos azeites de oliva e de palma. A sua espuma-creme embelezadora penetra profundamente nos poros e deixa a pele de todo o corpo macia, suave e juvenil... Por isso é recomendado por 20.173 especialistas em beleza.

O perfume discreto de Palmolive dá um cheiro a limpo... e beleza!

Já experimentou o Palmolive Gigante? Muito maior, mais econômico e mais duradouro!





Presentes
para as festas
Sortimento inigualável
Joalheria
a nacional
av. rio branco, 126 — rio.



MOVEIS
TAPETES
TECIDOS
CASA **ANGLO-BRASILEIRA**
SUCESSORA DE
MAPPIN STORES
PR. Δ. Δ. BOTAFOGO 360 TEL. 364015

O BRASIL FABRICA O
MELHOR CALÇADO DO MUNDO, A

Insinuante

VENDE O MELHOR CALÇADO
DO BRASIL

A SAPATARIA
MAIS QUERIDA DA
CIDADE

48-CARIOCA-48

Noite de Natal na Suécia

Por MAURICE DEKOBRA

FOI para completar as recordações escandinavas de outrora que eu quis rever, sob a neve, não a Suécia oficial de Estocolmo, nem a Suécia turística do sul, mas o coração da Suécia, quero dizer — o Vermland e a Dalecarlia. O Vermland é a abençoada terra das lendas, e a Dalecarlia o berço pátrio sobre o qual planam as grandes sombras do rei Gosta e de Gustavo Vasa.

Fiz também uma peregrinação no Vermland para homenagear o talento duma maravilhosa romancista sueca, Selma Lagerlof. Quem leu sua "Lenda de Gosta Berling" não pode escapar à nostalgia profunda que deixa na alma esta magnífica e pitoresca evocação duma época rica em aventuras romanescas e em histórias em que se misturam religião e libertinagem.

Parto para Silijansborg. O trenó entra na floresta silenciosa. Corvos grasnam acima dos ramos dos pinheiros. Os caminhos, com a neve ainda virgem da marca de passos, perdem-se nas ribanceiras. E este silêncio convida à meditação. E, quando se medita em Dalecarlia, não se pode deixar de ficar impressionado pela sobrevivência do espírito religioso nestas paragens. A vida solitária durante os longos meses de inverno convida os cérebros mais rudes a meditar sobre o destino humano; as superstições do paganismo deixaram um cunho indelevel; o gosto das sagas e das histórias fantásticas puseram também nas almas o amor a Deus e o receio do Demônio. Naquela noite, puseram na sala de jantar do hotel uma grande árvore de Natal. Cada mesa tem obrigatoriamente uma tulipa, um castiçal com velas vermelhas e um pequeno *tomté*, anãozinho de barbas brancas, vestido de vermelho e com tamancos, encarregado neste dia, de levar a felicidade a todos os lares. O *tomté* é, em suma, antítese do *troll*, o anão malfazejo que ronda nas florestas, onde espera as belas jovens para seduzi-las e sequestrá-las no seu castelo fantástico.

Na noite do "réveillon", cada um se serve na mesa central, imensa, enfeitada com galhos de pinheiro, coberta de vitualhas, entre as quais domina a indispensável cabeça de porco enfeitada com guirlandas de banha rósea e verde.

Antes de se servir os hóspedes, em fila, passam pela cozinha e executam a cerimônia do *doppa i grytan*, que consiste em mergulhar, no caldeirão onde foi cozido o presunto de Natal, um pedaço de pão cortado para este fim.

Fóra, a neve cai. Dentro, os votos de *God Jul* (Feliz Natal) vão de mesa em mesa.

Quando termina a ceia, todos os hóspedes vão para o salão iluminado por cem velas. As dansas começam, ao som de uma velha melodia de roda infantil, tocada por dois músicos de Rattvik, a farândola dominando homens respeitáveis, senhoras idosas, crianças.

Mas, de repente, os jovens gritam:

— Fox-trot!...

E os ritmos novayorkinos triunfam das músicas encantadoras e seculares que fizeram dansar outrora tantos pequenos Vikings...

Sôa, enfim, a hora do *glogg*... Tal como os Peles-Vermelhas em volta do missionário que vão assar, reunimo-nos todos em volta dum vasto caldeirão de cobre, contendo uma dezena de litros de *snaps* quente, amêndoas torradas, passas de Corinto e cravos da Índia. Por cima do caldeirão, um pão de açúcar ergue-se sobre uma grelha. Regam o cone de açúcar com *snaps*, apagam-se as luzes e põe-se fogo no *snaps*, molhando-se o açúcar até que derreta. As chamas iluminam com reflexos sabáticos os rostos em volta. As crianças saltam de alegria. Mas não beberão o *glogg*; contentar-se-ão em ver seus pais apreciar entre dois *skols* esta forte bebida.

Os músicos tocam de novo músicas antigas. Alegria de antanho. E' preciso dansar até às três horas da manhã, porque será o momento de ir para a missa de Natal, celebrada com grande pompa na igreja vizinha.

As três horas e um quarto veem prevenir-nos:

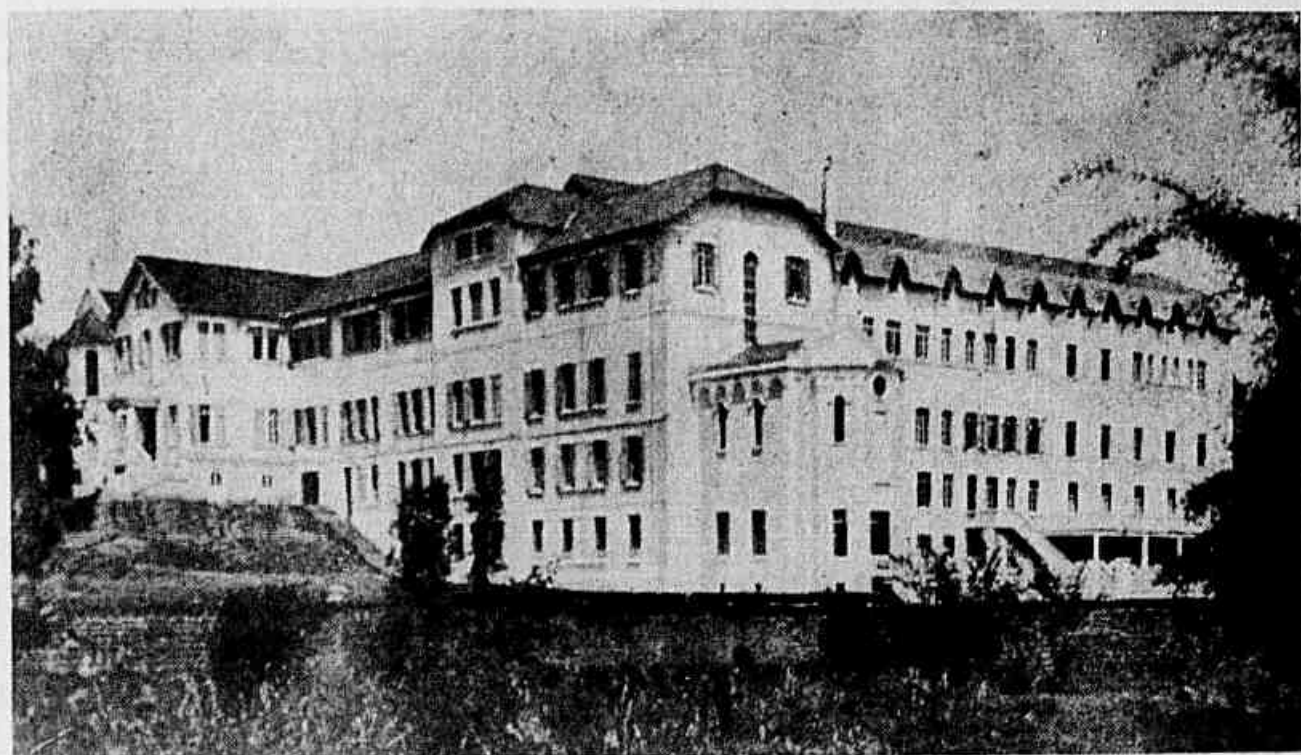
— Os trenós partirão daqui a dez minutos.

Corrida para os quartos. *Smokings*, casacas, vestidos para a noite serão substituídos por *sweaters*, *chandails*, peles, grossos sapatos e bonés de astrakan. Ouve-se um relinchar de impaciência no pátio. Trenós com peles de urso e cobertas listadas de vermelho e verde enchem-se. Dois casais por trenó, dois casais sentados vis-a-vis, pés contra pés. Acendem-se os archotes feitos de madeira resinosa. Dão o sinal de partida e o cortejo dos vinte e seis trenós arremete para a floresta. Espetáculo curioso... Procissão alucinante...

Através das árvores, na estrada de Mora, um cortejo igual ao nosso avança à luz das tochas. Para Leste, outra procissão surge, com as suas luzes vacilantes. Dir-se-ia serpentes de luz que rastejam através do campo branco e procurando ganhar rapidez para atingir com seus fogos diabólicos a velha igreja campesina.

Atingimos as primeiras casas da vila. Todos os chalés estão iluminados.

GINASIO DE SANTO ANTONIO



Vista parcial da fachada principal do Ginásio de Santo Antonio.

(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932)

S. JOÃO DEL-REI == MINAS

DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES

O Estabelecimento mantém cursos primário (*só para o internato*), de admissão e secundário fundamental. Requereu ao Ministro de Educação o título de "colégio".

PREÇOS PARA O INTERNATO

Cursos primário e de admissão, por ano.....	CR\$1.800,00
Curso secundário fundamental, por ano.....	CR\$2.100,00

Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.

O Estabelecimento possui amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.

Para as horas de recreio há uma piscina olímpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo auditorium com cinema sonoro.

Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

Há três semanas que nas casas dos ricos como nas dos pobres se preparam todos para festejar esta noite. Cozinharam os presuntos: tiraram o sal do bacalhau; enfeitaram as salas de jantar e mesmo as cozinhas; junto à árvore de Natal, estão colocados os presentes para os avós, assim como para os criados, todos recebidos com a mesma alegria das mãos do dono da casa.

Chegamos enfim à igreja. Um verdadeiro caos de trenós e automóveis com os pneus rodeados por correntes. O serviço divino começará somente às quatro da manhã, mas todos os bancos já estão ocupados. Os camponeses se comprimem em toda parte. Mas, infelizmente, com vestuários modernos. Ali também o culto do antigo vestuário tende a desaparecer. Há vinte anos, todas essas dalecardianas, de faces rosadas, de cabelos de um louro tão claro e de olhos cândidos, teriam vindo com suas toucas de lã azul tendo de cada lado pequenas bolas vermelhas, avental vermelho e verde, lenço branco amarrado no pescoço e sacola presa de um lado. Costumes tão pitorescos!



Casa
MUNDIAL
I. S. TABOADA
malas
ARTEFACTOS DE COURO
- JOGOS -

RUA CARIÓCA, 63 TEL. 22-2948 RIO

PAPELARIA ALEXANDRE RIBEIRO LTDA.

1884 - Casa fundada em 1884
164, RUA DO OUVIDOR, 164

FORNECEDORES PARA TODO O BRASIL DE PAPEIS
E ARTIGOS DE ESCRITORIO.

ESPECIALISTAS EM IMPRESSÕES DE LUXO

ARTIGOS PARA PRESENTES

CANETAS TINTEIRO DOS MELHORES FABRICANTES

PERGAMINHOS LEGITIMOS PARA DIPLOMAS

Secção de atacado e oficinas:

RUA DO LIVRAMENTO, 106 - Ed. proprio - 43-5307

Adriano Ramos Pinto & Irmão Ltda.

agradecem a preferencia dada aos seus vinhos e desejam a todos os seus amigos Felicidades e Prosperidades no ano de 1943



ESPORTES

O racionamento de gasolina para automóvel tem chamado atenção para outras maneiras de praticar o aproveitamento do campo. Paralelamente vai-se processando uma adaptação da roupa para Week-end. Nesta página damos algumas das sugestões mais aceitas no ultimo verão nos Estados Unidos.



A PROPRIA MAÇÃ DE EVA NÃO TENTARIA MAIS DO QUE ESTES DENTES!

Para ter dentes fortes e bellos assim, visite o seu dentista duas vezes por anno e escove os dentes com ODOL tres vezes ao dia. Esses preceitos de hygiene, tão simples de observar, serão uma garantia para a proteção de sua bocca: o dentista, evitando a tempo o trabalho destruidor da carie e ODOL, conservando os dentes sempre alvos e brilhantes.

ODOL é encontrado em tubos, como pasta, e em liquido proprio para bochechos e gargarejos. Use, também, a escova ODOL. Sua conformação especial facilita a perfeita limpeza dos dentes.



Odol

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

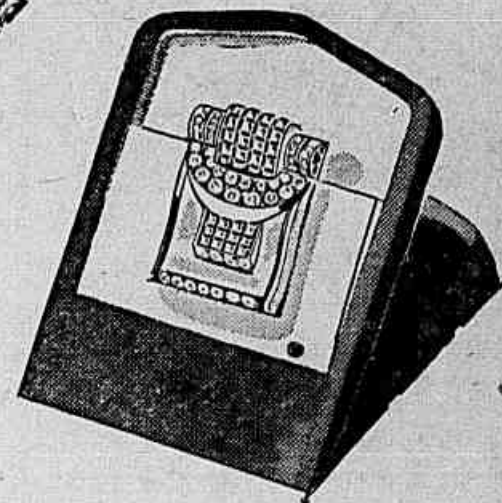
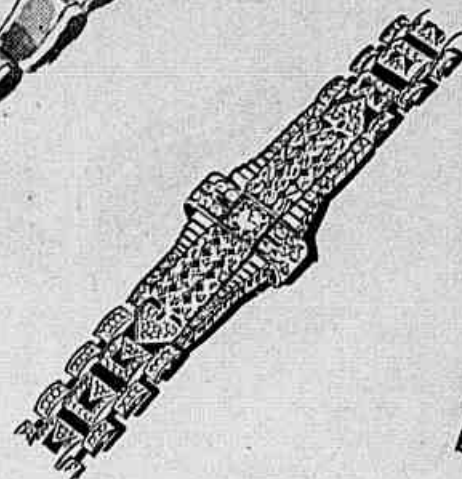
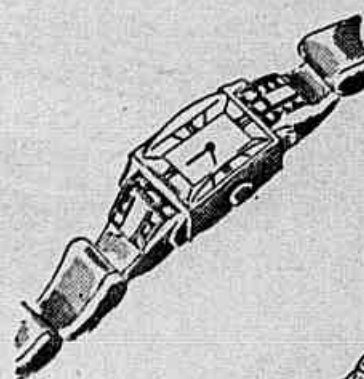
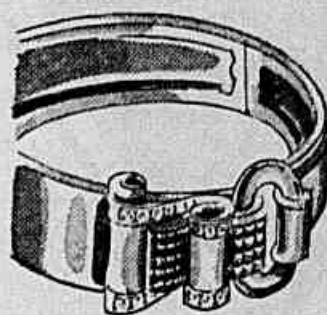


Penteados
Dois modos originais de pentear seus cabelos. Qual lhe ficará melhor?



Jóias cintilantes

NAS noites deslumbrantes de festa, a passeio ou em qualquer reunião social, a joia completa de modo harmonioso, a elegância feminina. Si deseja realçar ainda mais o seu encanto pessoal, procure nas riquíssimas e variadas coleções de Mappin & Webb, a joia que melhor se ajuste à sua personalidade e ao seu temperamento artístico. As jóias de Mappin & Webb, de grande beleza e alta perfeição, são criações exclusivas de artistas de fama mundial.



*Sirva-se onde a Casa
Real Inglesa é servida!*

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 100 — RIO DE JANEIRO
Londres — Buenos Aires — Johannesburg — Bombay

O D E U S -

QUANDO aos Domingos, aquele grupo passava, em alvoroço, a caminho da alameda, os rapazes sempre paravam diante da casa da senhora Júlia para convidar a sua protegida a juntar-se com eles; a rapariga, assomava-se à janela e dizia-lhes, com um olhar plácido de quem não renunciava a um prazer por alheia vontade ou despeito:

— Não, vocês bem sabem que não vou. Em todo o caso, agradeço-lhes muito.

Logo que a porta se fechava e o grupo prosseguia, suaves e malévolas vozes comentavam:

— E' uma orgulhosa! Parece que se deshonra com a nossa companhia...

— Talvez tenha o orgulho de não saber quem seja o pai ou a mãe!

— E vocês, sabendo que ela vos despreza nunca se esquecem de a convidar... Os homens são todos assim!

Entretanto, Maria ia sentar-se junto à janela do celeiro, porque dali se divizava a

campina, ouvindo ao mesmo tempo, confundidas com a algazarra da festa ou com o rumor do vento nas árvores, as melodias campestres, que eram como asas que transportassem para longe a sua pobre alma através quimeras brumosas. Tudo era névoa na sua memória; se o seu espírito, ansioso de certezas, não depa-rasse com um muro de segredos entre a adolescência e a infância, não se deixaria levar pelo vaivem dos sonhos e pela ilusão de que se havia de dar qualquer acontecimento que justificasse aquela repugnância pela rusticidade campestre; mas até onde lhe chegava a memória, sempre via a mesma casa, um pouco seca e um pouco estranha, o mesmo carinho adusto da sra. Júlia, e, detrás, imagens inacessíveis

que, por vezes, pareciam ir revelar-se pelo reagente da vontade... arrependendo-se, de súbito, afastando-se, até desaparecerem implacavelmente na sombra... A própria precisão da resposta às suas perguntas fazia-a duvidar mais ainda. Não; não a foram buscar à Roda; e, se assim foi, quem a levaria para ali? Por que não se lhe contagiaria a resignação simples da aldeia, os seus gostos ou o seu espesso senso prático?... E assim chegou a depositar-se no fundo da gratidão pela protetora um sedimento de discórdância.

Vivêra, desde criança, uma vida quimérica contra a realidade. Não cuidava do rôsto, agraciado, apenas, pelo florescer da juventude e, em compensação, trabalhava, com luvas nos afazeres domésticos para preservar as mãos afiladas e pálidas de clorótica, símbolos de raça, como ela lhes chamava. Quisera, para dar um firme apoio aos seus sonhos, cultivar, pela leitura, a inteligência; mas só havia em casa um "Novo Testamento" e vários folhetins; e, nas alternativas da leitura, punha, entre episódio e episódio, intervalos de exaltação: "Oh, sim; aquela sua vida era o fruto dum mistério; aquela repugnância por toda a sua existência conhecida tinha alguma razão oculta!" Ao menor choque com o extraordinário saltavam-lhe chispas da alma, como as chispas duma pederneira. E eram estéreis as convenções, as mofas: Quando chamavam à porta, quando alguma carta chegava, ficava quasi sem alento, torturada por uma esperança absurda, violenta, deliciosa.

E aquele acontecimento tão pressentido chegou, por fim: veio, pela mesma alameda onde se bailavam as danças, numa clara manhã de Agosto. Aquela aldeia sempre esquecida nos mapas, teve, de súbito, a consciência de que fazia parte da Pátria, na mesma forma adversa com que se costuma revelar às crianças a sua própria existência. E viu passar tropas na direção da fronteira, entre as quais se incorporaram os seus próprios filhos; e também viu o regresso dos seus defensores para se internarem no país, já sem ritmo nem vee-mência, rostos sombrios, corpos vergados ao pêso da derrota, deixando-o desamparado à mercê do invasor, cuja massa salpicada de terríveis reflexos, ondulava pelos vales, espreitava nos cumes, estirava-se como uma serpente, para melhor avançar pelos caminhos. E, quando dêle se assenhoreou, sequestrando-o à vida nacional, compartilhou com outras desventuradas povoações uma vida de vexames e sobressaltos; o optimismo ou o desespero levavam os seus rumores de casa em casa, se palavras, quasi, graças a essa eficácia da dissimulação, gerada pela tirania. Pessoas que quasi não se cumprimentavam antes, não deixavam agora de se apertar a mão, quando se encontravam, e de sorrir para a mesma esperança. Contribuições, levar, fusilamentos, nada se omitiu; não só tiveram que albergar os déspotas como também que ocultar as mágoas. "E' a guerra" diziam entre si, como se quisessem desculpar com esta frase tão curta e espantosa, aquela mansidão.

Na casa da sra. Júlia alojaram quatro dos invasores; não pareciam dos piores, e até — quando o tempo pôs o lenitivo do hábito sobre a usurpação — a Maria e a velha divizavam pontos claros nos seus caracteres. Assim se passou o inverno, cheio de frio e de sangue. Ao terminar Fevereiro circulavam notícias da próxima libertação e Março trouxe, por fim, a hora feliz de se verem novamente os soldados da terra... Mas na noite anterior à fuga, os inimigos saquearam, destruíram... Até os mais benignos se contagiaram do furor maligno. A cada casa correspondeu um drama escuro: na da sra. Júlia ficou o seu cadáver diante duma porta derrubada a machadadas, e atrás da porta o corpo de Maria mazelado, enodado e quasi sem alma.

Os olhos ficaram tão secos com o muito



DELICIOSO BISCOITO
TIPO "CREAM CRACKER".
EXCELENTE COM QUEIJO,
GELÉIA OU MANTEIGA

Biscoitos AYMORE

M E N I N O

De *A. Hernandez Catá*. Tradução de Novais Teixeira

sofrer que já não houve lágrimas para as últimas iniquidades. Os primeiros que entraram para a socorrer interrogaram-na com as vozes já fatigadas de tanta cólera:

— Estás ferida?! Mataram-na para a roubar? Fizeram-te alguma coisa?

E ela, com um obstinado rubor, só respondia à última pergunta.

— Não me fizeram nada, juro-o... Nada, nada!

A veemência das negativas ruborizava-lhe o rosto exangue; os vizinhos julgaram vê-la reanimada e foram auxiliar outras vítimas. Quando se viu só, Maria quis recolher pela última vez as imagens do seu passado, mas também não o conseguiu. Doíam-lhe os músculos, os ossos, o espírito; ainda sentiu nos lábios o fervor das súplicas; recordava os insultos, as invocações à mãe desconhecida para que lhe valesse no supremo transe...

O desbarato da guerra impediu-a de reivindicar o escasso pecúlio da protetora, e, quando os dias do sentimento passaram, a vida voltou a exigir o tributo do trabalho e a organizar-se a mutualidade dos esforços, teve que ajudar na casa onde a recolheram, primeiro nos lavores domésticos e depois nas fainas agrícolas. As pobres mãos deformaram-se-lhe e os tronco, inclinado para os sulcos, adubados com sangue, engrossou-se. A pouco e pouco, as palavras compassivas foram rareando; as outras raparigas vingaram-se do isolamento anterior, com um desdém cada vez mais obstinado. Que sucederia se ela dissesse a verdade! Não! Sofreria em silêncio, ainda que tivesse de sucumbir: ninguém havia de conhecer a sua afronta, pelo menos ali. De futuro, seria humilde, submissa; mas perante aqueles a quem pensou aparecer um dia como uma rainha a quem malignos poderes tivessem usurpado o trôno, não teve forças para mudar completamente. Já não podia ser nobre; sobre o seu escudo, fosse qual fosse, caíra uma infame mancha. Aquele tremor de maternidade, que uma noite sentiu, foi um último adeus à esperança; despediu-se dos sonhos e das mesquinhas realidades, agora tão agradáveis de recordar; disse adeus àquela terra, donde, lendo os velhos folhetins e o livro sagrado, levantara vôo a pobre alma também violada pelos guerreiros loiros... Era preferível a vicissitude do exodo à vergonha já dificilmente oculta. E uma noite, em vez de se deitar sobre o enxergão de esparto, juntou a roupa, reuniu as energias e lançou-se a caminho. Seus pés conheceram a dureza dos caminhos; a fome, as recusas; a sede de consolo, as palavras esquivas; os ouvidos, castos apesar do drama, propostas soezes. Uma vez trabalhava e outras ficava contemplativa, insensível, num estado tão parecido ao do idiotismo como ao do êxtase, o estrépito da guerra ia-se afastando. Já o outono arrastava pelas campinas os seus ventos impetuosos e a geada cintilava ao romper do sol. Como a sua concentração não a tornava simpática, a Maria mudava frequentemente de poiso, indo de terra em terra, cada vez para mais longe da sua, sem quasi se lembrar dela, não se preocupando se esta, por sua vez, notara a sua falta. E, no entanto, começava a não se sentir infeliz. Do ninho dos seus pensamentos, gretado pela desventura aquela ânsia de braços extinguiu-se; já olhava, sem melancolia, para as suas mãos de labrega, já não se importava para nada com a sua estirpe. Alguma coisa melhor havia do que ser descendente de nobres ou mesmo de reis! Como não o compreendera antes? Um mês mais e o filho abria os olhos ao mundo encharcado de crimes. A esperança era tão clara, tão imensa que não ousava acolhê-la senão por partes, receosa de cegar com tanta luz. Mas essas parcelas bastavam para encher o pre-

sente de consolação e para iluminar de felicidade o futuro. Que lhe importava a deshonra humana ou a fome perante aquela honra? Se sofrer era merecê-la, precisava de sofrer mais, muito mais ainda, até que só lhe ficasse o pouquinho de vida necessária para o dar ao mundo.

Quando passaram os primeiros dias de Dezembro, a Maria dedicou todos os minutos ao acontecimento. A terreola, em que se instalara, ficava bastante longe das linhas de combate e dispunha-se a festejar o Natal, que o terror afagara no ano anterior. A Maria já não podia trabalhar e vivia de esmolas. A debilidade exaltava-lhe os pensamentos, e, de noite, no estábulo onde se refugiava, sofria

insônias abraçadoras e visões que a faziam estremecer de delícia. No dia vinte e quatro ainda saíu e recusou o pão, pedindo somente trapos e leite.

— Para mim nada quero — suspirava —. Dêem-me para ele... somente para ele:

Ao socorrê-la, diziam-lhe algumas mulheres:

— E se é uma rapariga?

Estas palavras ofendia-na e respondia em tom irritado, mais de extranhar se nos lembramos da sua natural mansidão.

— Há-de ser um rapaz!

Logo que juntou alguma roupa meteu-se no seu refúgio e, trémula de certeza, dispôs-se a esperar. Amortecidos pela distância chegavam-lhe os rumores da festa; no ar frio e seco dilatava-se, de vez em quando a ingenuidade dalguma cantiga, e adormecida pela ilusão, pelo calor do estábulo, fechou os olhos e perdeu a consciência. Passou assim muito tempo; entre sonhos, ouviu doze badaladas, e uma profunda dôr torceu-a toda. O milagre sangrento da vida ia-se consumir. A boca contraiu-se-lhe,

(Conclue na pág. 74)

Lincoln

TIPO AMERICANO

CH. 1.20

SIMPLESMENTE UM Bom Cigarro

A CIA. DE CIGARROS CASTELLÕES apresenta esta marca em **EMBALAGEM FESTIVA** de 200 cigarros, própria para **PRESENTES de FESTAS DE NATAL e ANO BOM.**

O esplendor da beleza feminina refulgindo numa cutis tratada com esmero...



... e um fascinante sorriso de inefável prazer após uma aplicação de Leite de Rosas! *

Goste, Você, também, os benefícios da vida ao ar livre, protegendo sua cutis com Leite de Rosas.

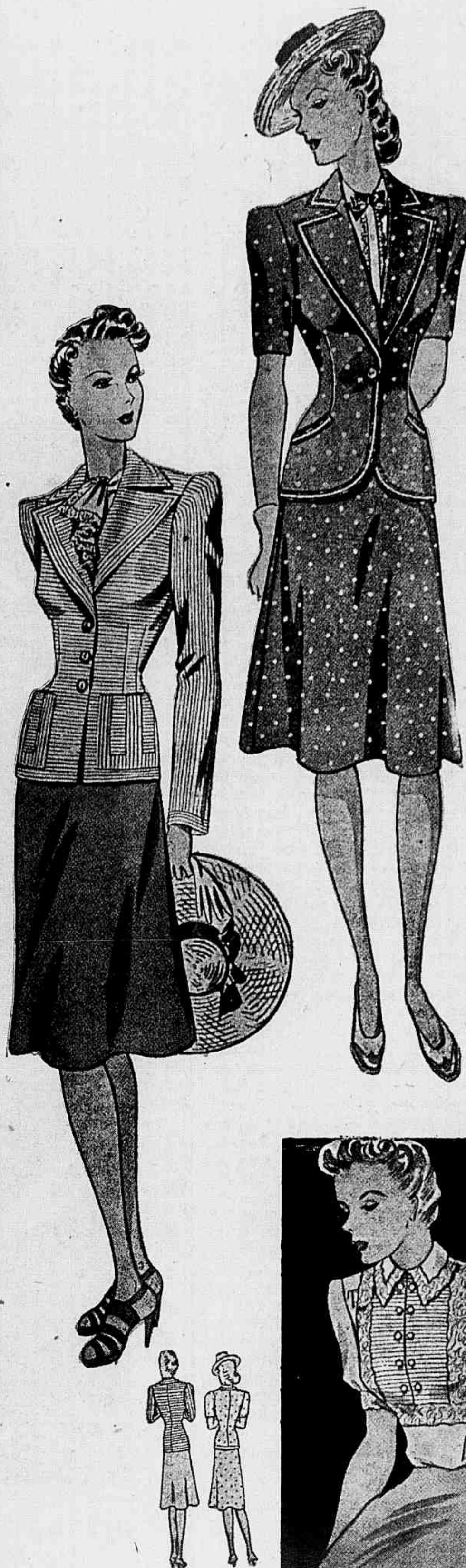
Leite de Rosas

—O PREPARADO QUE DÁ "IT"—

Limpa, clareia e acetina a cutis, eliminando espinhas, sardas, pontos e manchas. Desodorante ideal, conserva a pele e as vestes permanentemente perfumadas.

BLUSAS e COSTUMES

As blusas continuam em plena voga, usadas em conjunto de duas peças, simplesmente, ou no modelo classico do costume.



FESTEJE O NATAL...

Contribuindo para a

ITÓRIA!



O racionamento de gás — medida imposta pelas necessidades de guerra — não impede que as donas de casa festejem o Natal, desde que obedeçam rigorosamente às restrições de consumo criadas pela gravidade do momento... Economizar gás é uma forma sadia de patriotismo e um meio de apressar a Vitória...



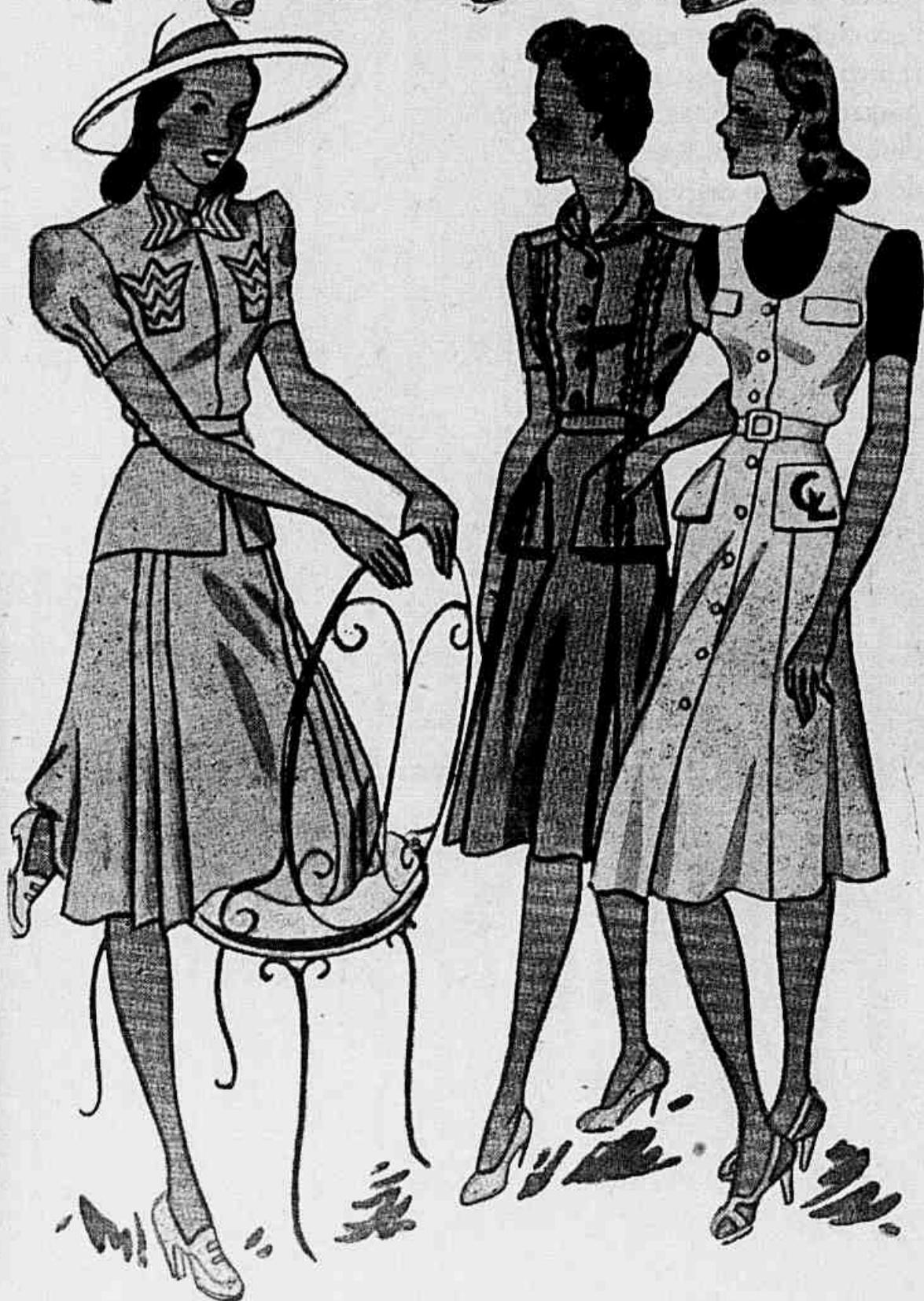
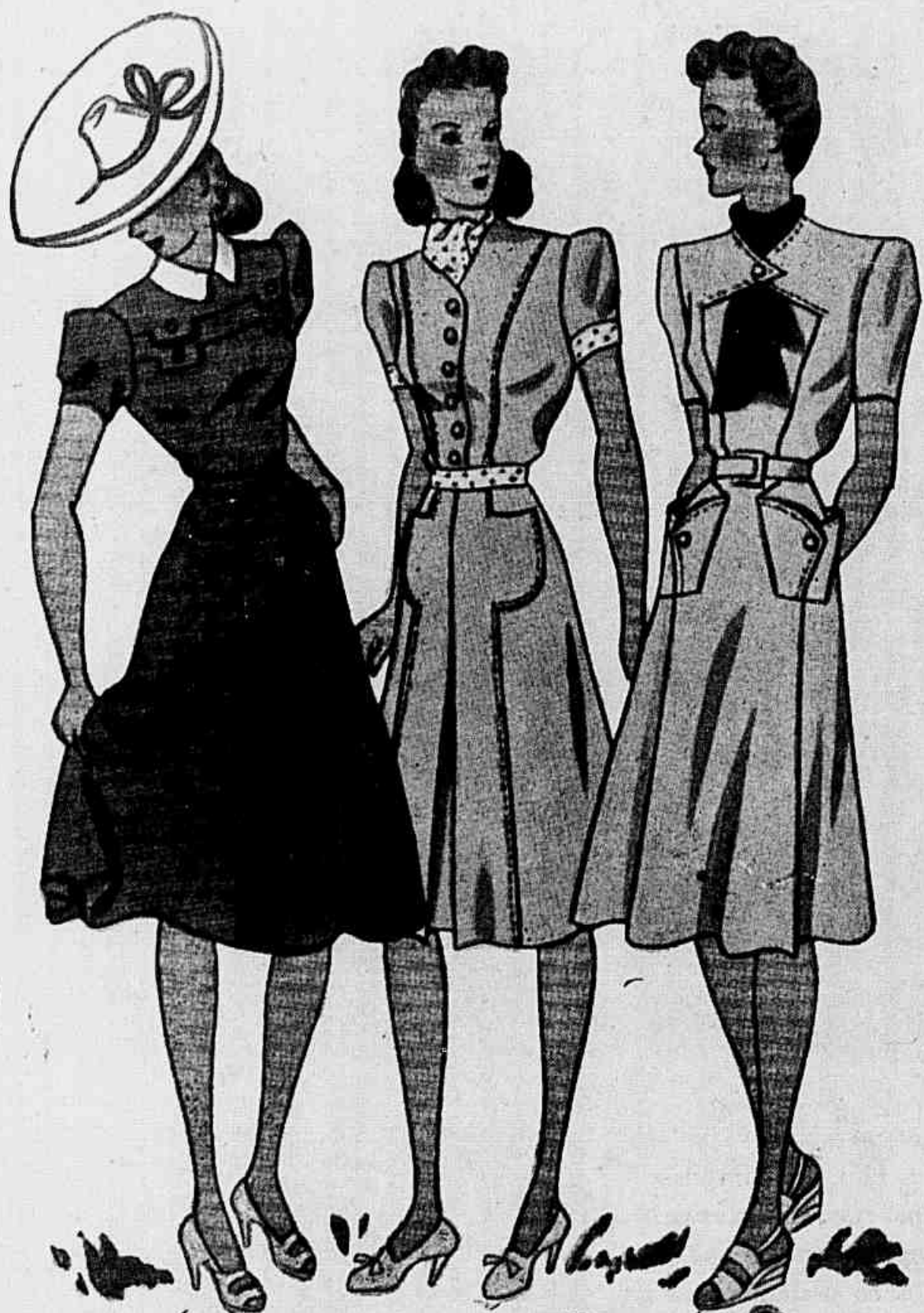
BOAS FESTAS

da

S. A. DU GAZ DE RIO DE JANEIRO



PARA O VERÃO



Os vestidos deste verão obedecem a uma grande sobriedade de linhas e de cores. Nesta página oferecemos meia dúzia de modelos, para tecidos claros, duma tonalidade apenas.

"O PERFEITO. MAQUILLAGE",
começa com a
**BASE CIDADE
E CAMPO**

de

Helena Rubinstein



QUE dá ao seu pó de arroz uma aparência suave de pérola.

Base para Maquillage "Cidade e Campo" protege sua cutis e conserva o maquillage perfeito e inalterável horas seguidas...

As linhas diminutas e as imperfeições desaparecem e a pele torna-se mais aveludada. Examine os seus delicados tons na

CASA CIRIO

Rua do Ouvidor, 181 — Rio de Janeiro



A SENHORA USA "ANQUINHAS"?...

... "Espartilhos"? = "Coeletes de barbatana"? Claro que não!

Todos os "trucs de beleza" já vão sendo substituídos pela beleza natural conseguida pela higiene e pelo sport.

Cílios engomados e cobertos de tinta, não são cílios naturais, são cílios de boneca.

Só o uso continuado de Cilion será capaz de fazer cílios naturalmente longos, escuros, recurvos e sedosos.

CILION não é um "Truc" — é um produto da ciência a serviço da saúde e da beleza.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL

O Lar

ARQUITETURA E CONSTRUÇÕES

Marcos Amoroso Costa

ENGENHEIRO ARQUITETO — Diplomado

RUA NASCIMENTO SILVA, 196

Tel. 27-8645



Obra: Rua Pompeu Loureiro n. 70
(RESIDENCIA) CASA 1ª.



Os moveis de vidro ainda não são comuns entre nós. Entretanto, veja-se que lindos efeitos se podem obter na decoração de um apartamento moderno, empregando mesinhas, biombos e outras peças do mobiliário em vidro.



MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

* As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade, em certos casos, de pagamento.



JOALHERIA

ALUREA

JOIAS -- Ultimos modelos

Pratas portuguesas

RELOGIOS DOS MELHORES
FABRICANTES SUISSOS

Riquissimo sortimento
em artigos para presen-
tes, importados exclusi-
vamente para as festas
de Natal e Ano Novo.

RUA DO OUVIDOR, 124

NOVOS MODELOS DE CHAPÉUS

*Chapéus, rêdes, lenços neste verão
se equivalem. Vemos, aqui, alguns
chapéus elegantes e um lindo lenço,
disposto com a mesma graça de
um chapéu.*



CREME DE MILHO

“LUX”

Em pacotes de celofane
de um e meio quilo.

Produto muito imitado, mas
nunca igualado, alimento ideal
para adultos e crianças, em
mingaus, bolos e biscoitos.

Fabricação do
“Moinho da Luz”

Exija pela marca “LUX”
nas casas de primeira ordem



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

O GANSO DE NATAL

(Continuação da pag. 5)

— Mas é pouco, Senhor! Se ao menos lhe juntassem umas couves, uma boa quantidade de miolo de pão...

Nosso Senhor tornou a refletir e disse:

— Vamos fazer o seguinte: Trataremos de dormir um pouco e, enquanto isso, a ave se cozinhará. Quando acordarmos, aquele que houver tido o mais belo sonho, come-la-á sozinho.

Deitaram-se e adormeceram. Uma ou duas horas depois, Nosso Senhor acordou e chamou os companheiros:

— Levantai-vos! Bom, agora vamos a saber... Dize tu primeiro, Pedro: Que foi que sonhaste?

— Sonhei, Senhor, que era vosso mordomo, tinha a chave dos vossos domínios e vos servia fielmente.

— Está bem, meu mordomo serás! disse o Mestre, tomando entre as benditas mãos a cabeça do apóstolo. — Pois eu sonhei que estava no céu, porque já não havia neste mundo criaturas ignorantes nem indigentes nem maldosas; cada campônio possuía o seu pedaço de terra e toda a gente vivia satisfeita.

— E' vosso o ganso, Senhor! Tivestes o mais belo sonho possível!

Assim dizendo, e embora a fome o afligisse, Pedro falava sinceramente.

— E tu, Judas, que sonhaste? perguntou Nosso Senhor ao ruivo que se aproximava preguiçosamente, esfregando os olhos e bocejando.

— Eu, Senhor? Sonhei... Sonhei que me levantava e comia o ganso, sozinho... murmurou ele, de cabeça baixa e olhos pregados no soalho.

— Também não foi mau sonho... opinou complacientemente o Mestre. — Olá, hospedeira! Trazei esse ganso duma vez!

Mas a dona da casa acudiu e declarou que o “cabeça de fogo” tinha devorado a ave inteira sem deixar sequer um osso para o cão.

Nosso Senhor olhou Judas misericordiosamente e perguntou ainda:

— Sonhaste deveras, Judas, que comias o ganso? E era um belo sonho?

— Sim, um belo sonho... repetiu o discípulo, sem olhar de frente e repuxando a barba côr de braza.

— Deveras, Judas? Pois bem, fica-te sozinho; continua a sonhar à tua vontade e em companhia de quem te aprouver. Eu e Pedro iremos procurar por aí fóra quem não pense em nos enganar.

Partiram ambos. E eis porque, na Polônia, o povo observa a vigília de Natal, enquanto que os herejes dormem a solto.

Quer formar uma biblioteca de autores estrangeiros?

(Conclusão da pag. 15)

diano”. Acrescento que Melville, nascido em 1819, morreu em 1891. Poucos romances alemães; porém o genio alemão não se volta particularmente para o romance; pelo menos no sentido em que os franceses, os ingleses, os russos, os americanos entendem este termo. A maior parte de suas ficções obedece a fontes históricas: é a condição tipo para escrever más obras. Pelo menos, pôde-se achar facilmente: Goethe: “Werther”, “As afinidades eletivas”, “Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister”; Jean Paul Richter: “Hesperus” (edição Stock). As edições das “Cartas de Lausanne” publicaram “Henrique, o Verde”, de Gottfried Keller, romancista de Zurich, tornado um dos clássicos da literatura alemã. Enfim, pelos cuidados da casa Fayard e da “Nouvelle Revue Française”, possuímos as obras capitais de Thomas Mann.

De J. P. Jacobsen pôde-se achar ainda “Niels Lynhe” e “A senhora Maria Grubbe”, mas por que deixar de lado essas incomparáveis novelas que Rilke e Charles Van Lerberghe elevaram tão alto? Rieder oferece-nos um Knut Hamsun que em breve estará completo, segundo espero; diversos editores, Selma Lagerlof.

Não pretendo acentuar que esta lista seja completa, nem falar somente em meu nome pessoal. Os autores que acabo de citar representam mais ou menos os clássicos do romance, na opinião dos letrados europeus. Eu poderia ter acrescentado outros, que muito aprecio, porém corresponderão a esta quasi — unanimidade de opinião. Os ingleses ficarão admirados de não achar Jane Austen; os americanos, Theodoro Storm. Esses três escritores são entretanto representados entre nós — Henry James, muito deficientemente, ai dele!

O verdadeiro amante de romances não poderia passar sem esses livros do mesmo modo que não poderia dispensar as obras primas francesas: “A Princesa de Clèves”, “Manon Lescaut”, “As Ligações perigosas”, Balzac, Stendhal, Mérimée, George Sand, “Os Miseráveis”, Flaubert, “Adolphe”, “Domínique”, “Volupia”, “Pleiades”, os Goncourt, Zola, Daudet, Barbey d'Aurevilly, Maupassant, Huysmans e outros mais que não estão ainda no seu verdadeiro lugar e aos quais a posteridade ha de conduzir até lá.

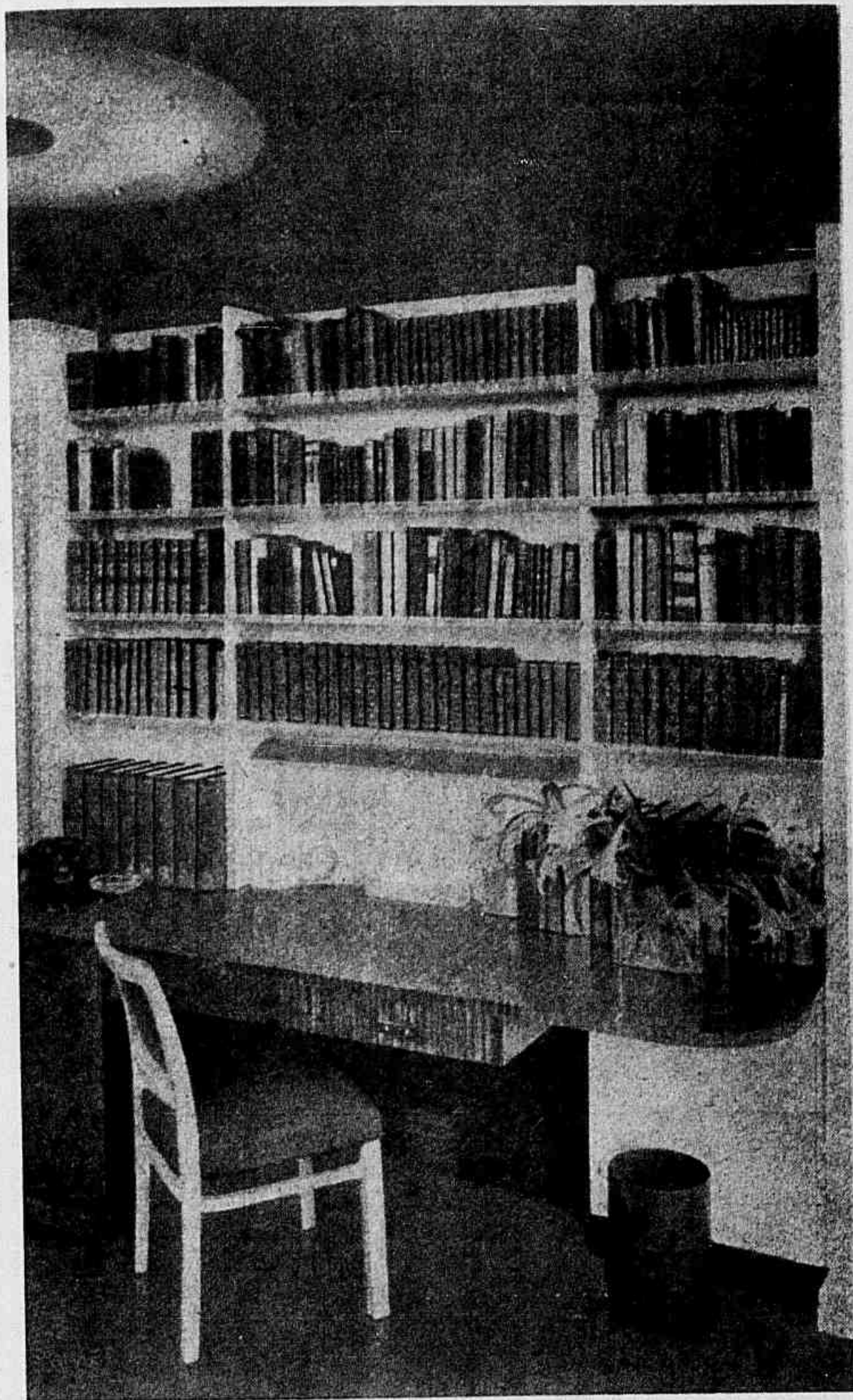
F. JOHNSON & CIA.
PAPEL

NACIONAL E ESTRANGEIRO

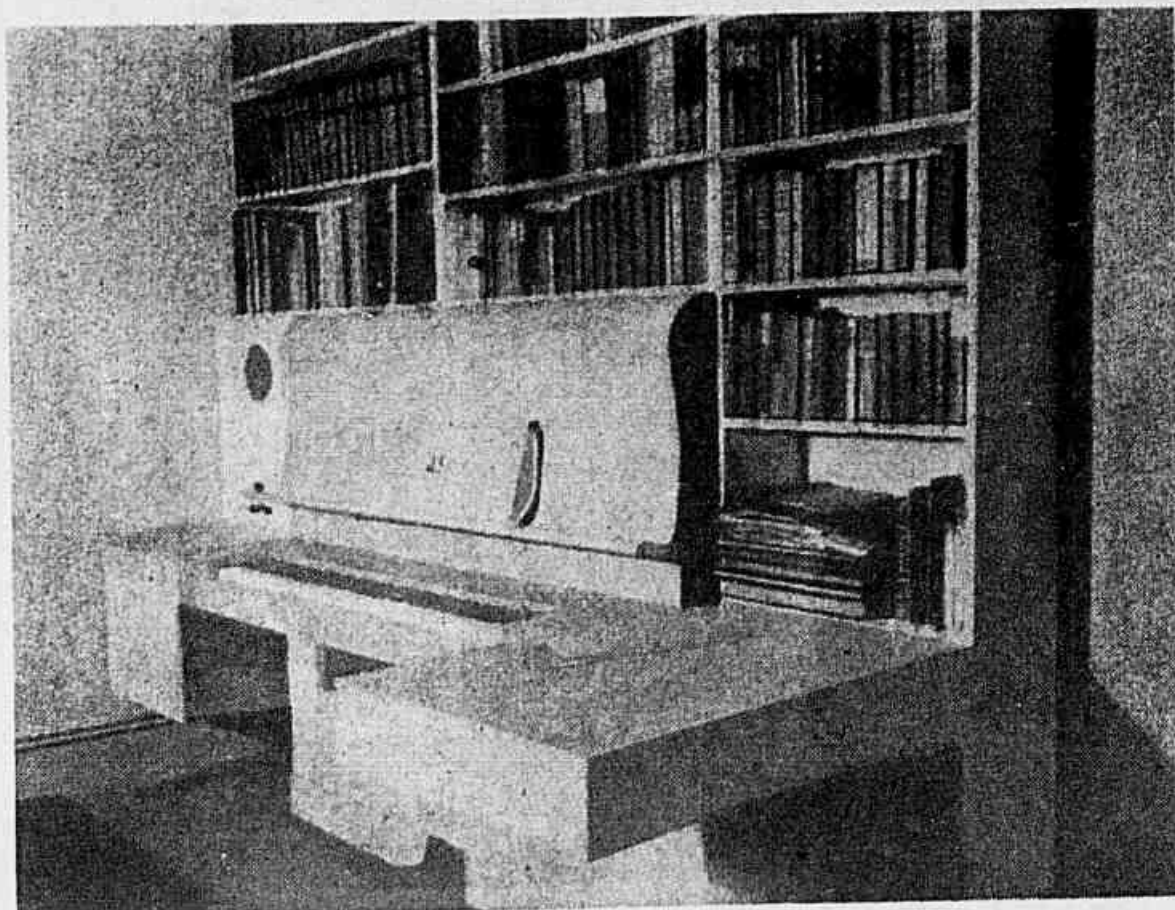
Rua General Camara 118

TEL. ARMAZEM 23-0607
ESCRITORIO 23-0755

ENTRE SEUS LIVROS



Nada torna o ambiente doméstico tão agradável e atrativo como a presença de muitos livros. Bem arranjados, eles têm também grande valor decorativo. As fotos desta página mostram a maneira como os especialistas modernos aconselham distribuir o espaço em casa para os livros. São perfeitamente viáveis e facilmente aproveitáveis estas sugestões. Em cima uma mesa de trabalho, em baixo um piano.



NAS MULHERES BONITAS

A pele é quase tudo.
Conserve a sua cutis bonita e
saudável, usando os produtos de

Mme. GRAÇA

Oleo de Violetas — Creme
Anti-rugas — Adstringente
— Creme de Cêra Virgem —
Balsamo Branco

Deliciosamente perfumados.

OS DISTRIBUIDORES

ESPAÑA PARAMÉS E IRMÃO

FORNECEM CATALOGOS GRATUITAMENTE

Alfandega, 181 - Tel. 43-2417 - Rio - Caixa Postal 895



INDUSTRIA DE TINTAS E VERNIZES

Cottomar Ltda

TINTAS FINAS DE IMPRESSÃO
TINTAS PARA FINS INDUSTRIAIS, ARQUITETURAIS, ETC.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SÉDE EM LISBÔA — FUNDADO EM 1864

CAIXA DO TESOURO E EMISSOR NAS COLONIAS
PORTUGUESAS (EXCETO ANGOLA)

Filiais nas principais Cidades de Portugal, Ilhas e Africa.

Filiais no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Pará e Manaus.

Filiados em Londres, Paris e New York.

DEPÓSITOS, EMPRESTIMOS, DESCONTOS DE DUPLICATAS E COBRANÇA DE LETRAS ÀS MELHORES TAXAS DO MERCADO. GUARDA DE VALORES, COMPRA E VENDA DE TÍTULOS NA BOLSA E COBRANÇA DAS RESPECTIVAS RENDAS. ACEITA PROPRIEDADES EM ADMINISTRAÇÃO. OPERAÇÕES DE CAMBIO, COMPRA E VENDA DE MOEDAS, ÀS TAXAS MAIS VANTAJOSAS. COFRES DE ALUGUEL EM CASA FORTE, PARA GUARDA DE VALORES.

RIO DE JANEIRO

Sub-Agencia: RUA SANT'ANA, 182 — Filial: RUA DA QUITANDA, 120
Endereço telegrafico: COLONIAL — Telefone: 23-1776

METALURGIA

L. B. de Almeida & Cia.

CASA FUNDADA EM 1881

Fabrica de

Cofres e Fogões PROGRESSO

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

- ◆ Cofres á prova de fogo.
- ◆ Portas de aço ondulado.
- ◆ Fogões Economicos a lenha, carvão e gaz.
- ◆ Fundição de ferro, bronze e aluminio.
- ◆ Deposito de ferro e chapa de qualquer bitola.
- ◆ Secção galvanoplastica de niquel, cobre e cromo.
- ◆ Cadeiras para barbeiro e dentista (Marca patenteada).
- ◆ Esmaltagem e pintura a Duco em qualquer côr.

ESCRITORIOS E OFICINAS:

Rua dos Arcos, 28 a 42 • Rio de Janeiro

End. Telegrafico: COFRE
Cofres: RIBEIRO e SAMUEL

Telefones: } Arm. 22-0409 — 22-1718
Esc. 22-1342. Esc. Tec. 42-4675

A marca de PÉS DORIDOS está arruinando a sua face?



Dóres nos pés podem fazer-lhe parecer anos mais velha do que é.

Faces sulcadas pela dor, falta de disposição, nervos cansados, fadiga, mal-estar - estes são alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés.

O Dr. Wm. M. Scholl, notável autoridade sobre males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. Estes contribuidores para a felicidade dos pés são vendidos nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é pequeno. Procure a marca Dr. Scholl.

CALOS - DÓRES NOS DEDOS

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL aliviam imediatamente as dores e extirpam suavemente os calos; eliminam a pressão do calçado; macios e acolchoados, impedem a formação de calos, dores nos dedos e bolhas dagua.



CALOSIDADES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos especiais para calosidades, aliviam a dor, amaciam e suavizam a pressão sobre o ponto dolorido; desprendem rapidamente e extirpam as calosidades.



JOANETES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos apropriados para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas; eliminam a pressão do calçado.



ARCOS DÉBEIS

O FOOT-EAZER DR. SCHOLL e exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doridos, as dores na perna e pé quando devido à debilidade ou caída dos arcos.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O BALSAMO PÉDICO DR. SCHOLL dá alívio imediato, eliminando a ardência e cansaço dos pés muito doloridos.



PÉS SENSÍVEIS

O PÓ ANTISÉPTICO DR. SCHOLL normaliza a transpiração e refresca os pés sensíveis; torna cômodo o calçado apertado.



JOANETES

O REDUZIDOR DE JOANETES DR. SCHOLL, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do sapato, corrige a saliência e evita que se deforme o sapato.



Peritos do Dr. Scholl sempre à sua disposição para conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Peça exame sem compromisso de compra.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS

Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO

51A-20

O Deus-Menino

(Continuação da pag. 67)

pensou repentinamente no perigo de dar à luz o filho, sem ter quem o defendesse dos primeiros perigos, e deu um grande grito, que lhe pareceu maior do que as suas forças, ainda maior do que ela própria. No retorcer do sofrimento a ideia indecisa começou-se a deslindar, a fixar até a iluminar deslumbradamente; "Não, o mundo não estava redimido; os homens eram perversos, amavam o exterminio e o cheiro a sangue; as mãos conservavam o ímpeto de Caim; e a guerra não era mais do que o último esforço do demônio antes de nascer aquele que o havia de vencer..." Como se até a própria dor lhe fosse alheia, a percepção da realidade enfraqueceu-se: entre as traves do tecto viu, na escuridão da noite, o rutilar puro duma estrela; depois entraram três sombras confusas, inclinaram-se-lhe sobre o corpo, separaram e envolveram a nova vida gemebunda. Num canto acendeu-se uma fogueira e o perfume das giestas foi como um místico incenso. Todos os gestos adquiriram expressões de oferenda e julgou ver turbantes orientais, caudalosas barbas; do fundo do estábulo, a vaca branca e acobreada dirigiu para a luz os olhos meigos e estendeu para o grupo os beijos húmidos de baba. A Maria sentiu o cálido bafo, que foi para ela o melhor aroma. Não estava também, no outro canto, um jumento, um paciente, um humilde e castigado jumento? Sim, não importava que ela não visse: estava, sem dúvida, oculto na penumbra... Só então compreendeu porque não lhe custou renunciar às ambições de nobreza: um destino mais alto preparava-lhe nas entranhas o advento do ser, não precedido de prazer ou pecado, daquele que a Humanidade, por equívoco, julgou ver nascer e morrer na terra de Galiléa, há vinte séculos.

Uma das sombras protetoras disse:

— Pobre mulher!

E ela ouviu-a dizer:

— Já nasceu aquele que havia de chegar?

Outra acrescentou:

— E' sempre assim; não sei se faz mais pena do que raiva.

E ela ouviu:

— Esta mulher caída é a rainha do mundo: trouxe-o no ventre.

A outra disse:

— E' uma coisa horrível um recém-nascido.

— E' uma scentelha de ouro, uma chama de ouro.

A razão foi-se-lhe pouco a pouco escapando da mente, e em seu lugar ficou uma resplandecente ilusão. Quando se reanimou pegou na criança e fugiu do hospitalário refúgio com medo de que alguém a quisesse degolar. Ia pelos caminhos, à mercê do sol e da chuva, ora esquivando-se dos viandantes ora saindo-lhes ao encontro. Se descobria nos rostos sinais de dureza, escondia a criancinha e dizia angustiada:

— Não lhe façam mal... Não sou eu quem procuram; juro... Não me chamo Maria e este menino não é ele; é uma pobre criança como outra qualquer...

E dizia aos outros com voz misteriosa e os olhos cheios de luz:

— Ajoelhai, pecadores!... Olhai que é Ele! Nasceu num presépio; do meu pobre corpo... Dizei a toda a gente que o vistes, que já está neste mundo, que não sofram mais!

Conto do Natal

(Continuação da pag. 12)

degraus do trono. Ela, porém, incapaz de compreender a dor alheia, ria por entre lágrimas.

Pegou na corôa e acariciou-a brandamente, como quem acariciasse uma criança.

Era de ferro, dura, lavrada a golpes.

O frio do ferro pareceu sacudir-lhe a alma, com vibração magnética.

— Filho! gritou ela, correndo para o berço. — Aqui tens o teu presente de Reis.

— Onde está? perguntou a criança, já acordada.

— Aqui o tens. E' a corôa, a tua corôa... Tu também és rei.

Tomou-a nas mãos, precipitadamente, o pequenino rei, assustado com a emoção da mãe que não sabia se devia rir ou chorar. Porém a dureza do ferro feriu-lhe as mãos. O símbolo da realeza tingiu-se de vermelho.

Gritou a criança, olhando as mãozinhas em sangue, como se a sua inocência adivinhasse todos os pesadelos encerrados naquele presente de Reis, que tantas dores havia causado para chegar até ele... E atirou-o fóra, balbuciando, irritado e trêmulo:

— A corôa?! Não quero... Faz sangue!

E a corôa caiu no chão. Como se fosse a cabeça decapada do rei intruso que resvalara pelos degraus do trono, vibrou com som lúgubre ao ir de encontro, na sua dureza de ferro, aos mármorees do pavimento.

Chorava a sua derrota.

DERMOFLORA

Sabonete antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais. Indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas, etc. Produto da FLORA MEDICINAL — Formula do Dr. MONTEIRO DA SILVA — Licenciado pelo Departamento Nacional da Saúde Pública.

J. MONTEIRO DA SILVA & Cia.
RUA DE S. PEDRO, 38 — RIO DE JANEIRO

CONTRA HEMORRHOIDAS

E SUAS CONSEQUÊNCIAS



...USE

**PILULAS DE HERVA
DE BICHO COMPOSTAS
IMESCARD.**



GARANTIDAS!
OPTIMAS!
INFALIVEIS!

**ENCONTRAM-SE
EM TODO BRASIL**

*Promessa perigosa?
Aventura inédita?*



Um olhar que magnetiza outro olhar? Súbito, mergulho num abismo de promessas vertiginosas? E há febre de sonhos inéditos? Pois, envolva-se na cálida, volutuosa fragrância deste perfume... e dizendo seu nome, murmure — Pourquoi-pas!

POURQUOI-PAS
por ATKINSONS



Seja atraente!



EXIBINDO SEMPRE
**UMA PLASTICA
PERFEITA**
GRAÇAS AO USO
CONSTANTE DAS
MODERNÍSSIMAS
CINTAS E DOS INE-
GUALÁVEIS MODE-
LADORES DE
A CINTA MODERNA

RIO — SÃO PAULO — B. HORIZONTE
INSTITUTO DE BELEZA PLASTICA



A CINTA MODERNA

URUGUAYANA N. 47 — TEL. 43-6013 — RIO.

T.